

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**

**BRENDO HENRIQUE DA SILVA COSTA**

**SEMENTES CRIOULAS: RESISTÊNCIA CAMPONESA À COLONIZAÇÃO DA  
VIDA NO SUDOESTE DO PARANÁ**

**PATO BRANCO**

**2023**

**BRENDO HENRIQUE DA SILVA COSTA**

**SEMENTES CRIOULAS: RESISTÊNCIA CAMPONESA À COLONIZAÇÃO DA  
VIDA NO SUDOESTE DO PARANÁ**

**CREOLE SEEDS: PEASANT RESISTANCE TO THE COLONIZATION OF LIFE IN  
SOUTHWEST PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional

Orientadora: Dra. Josiane Carine Wedig  
Coorientadora: Dra. Helena Rodrigues Lopes

**PATO BRANCO**

**2023**



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Atribuição – Uso Não Comercial (CC BY-NC) - Permite que outros remixem, adaptem e criem obras derivadas sobre a obra licenciada, sendo vedado o uso com fins comerciais. As novas obras devem conter menção ao autor nos créditos e também não podem ser usadas com fins comerciais. Porém as obras derivadas não precisam ser licenciadas sob os mesmos termos desta licença.



**Ministério da Educação  
Universidade  
Tecnológica Federal do  
ParanáCampus Pato  
Branco**



---

BRENDO HENRIQUE DA SILVA  
COSTA

**SEMENTES CRIOLAS: RESISTÊNCIA CAMPONESA À COLONIZAÇÃO DA  
VIDA NO SUDOESTE DOPARANÁ**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Desenvolvimento Regional Sustentável.

Data de aprovação: 28 de  
Fevereiro de 2023

Dra. Josiane Carine Wedig, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Gabriel Bianconi Fernandes, Doutorado - Cta-Zm / Centro de Tecnologias  
Alternativas da Zona da MataDra.

Hieda Maria Pagliosa Corona, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná

Dra. Patricia Binkowski, Doutorado - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 28/02/2023.

Dedico este trabalho à minha amada mãe Ana Rita  
[*in memoriam*], por todos os esforços feitos para que  
eu pudesse realizar os meus sonhos

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Ana Rita, pelo amor, carinho e cuidado que sempre teve por mim e pelos meus irmãos Diego, Jean e Laiane. Mesmo não estando mais aqui, sei que a senhora continua olhando por nós. Te amo!

À minha mãe da vida Regina Siqueira, pelo amor e cuidado que sempre teve por mim e pelos meus irmãos.

Aos meus sobrinhos Philipi, Pablo, Salomão e Ícaro, por tornarem meus dias mais felizes.

À Lila Lima, Claudiney Oliveira, Ivani Costa e a todas as pessoas da Mantiqueira, por sempre estarem presentes nos momentos difíceis.

À minha coorientadora Helena Rodrigues Lopes, pela generosidade, respeito e companheirismo.

À minha orientadora Josiane Carine Wedig, a melhor professora e pessoa desse mundo, serei eternamente grato por ter me mostrado que existe uma outra agronomia. Obrigado, Josi e Helena, por não terem desistido de mim, quando eu mesmo já havia feito isso.

Às professoras Hieda Corona e Patrícia Binkowski e ao professor Gabriel Fernandes, por aceitarem compor a banca e pelas valiosas contribuições para a dissertação.

A todas/os as/os professoras/es do PPGDR, por todos os momentos de compartilhamento de conhecimento.

À Thaís Koba, secretária do PPGDR, por sempre estar disposta a nos ajudar a lidar com as burocracias.

As agricultoras e agricultores que me permitiram entrar em suas casas e conhecer um pouco mais desse mundo incrível possibilitado pelas sementes crioulas.

À equipe do CAPA, em especial Talita Slota Kutz e Jeniane Oliveira, pelo apoio e ajuda na condução desta pesquisa.

À equipe da Assesoar, em especial Elisângela Bellandi e Janete Fabro, pela disponibilidade em participar desta pesquisa.

À Alexander Rasmussen, Emanuel Miranda, Lucas Dallacorte e Matheus Henrique, pela parceria nesse tempo de república.

Aos amigos da agronomia Ana Flávia Padilha, André Simonetti e Jaque Hagn, pela amizade e por sempre estarem por perto quando mais precisei.

À Angélica Servegnini, por compartilhar livros que nos possibilitam voltar ao chão, quando tudo está um caos. Serei eternamente grato por ter me levado a pesquisar com a professora Josi.

À Larisse Gonçalves, Luana Santos, Luís Gustavo Rios, Mary Helen Debastiani e Wesley Emmanuel, pela amizade durante esse período de PPGDR, somos sobreviventes de toda essa loucura.

E a todos aquelas e aqueles que estiveram presentes nessa etapa, meu muito obrigado.

Por fim, meu agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Sem o financiamento de pesquisa, esta dissertação não seria possível.

Ser um é sempre *devenir* com muitos.  
Donna Haraway (2022)

## RESUMO

Esta dissertação busca compreender os saberes localizados mobilizados pelas/os agricultoras/es do Sudoeste do Paraná em suas relações com as sementes crioulas. Os saberes localizados são aqueles produzidos e contextualizados por meio de experiências específicas e situadas em um tempo e espaço determinados. As sementes são elementos-chave na produção dos alimentos e estão intimamente ligadas aos saberes e práticas das comunidades que as cultivam. Essas sementes, denominadas na região em estudo como sementes crioulas, são fruto de saberes acumulados ao longo de gerações, que se adaptaram às condições climáticas, ecológicas e geográficas. A emergência do sistema-mundo colonial/moderno, a partir do século XV, promoveu intensas rupturas nas interações entre humanos, sementes e outros seres vivos. Os sistemas agrícolas foram simplificados, por meio do estabelecimento das *plantations*, que instituíram a mercantilização de plantas, animais e pessoas, levando à intensificação das monoculturas. Decorrente disso, surge o Plantationoceno. Com a Revolução Verde, novas configurações entre agricultura e indústria levaram ao controle das sementes por empresas multinacionais, localizadas fundamentalmente no norte global. Ao mesmo tempo, agricultoras/es, indígenas e outras comunidades tradicionais continuaram a defender o uso e a reprodução de suas sementes e de suas formas de fazer agricultura. A pesquisa foi desenvolvida através da realização de etnografia, com ênfase em entrevistas, observação participante e análise documental. Adotando o pressuposto da chamada etnografia multiespécies, esta pesquisa esteve atenta a outros seres que vão se associando às sementes e aos humanos nessa tessitura de saberes, a saber, plantas, animais, terra, água, microrganismos etc. Os resultados da pesquisa demonstram que as relações estabelecidas com as sementes crioulas transbordam o cultivo e a agricultura em si, pois envolvem afetividades, trocas entre vizinhos e famílias, reconhecimento coletivo, participação em festas e feiras de sementes. Além disso, as/os agricultoras/es expressam o sentimento de medo de que essas sementes desapareçam, em razão do avanço da agricultura convencional na região, que faz uso intenso de sementes transgênicas e agrotóxicos, práticas associadas à erosão da biodiversidade. Assim, a pesquisa aponta ainda agendas futuras, sobretudo, ao que se refere à conservação das sementes crioulas enquanto estratégia de proteção da sociobiodiversidade e da própria agricultura de base familiar, já que as sementes são capazes de mobilizar desde a produção de alimentos ao afeto.

Palavras-chave: sementes crioulas; saberes localizados; Plantationoceno; relações multiespécies.



## ABSTRACT

This dissertation seeks to understand the localized knowledge mobilized by the farmers of the Southwest of Paraná in their relations with the Creole seeds. Localized knowledge is produced and contextualized through specific experiences and situated in a given time and space. Seeds are crucial elements in food production and are closely linked to the knowledge and practices of the communities that grow them. These seeds, called in the region under study Creole seeds, result from knowledge accumulated over generations, which have adapted to climatic, ecological, and geographical conditions. The emergence of the colonial/modern world-system, from the fifteenth century onwards, promoted intense ruptures in the interactions between humans, seeds, and other living beings. Agricultural systems were simplified through the establishment of plantations, which instituted the commodification of plants, animals, and people, intensifying monocultures. As a result, Plantationocene emerges. With the Green Revolution, new configurations between agriculture and industry led multinational companies in the global north to control seeds. At the same time, farmers, indigenous peoples, and other traditional communities continued to advocate for using and reproducing their seeds and ways of doing agriculture. The research was developed through ethnography, emphasizing interviews, participant observation, and documentary analysis. Adopting the assumption of the so-called multispecies ethnography, this research was attentive to other beings associated with seeds and humans in this fabric of knowledge, namely, plants, animals, earth, water, microorganisms, etc. The research results demonstrate that the relationships established with Creole seeds overflow the cultivation and agriculture because they involve affections, exchanges between neighbors and families, collective recognition, and participation in festivals and seed fairs. In addition, farmers fear that these seeds will disappear due to the advance of conventional agriculture in the region, which makes intense use of transgenic seeds and pesticides, practices associated with the erosion of biodiversity. Thus, the research also points to future agendas, especially regarding conserving Creole seeds to protect sociobiodiversity and family-based agriculture since seeds can mobilize from food production to affection.

*Keywords: Creole seeds; localized knowledge; Plantationocene; multispecies relationships*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da Região Sudoeste do Paraná.....	25
Figura 2 – Guia de serviços de colonização, relatando distribuição de sementes de hortaliças .....	35
Figura 3 - Guia de serviço de colonização, relatando a distribuição de sementes de trigo.....	36
Figura 4 – Distribuição florestal do Paraná entre 1890 e 1990 .....	38
Figura 5 - Dona Lourdes e suas sementes na Festa do Milho Crioulo, em Anchieta/SC .....	47
Figura 6 - Local de cultivo das sementes crioulas de Dona Marilu .....	49
Figura 7 - Sementes que Dona Marilu conseguiu na 17ª Festa Regional das Sementes de Mangueirinha/PR em 2022 .....	50
Figura 8 - Local de cultivo das sementes crioulas de Dona Neiva e Seu Lori ...	51
Figura 9 - Faixa de divulgação da Festa de Sementes Quilombolas do Paraná, durante 19ª Jornada de Agroecologia do Paraná em Curitiba/PR .....	54
Figura 10 - Local de cultivo das sementes crioulas de Francisca .....	55
Figura 11 – Exemplo de um calendário biodinâmico .....	57
Figura 12 - Dona Neiva e Seu Lori e as suas formas de armazenar sementes ..	62
Figura 13 – Dona Lourdes e suas sementes nos litirnhos .....	63
Figura 14 - Dona Marilu e suas formas de armazenar sementes .....	64
Figura 15 - Seu Francisco e suas formas de armazenar sementes .....	66
Figura 16 - Seu Valdemar e suas formas de armazenar sementes .....	67
Figura 17 - Espaço onde Dona Lourdes, cultiva suas sementes crioulas e a barreira feita com cana .....	69
Figura 18 - Feira da Agrobiodiversidade durante a 19ª edição da Jornada de Agroecologia .....	78
Figura 19 - Feira das Sementes crioulas durante a 19ª edição da Jornada de Agroecologia .....	79
Figura 20 - Banca de Seu Isac na Feira de Sementes da 19ª edição da Jornada de Agroecologia .....	80
Figura 21 - Cartazes expostos na oficina sobre sementes crioulas e de denúncia dos transgênicos na 19ª edição da Jornada de Agroecologia .....	81
Figura 22 - Realização dos testes de contaminação por transgênicos durante a 19ª edição da Jornada de Agroecologia.....	82
Figura 23 - Organização do espaço da 17ª Festa Regional das Sementes em Mangueirinha/PR.....	87
Figura 24 - Distribuindo as sementes para a partilha .....	88
Figura 25 - Candidatura dos municípios para receber a próxima edição da Festa Regional das Sementes.....	89
Figura 26 - Troca de sementes entre Dona Vilma e Seu Isac com Dona Floripa .....	90
Figura 27 - Leitura da carta-manifesto da 17ª Festa Regional das Sementes....	91
Figura 28 - Espaço da partilha das sementes na 17ª Festa Regional das Sementes .....	92
Figura 29 - Momento da partilha das sementes na 17ª Festa Regional das Sementes .....	93
Figura 30 - Agricultoras/es do Sudoeste do Paraná na 18ª Feira Regional das Sementes Crioulas do Centro-Sul do Paraná .....	96

<b>Figura 31 - Dona Neusa e Dona Catarina e suas plantas na 18ª Feira Regional de Sementes Crioulas do Centro-Sul do Paraná .....</b>	<b>97</b>
<b>Figura 32 - Lavanda de antigamente de Dona Neusa.....</b>	<b>97</b>
<b>Figura 33 - Seu Isac e Dona Vilma na 18ª Feira Regional de Sementes Crioulas do Centro-Sul do Paraná .....</b>	<b>98</b>
<b>Figura 34 - Artesanatos comercializados por Francisca na 18ª Feira Regional das Sementes Crioulas do Centro-Sul do Paraná .....</b>	<b>99</b>
<b>Figura 35 - Produtos comercializados por Dona Fátima e Seu Darci na 18ª Feira Regional das Sementes Crioulas do Centro-Sul do Paraná .....</b>	<b>99</b>
<b>Figura 36 - Espaço da 18ª Feira Regional do Centro-Sul do Paraná.....</b>	<b>100</b>
<b>Figura 37 - Sementes da Paixão na Festa Regional das Sementes Crioulas do Centro-Sul do Paraná.....</b>	<b>101</b>
<b>Figura 38 - Banca da ReSA, na Feira Regional .....</b>	<b>101</b>
<b>Figura 39 - Mandala de sementes utilizada na benção das sementes durante a 18ª Feira Regional das Sementes Crioulas do Centro-Sul do Paraná .....</b>	<b>102</b>
<b>Figura 40 - A casa de reza, <i>Opy'i</i>.....</b>	<b>104</b>
<b>Figura 41 – Erva-mate sendo defumada.....</b>	<b>105</b>
<b>Figura 42 - Disposição das sementes e frutas para a celebração .....</b>	<b>105</b>
<b>Figura 43 - Momento da consagração das sementes e das frutas .....</b>	<b>106</b>
<b>Figura 44 - Partilha das frutas .....</b>	<b>107</b>
<b>Figura 45 - Bolsas das sementes crioulas distribuídas no PECMAP .....</b>	<b>110</b>
<b>Figura 46 - As sementes do pacotinho.....</b>	<b>111</b>
<b>Quadro 1 – Agricultoras/es entrevistadas/os .....</b>	<b>23</b>
<b>Quadro 2 - Técnicas entrevistadas .....</b>	<b>23</b>
<b>Quadro 3 – Eventos acompanhados .....</b>	<b>24</b>
<b>Quadro 4 – Lista de documentos consultados.....</b>	<b>24</b>
<b>Quadro 5 – Características do habitar colonial .....</b>	<b>30</b>
<b>Quadro 6 - Edições da Jornada de Agroecologia do Paraná .....</b>	<b>74</b>
<b>Quadro 7 - Percurso da Festa Regional das Sementes pelo Sudoeste do Paraná .....</b>	<b>84</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANA	Articulação Nacional da Agroecologia
ASA	Articulação no Semiárido Brasileiro
ASSESOAR	Associação de Estudos Orientação e Assistência Rural
ASSIS	Associação de Agricultura Ecológica São Francisco de Assis
CANGO	Colônia Agrícola Nacional General Osório
CAPA	Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia
CITLA	Clevelândia Industrial e Territorial Ltda
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
ELAA	Escola Latino-Americana de Agroecologia
EMATER	Empresa Brasileira de Extensão Rural
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FEPOUT	Feira de Produtos Orgânicos da UTFPR/ PB
IAPAR	Instituto Agrônômico do Paraná
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IDR	Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná
IFPR	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragem
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MPT-PR	Ministério Público do Trabalho no Paraná
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OMC	Organização Mundial do Comércio
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PANCs	Plantas Alimentícias Não Convencionais
PECMAP	Projeto Emergencial de Conservação e Multiplicação da Agrobiodiversidade
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PPGDR	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
RESA	Rede Sementes da Agroecologia
SECPB	Sindicato dos Empregados do Comércio de Pato Branco
SISCLAF	Cooperativa Central de Leite da Agricultura Familiar com Integração Solidária
SOCLA	Sociedade Científica Latino-Americana de Agroecologia
STF	Supremo Tribunal Federal
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UDR	União Democrática Ruralista
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2 SOBRE A PESQUISA DE CAMPO .....</b>	<b>20</b>
2.1 A etnografia multiespécie .....	20
2.2 O encontro com as agricultoras e agricultores .....	21
2.3 Lócus de Pesquisa .....	25
<b>3 O SURGIMENTO DAS AGRICULTURAS E AS ALTERAÇÕES PROVOCADAS PELA PLANTATION .....</b>	<b>27</b>
3.1 Plantationoceno e o seu processo de redução da vida e aniquilação da biodiversidade .....	29
3.2 Pensar o Plantationoceno no Sudoeste do Paraná .....	33
3.3 Agora eles vendem genes: o processo de captura das sementes pelas <i>plantations</i> industriais .....	39
<b>4 RECEBER, PLANTAR E GUARDAR: AS RELAÇÕES COTIDIANAS COM AS SEMENTES CRIOULAS .....</b>	<b>44</b>
4.1 O que é ser uma/um guardiã/ão de sementes crioulas? .....	44
4.2 Os saberes localizados e as relações com as sementes crioulas ...	56
4.3 Vidros e litros bem fechadinhos: as formas de armazenar sementes 61	
4.4 Transgênicos, agrotóxicos e as ameaças às sementes crioulas .....	67
<b>5 LUTAR, COMPARTILHAR E FESTEJAR COM AS SEMENTES .....</b>	<b>73</b>
5.1 As/os agricultoras/es e as sementes na Jornada de Agroecologia .....	73
5.1.1 A 19ª Jornada de Agroecologia .....	77
5.2 As festas regionais das Sementes no Sudoeste do Paraná .....	82
5.2.1 A 17ª Festa Regional das Sementes: resistindo, partilhando e preservando .....	85
5.3 Feira Regional das Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade do Centro- Sul do Paraná .....	93
5.3.1 A 18ª Feira Regional das Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade .....	94
5.4 <i>Ara Pyau</i> : o “tempo novo” Guarani .....	102
5.5 Projeto Emergencial de Conservação e Multiplicação da Agrobiodiversidade: a pandemia e a relação com as sementes .....	108
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>116</b>
<b>APÊNDICE A - Roteiro da entrevista .....</b>	<b>124</b>

## APRESENTAÇÃO

Esta dissertação está diretamente relacionada ao meu processo de ser e estar no mundo. É parte do que vivi, das caminhadas com aquelas/es que estiveram presentes desde que nasci, como também daquelas/es que chegaram há pouco tempo, das minhas alegrias e da dura despedida daquelas/es que amamos.

Nasci e cresci em Sapucaí-Mirim, em Minas Gerais, uma daquelas cidades onde dizemos que *não tem nada*. Sou filho de uma mãe solo que já trabalhou na roça, na fábrica, foi empregada doméstica e merendeira. Durante a sua curta passagem por esse plano, ela me ensinou muitas coisas, entre elas entender de que lugar do mundo falamos e que muitas das vezes teríamos que lutar para sermos ouvidos. Ainda criança, minha mãe perdeu a visão de um dos olhos, após adquirir uma infecção bacteriana, e como os meus avós eram trabalhadores rurais e não tinham acesso ao sistema de saúde, ela não conseguiu fazer um tratamento para que evitasse a perda da visão.

Minha mãe sempre foi politicamente muito ativa, foi filiada por muitos anos ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Lembro de ser bem pequeno e acompanhá-la nas reuniões do partido. Ela foi uma das fundadoras da associação de moradoras/es do bairro em que moramos por muitos anos, e que foi oriundo de uma doação de terras de uma família, com a intenção de que fossem distribuídos lotes para aquelas/es que não tinham condições financeiras de comprar. Em outro momento, quando começaram as eleições para a escolha de membros do conselho tutelar, lembro de acompanhá-la nos bairros para falar sobre a importância de participar da escolha desses representantes.

Quando ela passou a trabalhar como merendeira, logo integrou a comissão municipal responsável pela merenda escolar. Ela reclamava com a nutricionista quando a prefeitura comprava algum alimento que não tinha muita qualidade, sempre dizendo: *o dinheiro vem para as crianças, então podem comprar coisa melhor para elas*. Muitas dessas crianças só iriam se alimentar daquela comida na escola, e ela queria que fosse uma comida boa. As vezes ocorria, de durante as férias escolares, algumas mães irem até nossa casa para pedir um pouco da comida dela para a/o filha/o, pois elas/es *estavam com saudades da comida da tia Rita*. Uma das coisas mais emocionantes que aconteceram em seu velório foi uma mãe agradecer ao meu irmão por ela sempre ter cuidado do seu filho na escola.

Todo esse envolvimento da minha mãe, em diversas questões sociais, levou-a ficar conhecida na cidade como *barraqueira* ou *encrenqueira*. Hoje consigo entender que sempre que uma mulher se impõe publicamente ela receberá no mínimo esses dois adjetivos. Minha mãe só fazia questão de falar com as pessoas e em especial falar para aqueles que não queriam ouvir o que ela tinha a dizer.

Fui o primeiro da minha família a conseguir concluir o ensino médio e tendo estudado a vida toda em escola pública, a possibilidade de cursar o ensino superior foi, por muito tempo, visto como algo extremamente distante, e o de estudar em uma universidade pública mais ainda. Quando saiu o resultado de que havia sido aprovado no curso de Agronomia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, em Pato Branco, no Paraná, foi uma sensação de que estava conseguindo romper os limites colocados a pessoas como eu.

Em um primeiro momento minha mãe não gostou da ideia de estarmos a mais de 1.000 km de distância, mas isso durou pouco e logo ela já estava contando para todo mundo que eu iria estudar em uma universidade federal. Minha família fez uma vaquinha e a minha mãe vendeu um terço de suas férias, com esse dinheiro pagamos o combustível para um casal de amigos nos levar até Pato Branco. O caminho para o Paraná foi repleto de surpresas, a começar pela paisagem completamente plana que não estávamos acostumados a ver, pois minha cidade natal está localizada na serra da Mantiqueira e a paisagem que nos era habitual eram os vales de morros.

Outra coisa que nos chamou a atenção na paisagem, foi a soja — que nunca tínhamos visto antes — sendo cultivada em longas extensões, apenas atravessada por algumas araucárias solitárias (sua derrubada é proibida por lei, que pouco é cumprida). Em Pato Branco, a minha adaptação não foi muito tranquila, pois a cidade não é um lugar muito acolhedor com quem vem de fora. E o pessoal do curso de agronomia muito menos, ouvi várias vezes comentários de que não deveria fazer agronomia já que não tinha *cara de agrônomo*, expressão que podemos resumir em se vestir parecendo que iria para a Festa do Peão de Barretos, ou porque me interessava pela olericultura e *verdura não dá dinheiro*.

O ambiente do curso de Agronomia é voltado para atender as demandas do agronegócio local, principalmente a produção de soja e milho transgênicos. Um exemplo disso foi apenas ter visto três ou quatro variedades de sementes (soja, milho, trigo e feijão) na disciplina de Tecnologia de Sementes, durante a graduação. Como sempre soube que não queria uma vida pautada na ideia do agronegócio, me juntei

ao grupo de pesquisa em Agroecologia e Olericultura, um dos poucos espaços dentro do curso voltados para pensar outras formas de se fazer agriculturas. Permaneci no grupo por cerca de quatro anos, lá participei de projetos de extensão voltados para a produção de batata orgânica, fui responsável pelo horto didático de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) e por fim fui um dos responsáveis pela organização da feira de alimentos orgânicos que acontece no campus da UTFPR/ PB desde 2016, a Feira de Produtos Orgânicos da UTFPR/ PB (FEPOUT).

As bolsas de extensão que recebi nesse período foram fundamentais, juntamente com o auxílio estudantil, para que eu conseguisse me manter financeiramente na universidade. O grupo me proporcionou experiências muito importantes, como a ida ao Congresso da Sociedade Científica Latino-Americana de Agroecologia (SOCLA), em 2017, que aconteceu em Brasília/DF. A minha ida a esse Congresso foi fundamental para meu ingresso no PPGDR. Os espaços do congresso foram transformadores, ali presenciei outra forma de entender e praticar a ciência, visto que naquele espaço também eram reconhecidos os conhecimentos tradicionais. Ao voltar para a universidade, fui convidado pela Angélica (colega de curso, que também tinha participado do Congresso da SOCLA) para contribuir na criação de um grupo de estudos em agroecologia e gênero, o que me levou a me aproximar dos trabalhos realizados pela professora Josiane. Acompanhei como ouvinte a disciplina de Gênero, Etnicidade e Desenvolvimento Territorial no PPGDR e participei dos espaços de estudos e pesquisas que construímos coletivamente no Grupo de Pesquisa de Gênero, Juventude e Cartografias da Diferença (ARTEMIS).

Esses encontros, foram fundamentais para entender que eu poderia trabalhar na Agronomia temas que sempre foram caros para mim como as questões desenvolvidas em torno dos movimentos sociais e de organizações coletivas. Dessa forma, realizei o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sobre a Jornada de Agroecologia, evento que ocorre anualmente no Paraná desde 2002 e que no ano de 2019, foi realizada em Curitiba. Foi durante a minha participação na Jornada que me deparei com a importância que as sementes crioulas assumem para aquelas/es agricultoras/es que partilhavam sementes e saberes nesses encontros. Isso despertou meu interesse para o desenvolvimento da dissertação nessa temática.



## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação analisa as relações que agricultoras/es da Região Sudoeste do Paraná estabelecem com as sementes crioulas e os saberes localizados que mobilizam.

A história das sementes está ligada ao relacionamento entre humanos e outros seres e é central no surgimento das agriculturas, que ocorreu há aproximadamente 11.500 anos. Esse período, denominado Holoceno<sup>1</sup>, permitiu o cultivo de sementes, em uma intensa interação entre humanos, plantas e animais, gerando uma grande diversidade biológica e cultural (TSING, 2019). As sementes são elementos-chave na produção de alimentos e estão intimamente ligadas aos saberes locais das comunidades que as cultivam. Elas são fruto de saberes acumulados ao longo de gerações e se adaptaram às condições climáticas e geográficas específicas de cada lugar.

No entanto, essas formas de agriculturas foram intensamente alteradas com o colonialismo, que instituiu, violentamente, o sistema de *plantation* – forma de agricultura baseada na escravização, na transformação da terra em propriedade privada e em latifúndio, na monocultura e na exportação para os mercados do Norte global. Conforme descreve Anna Tsing (2019), a *plantation* teve um grande impacto nas relações multiespécies. De acordo com a autora, esse modelo de produção foi difundido através da colonização europeia.

Esse modelo da *plantation* foi ainda mais intensificado em escala e velocidade a partir de meados do século XX, com a Revolução Verde, que transformou as sementes em um produto altamente lucrativo para o agronegócio, tipo de agricultura na qual a alta produtividade é tida como fator determinante, descartando completamente as relações multiespécies envolvidas em torno delas.

Nos termos de Vandana Shiva (2003), as sementes modernas, também conhecidas como Variedades de Alto Rendimento (VAR), são comercializadas pelas empresas como “sementes milagrosas”, no entanto, para que elas tenham elevada performance é necessário a adoção de um pacote de insumos químicos industriais (agrotóxicos e fertilizantes), ocasionando dependências das agricultoras/es dessas tecnologias da indústria capitalista. Corroborando com a autora, Christophe Bonneuil

---

<sup>1</sup> Período geológico que se estende de 12 ou 10 mil anos — quando terminaram os efeitos da última glaciação — até os tempos atuais.

*et. al.* (2011, p. 175), nomeiam essas novas sementes como “cavalo de Tróia de uma transformação global dos itinerários técnicos”, pois é através delas que os demais produtos da Revolução Verde adentram as propriedades rurais.

Em contraposição às sementes modernas emergem, por meio da ação política e da mobilização de agricultoras/es, de movimentos sociais do campo e de organizações de apoio técnico, alianças com as denominadas sementes crioulas. Um exemplo disso, são agricultoras/es de Goiás que realizam um trabalho de resgate do milho, por meio da organização de bancos comunitários de sementes (PANTALEÃO; SOBRINHO, 2007).

No Brasil, as articulações para o enfrentamento ao modelo de agricultura convencional, estabelecido com a Revolução Verde, se iniciaram na década de 1970 com os movimentos ambientalistas, em um primeiro momento voltado a denúncias aos usos de agrotóxicos (LUZZI, 2008). Posteriormente na década de 1990, os movimentos sociais do campo, que até então concentravam suas pautas nas lutas pelo acesso à terra, passaram a se articular também contra os transgênicos, além de pautarem suas formas de produção por meio da agroecologia (NIEDERLE *et al.*, 2019). No entanto, é fundamental salientar, que as lutas pela terra, pela autonomia da produção e das relações com as florestas, ocorrem há mais de 500 anos, realizadas por povos indígenas e quilombolas contra as *plantations* e seu sistema de controle da terra, dos seres e dos corpos.

No contexto do estado do Paraná, ocorre o embate contra o controle industrial das sementes e a difusão de transgênicos. O estado é hoje um dos maiores produtores de transgênicos do país, pois desde 2016 tem a segunda maior área destinada a essa forma de cultivo, cerca de 7 milhões de hectares. O cultivo de soja transgênica correspondeu, nesse período, a 94% da área total cultivada (RÁDIO BANDNEWS CURITIBA, 2016). No Paraná, também se desenvolveu a primeira cultivar nacional de soja transgênica, a Soja Cultivance, uma parceria da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Soja e da multinacional alemã Badische Anilin & Soda Fabrik (BASF) (EMBRAPA, 2015).

Em oposição ao controle das sementes pela indústria, agricultoras/es, indígenas e outras comunidades tradicionais, defendem o uso e a reprodução das sementes crioulas, como aquelas que estão com elas/es ao longo de gerações, por meio de diversas relações e saberes localizados. De acordo com Helena Rodrigues Lopes, Claudia Job Schmitt e José Maria Vasconcellos (2019), em estudo feito na

região de Sobral, no Ceará, essas sementes são muitas vezes denominadas como “sementes da gente”, “sementes daqui”, dentre outras nomeações dadas pelas comunidades. Seu cultivo, não se limita à ideia de produtividade, mas envolve histórias de afeto e sentimentos de gratidão. Nesse contexto, elas compõem uma diversidade de plantas mantidas pelas famílias camponesas através de bancos de sementes comunitários.

No Paraná, uma das organizações mais importantes de reconhecimento das sementes crioulas é a Rede de Sementes da Agroecologia (ReSA), que foi criada no ano de 2015, visando articular ações a respeito dessas sementes no estado. Na compreensão das entidades que integram a ReSA, as sementes crioulas são formas de multiplicação de vida, que incluem mudas, ovos, animais e tubérculos (RESA, [s.d]).

A pesquisa que realizei, no âmbito desta dissertação, ocorreu na Região Sudoeste do Paraná, em que as entidades que se articulam por meio das sementes crioulas e que também integram a ReSA são: a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (ASSESOAR), o Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Rede Ecovida<sup>2</sup> Sudoeste do Paraná.

Essa Região, se caracteriza pela grande presença da agricultura familiar, que é composta por 80,5% das propriedades rurais, tendo 67,8% delas uma área de até 20 hectares (IBGE, 2017). A região também é uma grande produtora de *commodities*. Milena Demetrio (2022) aponta que região é responsável por 11,6% de toda a soja produzida no estado e de 11,7% do milho. Ainda de acordo com a autora, a maior parte da agricultura de base familiar está integrada a grandes cooperativas de *commodities* ou indústrias.

Frente a esse contexto, esta pesquisa busca compreender — quais são os saberes localizados mobilizados pelas/os agricultoras/es do Sudoeste do Paraná em suas relações com as sementes crioulas? Para isso, o objetivo geral da pesquisa foi analisar como são construídos e compartilhados saberes associadas às sementes crioulas entre agricultoras/es do Sudoeste do Paraná. Os objetivos específicos, foram:

---

<sup>2</sup> A Rede Ecovida de Agroecologia, é um espaço de articulação de agricultoras/es familiares, e suas organizações, envolvidos com a produção, processamento e comercialização de alimentos ecológicos. A Rede se estrutura, a partir de espaços locais ou municipais, que se organizam em Núcleos Regionais. (ASSESOAR, 2002)

a) identificar as relações cotidianas entre agricultoras/es e sementes crioulas; b) reconhecer quais são os saberes desenvolvidos entre os agricultoras/es e as sementes crioulas; c) verificar como as agricultoras/es se articulam em coletivos para intercâmbio de sementes crioulas.

A dissertação é composta por diferentes seções. Além da introdução, no Capítulo 2 apresento a abordagem metodológica utilizada, descrevo como foi o encontro com as/os agricultoras/es que participaram da pesquisa e faço uma caracterização do local da pesquisa. No Capítulo 3, apresento aspectos do surgimento das agriculturas e de que forma elas foram afetadas pela instalação da *plantation*. Já o Capítulo 4 abordo as relações cotidianas entre agricultoras/es e as sementes crioulas, bem como a constituição de diferentes saberes que são construídos nessa composição. No Capítulo 5, discuto as interações entre agricultoras/es e sementes crioulas nos espaços coletivos das jornadas, festas e feiras de sementes na região. Por fim, apresento as considerações finais, as referências e o apêndice.

## **2 SOBRE A PESQUISA DE CAMPO**

Neste capítulo, apresento como se deu a pesquisa de campo. Ele está estruturado em três partes. Na primeira, exponho a abordagem metodológica utilizada na pesquisa. Na segunda, relato como se deu o meu contato com as/os agricultoras/es. E, por fim, demonstro o lócus da pesquisa.

### **2.1 A etnografia multiespécie**

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, teve como inspiração a etnografia multiespécie (TSING, 2019). Esse tipo de análise, reconhece as agências humanas e não-humanas e suas implicações (KIRKSEY; HELMREICH, 2020). Para essa perspectiva, interessa o emaranhado entre outros entes (plantas, animais, terra, água, micro-organismos etc.) cujas vidas estão relacionadas às vidas humanas.

Phillipe Descola (2016) descreve o processo de etnografar como o de realizar um inventário das diferentes relações estabelecidas pelos coletivos, observando seus modos de vida. Para isso, é necessário compartilhar a vivência cotidiana das pessoas e aprender sobre o que elas sabem, a fim de compreender o que fazem.

Na etnografia multiespécies, o processo de etnografia coloca no centro das discussões espécies que muitas vezes são tidas como à margem dos seres humanos, reconhecendo-as, assim, como detentoras de vidas biográficas e políticas (HARAWAY, 2022; KIRKSEY; HELMREICH, 2020). Desse modo, em vez de olhar apenas para as relações humanas, a etnografia multiespécies reconhece a importância das relações entre espécies e como elas se constituem mutuamente. Esta abordagem nos ajuda a romper com a ideia de um excepcionalismo humano, onde esse é colocado como superior e distinto de todas as outras espécies (HARAWAY, 2022).

As pesquisas de Tsing (2019) são um exemplo de etnografia multiespécies. A autora tem se dedicado ao estudo das interações entre humanos, cogumelos e florestas. Ao acompanhar coletores de cogumelos matsutake no Noroeste do Pacífico, nos Estados Unidos, ela descobriu dois grupos de coletores, a saber, os nipo-americanas/os – que vêm resgatando uma herança cultural na prática de coletar cogumelos –, e as/os coletadoras/es comerciais – formadas/os por refugiadas/os do Laos e Camboja que chegaram ao país nos anos 1980 e usam a coleta como fonte de renda. Os estudos de Tsing (2019) destacam a importância de compreender as

relações multiespécies para entender os significados das práticas culturais dos coletivos. Para ela, a natureza humana é uma relação multiespécies, em que ocorrem variadas redes de dependência, que criam conectividades.

Nesse sentido, a análise que perpassa esta dissertação, leva em conta os processos de relacionalidade entre agricultoras/es e sementes crioulas, salientando as memórias e os saberes localizados que se constituem nessa relação. Portanto, os espaços principais da etnografia se deram nas visitas e observações realizadas às/aos agricultoras/es em suas casas e propriedades e nas festas, feiras e jornadas. Estes espaços coletivos foram elencados como importantes ao permitirem compreender as relações das/os agricultoras/es com as sementes crioulas. Além disso, foi utilizado um caderno de campo para registrar as informações coletadas.

Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas (roteiro consta no Apêndice A) com agricultoras/es e técnicas que atuam em organizações de apoio à agricultura camponesa na região. Esse tipo de entrevista permitiu respostas espontâneas e maior liberdade para que questões inesperadas e fundamentais pudessem surgir, o que é essencial para a compreensão das dinâmicas sociais locais (BONI; QUARESMA, 2005). As entrevistas foram gravadas com a autorização das/os entrevistadas/os. Foi obtida autorização das/os agricultoras/es para o uso das fotografias realizadas nas propriedades, nas quais aparecem os rostos delas/es.

## **2.2 O encontro com as agricultoras e agricultores**

Para construir a pesquisa de campo, inicialmente, entrei em contato com a equipe do CAPA, localizado no município de Verê/PR, para verificar quantas famílias agricultoras, que eles acompanham, trabalham com sementes crioulas e se seria possível entrar em contato com elas. Escolhi o CAPA como entidade de mediação com as famílias guardiãs de sementes devido ao fato de conhecer pessoalmente uma das agrônomas que atua na coordenação, a Talita, pois éramos integrantes do mesmo grupo de pesquisa na UTFPR. Realizei uma reunião com a equipe do CAPA, na qual compartilhei a proposta de pesquisa e eles me apresentaram as 13 famílias guardiãs que eles acompanham. Naquele momento, combinamos que eu participaria das visitas das/os técnicas/os com essas famílias, faria um primeiro contato e, se possível, já realizaria as entrevistas.

Pude acompanhar as/os técnicas/os do CAPA durante suas visitas nos municípios de Clevelândia/PR e Chopinzinho/PR. Enquanto elas/es realizavam seus trabalhos com as comunidades agricultoras, eu realizei algumas entrevistas. No entanto, devido às fortes chuvas ocorridas em setembro e outubro de 2022, a equipe do CAPA precisou reorganizar sua agenda, o que me impossibilitou de continuar acompanhando-os. Assim, ficou combinado que as técnicas do CAPA continuariam a intermediar minha relação com as famílias, mas eu teria que visitá-las independentemente. Como um colega do PPGDR, Luis Gustavo iria realizar sua pesquisa com algumas famílias agricultoras do município de Verê, e algumas delas estavam na lista de famílias que o CAPA me passou, combinamos de ir juntos até suas propriedades. Foi assim que realizei as entrevistas nesse município.

Das 13 famílias apresentadas pela equipe do CAPA, consegui realizar entrevistas com cinco delas. Algumas não puderam participar por questões pessoais e também não pude entrevistar algumas outras devido à dificuldade de me deslocar para o interior das cidades vizinhas. As/os agricultoras/es que foram entrevistadas/os com a ajuda do CAPA foram Marilu, Lourdes, Valdemar, Francisco e Francisca.

Além disso, entrevistei outras/os agricultoras/es, cujo contato não se deu por meio do CAPA, mas por meio de outras organizações e pessoas próximas. Este foi o caso das agricultoras Neusa e Maria, de Francisco Beltrão/PR, que conheci na "Feira Regional das Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade" em Irati/PR. Contei para elas sobre a minha pesquisa e fui convidado para conhecer a horta comunitária em que trabalham com plantas medicinais. Pamela, uma colega do grupo de pesquisa Rede de Estudos de Diversidade Socioambiental (Ariadne), que realiza sua pesquisa de doutorado com as/os integrantes da horta, acabou intermediando meu contato, permitindo que eu realizasse as entrevistas.

Além disso, conheci Maria Arlete, uma agricultora e quilombola do Quilombo São Sebastião do Rocio, localizado em Palmas/PR, através de uma live realizada pela ReSA, em parceria com a editora Bazar do Tempo. Ela é também escritora e seu livro foi lido em um encontro dos coletivos do "Leia Mulheres" de Francisco Beltrão e Pato Branco/PR. Angélica, uma amiga integrante deste coletivo me passou o contato de sua neta, a qual contatei e intermediou minha visita a sua avó. Já o contato com Lori e Neiva, agricultores de Marmeleiro/PR, foi intermediado pela Angélica.

Assim, foram 10 agricultoras/es entrevistadas/os diretamente, conforme expresso no Quadro 1. Além disso, realizei um conjunto de observações de campo

em feiras, festas, encontros virtuais, jornadas, visitas a campo etc., em que pude dialogar com agricultoras/es, técnicas/os e agrônomas/os.

**Quadro 1 – Agricultoras/es entrevistadas/os**

<b>Agricultora/or</b>	<b>Idade</b>	<b>Município</b>
Lourdes	59	Civelândia/PR
Marilu	57	Civelândia/PR
Valdemar	49	Verê/PR
Francisco	62	Verê/PR
Lori	57	Marmeleiro/PR
Neiva	57	Marmeleiro/PR
Maria Arlete	79	Palmas/PR
Neusa	67	Francisco Beltrão/PR
Maria	68	Francisco Beltrão/PR
Francisca	40	Chopinzinho/PR

**Fonte: elaborado pelo autor, 2022**

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com agricultoras/es para compreender suas relações cotidianas com as sementes crioulas e como constroem os saberes associados a elas. Também realizei entrevistas, com questões abertas, com agrônomas e engenheira florestal (ver Quadro 2), que atuam como técnicas das entidades que apoiam as famílias agricultoras que trabalham com sementes crioulas, para compreender como são organizadas e pensadas intervenções, atividades e ações associadas às sementes. Essas entrevistas não seguiram um roteiro semiestruturado, mas consistiram em conversas abordando como as instituições em que atuam compreendem questões envolvendo as sementes crioulas, quais os desafios enfrentados pelas/os agricultoras/es que preservam essas sementes, como é organizada a Festa Regional das Sementes, do Sudoeste do Paraná, dentre outras temáticas relacionadas às sementes crioulas.

**Quadro 2 - Técnicas entrevistadas**

<b>Técnicas</b>	<b>Instituição</b>
Elisângela	Assesoar
Janete	Assesoar
Talita	CAPA
Jeniane	CAPA

**Fonte: elaborado pelo autor, 2022**

No quadro 3 apresento os eventos acompanhados durante a pesquisa de campo. É importante destacar que a Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade ocorreu na região Centro-Sul do Paraná e a Jornada de Agroecologia aconteceu em Curitiba. Esses dois eventos, são importantes espaços para a comercialização e debates sobre as sementes crioulas no estado e, em ambos,



ocorre a participação de guardiãs e guardiões do Sudoeste do Paraná, por isso integram essa pesquisa. A Feira de Sementes Crioulas reúne agricultoras/es e técnicas/os para discutir e trocar informações sobre as sementes crioulas, além de ser um importante ponto de comercialização dessas sementes. A Jornada de Agroecologia, por sua vez, é um espaço para a discussão e troca de saberes sobre práticas agroecológicas e sua importância para a preservação da agrobiodiversidade. Algumas edições da Jornada, chegaram a ocorrer na região onde realizei a pesquisa. Esses espaços são fundamentais para a valorização e preservação das sementes crioulas no estado.

**Quadro 3 – Eventos acompanhados**

<b>Evento</b>	<b>Cidade</b>	<b>Data</b>
19ª Jornada de Agroecologia	Curitiba/PR	22•26/06/2022
17ª Festa Regional das Sementes	Mangueirinha/PR	14/07/2022
18ª Feira Regional das Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade	Irati/PR	16•17/08/2022
<i>Ara Pyau</i> (“Tempo Novo” Guarani)	Chopinzinho/PR	22/08/2022

**Fonte: elaborado pelo autor, 2022**

Além disso, durante o ano de 2021, no contexto da pandemia, acompanhei as atividades online da ReSA<sup>3</sup>, que mesmo que não componham diretamente a análise da pesquisa, foram fundamentais para entender parte do cenário das sementes crioulas no estado do Paraná.

Ademais, sistematizei informações presentes em documentos que encontrei na biblioteca da Assesoar — que se constituiu como um importante espaço de arquivo das memórias da agricultura familiar da região. No quadro 4 apresento os principais documentos analisados:

**Quadro 4 – Lista de documentos consultados**

<b>Documento</b>	<b>Informações Catalográficas</b>
Revista Cambota	v. XXVIII, n.251, junho/ 2002
Revista Cambota	v. XXVIII, n. 252, dezembro/ 2002
Revista Cambota	v. XXX, n. 255, dezembro/2004
Revista Cambota	v. XXXI, n. 257, dezembro/ 2005
Revista Cambota	v. XXXII, n. 258, outubro/ 2006
Revista Cambota	v. XXXIII, n. 259, agosto/ 2007
Revista Cambota	v. XXXIV, n. 260, outubro/ 2008
Revista Cambota	v. XXXV, n. 261, setembro/ 2009
Revista Cambota	v. XXXVI, n. 261, julho/ 2010
Revista Cambota	v. XXXIX, n. 266, setembro/ 2013

<sup>3</sup> Para mais informações sobre a ReSA acesse: <https://resaagroecologia.com.br>. Acesso em: 24/08/2022

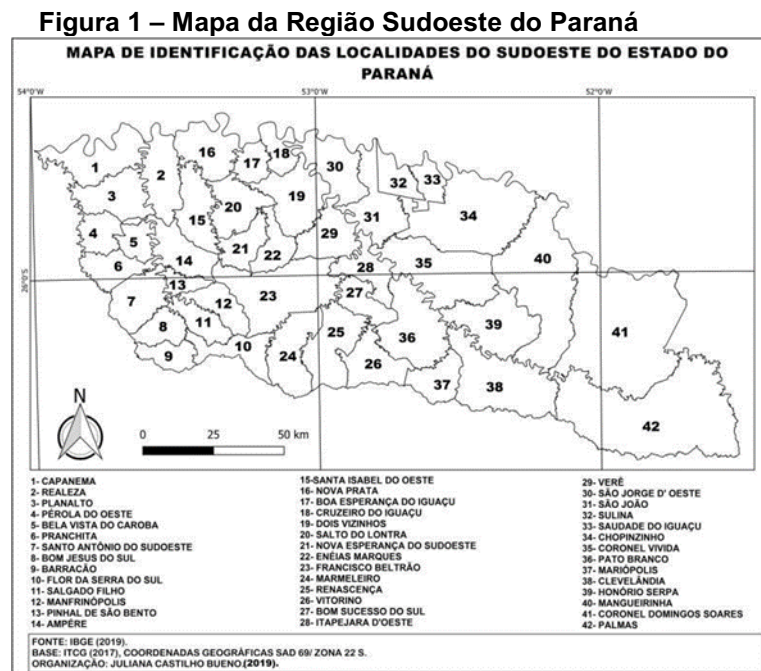
Revista Cambota	v. XXXX, n. 268, junho/ 2014
Revista Cambota	v. XLI, n. 270, outubro/ 2015
Revista Cambota	v. XLII, n. 272, dezembro/ 2016
Revista Cambota	v. XLIII, n. 273, setembro/ 2017
Revista Cambota	v. XLIV, n. 274, março/ 2018
Revista Cambota	v. XLIV, n. 275, outubro/ 2018
Cadernos Assesoar	n.: 07, maio/ 2009

Fonte: elaborado pelo autor, 2022

Como mencionado anteriormente, os documentos se encontram na biblioteca da Assesoar. A entidade publica a Revista Cambota que se tornou uma importante fonte de informação e registro das ações em defesa da agricultura familiar, agroecologia e dos movimentos sociais na região. Os documentos apresentavam um copilado histórico da Festa Regional das Sementes, como as cidades onde aconteceram, os temas de cada edição, quais discussões pautaram os debates, as entidades envolvidas na organização. Essas informações nos foram fundamentais para uma melhor compreensão da importância que o evento adquiriu ao longo dos anos na região e de como a sua organização vem ocorrendo.

### 2.3 Locus de Pesquisa

A Região Sudoeste do Paraná, é composta por 42 municípios (Figura 1).



**Fonte: Bueno e Queiroz (2019)**

O processo de modernização da agricultura dessa região ocorreu em duas fases, a primeira correspondendo o período de 1960-1980, quando, de acordo com Roseli Alves dos Santos (2008), a posse definitiva das terras cria as bases ideológicas e materiais para esse processo. A segunda fase, ocorre a partir da década de 1980, quando as condições do processo de modernização são concretizadas.

João Luciano Bandeira (2015), relata que entre 1970 e 1985, se estabeleceram na região 32 empresas reprodutoras de sementes. Conforme o autor, esse processo de instalação de empresas sementeiras, foi uma estratégia econômica e política, já que as sementes tiveram papel fundamental na modernização da agricultura, dessa forma ter uma produção na região é ter em mãos um dos pilares da modernização da agricultura.

É nesse período, sobretudo a partir da década de 1990, que se inicia na região e mais amplamente em todo o país a ameaça da perda das sementes, devido a entrada dos transgênicos. Na fala de uma das interlocutoras desta pesquisa, a agrônoma Janete Rosane Fabro, a organização das festas e feiras de sementes crioulas no Sudoeste do Paraná começam quando os transgênicos passam a ser uma ameaça à biodiversidade.

Em um primeiro momento são encontradas sementes transgênicas no estado do Rio Grande do Sul. Em uma reportagem da Folha de São Paulo (2003) é relatada a presença dessas “sementes gaúchas” no Sudoeste do Paraná, sendo que os agricultores relataram que já as utilizavam há cerca de três anos. No município de Pranchita/PR, um agricultor conta que havia cultivado cerca de 500 hectares com essas sementes transgênicas, embora ainda não fossem liberadas.

Apesar de toda essa estrutura de comoditização que se instala na região com o processo de modernização da agricultura, ela é caracterizada pelas pequenas propriedades de agricultura familiar. Também pode se notar a forte presença dos movimentos sociais rurais, sindicais e associativistas, alinhados com a da agricultura familiar. Uma parte desses coletivos vêm desenvolvendo projetos voltados para a promoção da agroecologia, em especial para a proteção e compartilhamento das sementes crioulas, enquanto outra parte, segue estabelecendo alianças com a produção intensiva de *commodities*.

### 3 O SURGIMENTO DAS AGRICULTURAS E AS ALTERAÇÕES PROVOCADAS PELA PLANTATION

Neste capítulo, apresento aspectos do surgimento das agriculturas e como elas foram alteradas pela instalação da *plantation*. O capítulo está estruturado em três partes. Na primeira, evidencio como o Plantationoceno ocasiona um processo de redução da biodiversidade. Na segunda, discuto como podemos pensar o Plantationoceno na Região Sudoeste do Paraná. Por fim, aponto informações sobre o processo de industrialização das sementes e algumas de suas implicações.

O início das agriculturas ocorreu durante o período geológico conhecido como Holoceno, que permitiu uma maior interação entre plantas, sementes e animais. De acordo com Tsing (2019), nesse período as agriculturas humanas conseguiram coexistir com uma ampla variedade de seres vivos e possibilitaram relações multiespécies. Essas relações podem ser compreendidas pela perspectiva de Haraway (2021, p. 15) como resultantes de um movimento mútuo no qual "os seres se constituem uns aos outros e a si mesmos". Essas relações permitiram a criação de diferentes tipos de agriculturas em várias partes do planeta.

A relação entre humanos e outros seres vivos nos sistemas agrícolas foi simplificada com a emergência do sistema-mundo colonial/moderno (WALLERSTEIN, 1999; QUIJANO, 2005), resultando em um período conhecido como Plantationoceno. O termo foi cunhado por Haraway *et al.* (2016) para descrever as transformações devastadoras ocasionadas pelas *plantations*, como formas de simplificação das paisagens e das relações multiespécies, através da eliminação da biodiversidade. Esse sistema estabeleceu a mercantilização de plantas, animais e pessoas, reduzindo a diversidade a formas monoculturais. As *plantations* instituíram o latifúndio, a escravidão e a economia de exportação. De acordo com Tsing (2019, p. 226), elas "matam seres que não são reconhecidos como ativos", incluindo seres humanos, como os povos de *Abya Yala*<sup>4</sup> e os povos africanos. Portanto, o Plantationoceno pode ser caracterizado como um sistema projetado para gerar e concentrar riquezas por aqueles que o controlam.

---

<sup>4</sup> Nomeação dada ao continente — que viria a se tornar América — por alguns povos no período anterior a invasão europeia. A escolha por utilizar esse nome vem em tomar um posicionamento político de valorizar e respeitar aqueles que estavam aqui antes de toda a violência perpetuada pelo colonialismo (PORTO•GONÇALVES, 2009).

De acordo com Malcom Ferdinand (2022), esse processo de colonização marcou a transição de uma relação com a terra em que havia respeito pela mãe terra (conforme as perspectivas dos povos indígenas e africanos), para um período em que a terra não tinha *manman*<sup>5</sup>. Dessa forma, passou-se de uma lógica matricial da terra como espaço comum para uma concepção patriarcal de terra como propriedade-recurso-mercadoria. Ainda segundo o autor, essa nova concepção não reconhece os filhos e filhas dessa terra, resultando no apagamento das relações existentes, na subjugação dos saberes locais e, muitas vezes, na sua eliminação completa.

Como aponta Shiva (2003), o processo de apagamento colonial dos saberes locais sobre as agriculturas e os manejos da diversidade continuou e se intensificou, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, com a Revolução Verde. Isso se deu por meio da invisibilização desses saberes, da negação de suas existências ou da classificação destes como primitivos e não científicos. A autora aponta que esse sistema moderno de conhecimento surgiu no norte global em culturas que se propõem dominadoras e universais, estruturadas na separação e no distanciamento entre sociedade e natureza, constituindo o que ela denomina como monoculturas da mente. Ainda sobre as separações que permeiam a produção de saberes, Boaventura de Sousa Santos (2007), apresenta a ideia de uma linha abissal, onde, de um lado, se encontra o que é estabelecido pelo pensamento ocidental que se auto atribui racional e verdadeiro; e, do outro, os saberes produzidos por aquelas/es que são subjugados, e que têm seus conhecimentos classificados, pelo colonizador, como crenças ou misticismo. De acordo com o autor, o pensamento abissal moderno se viabiliza sobre a invisibilidade dos conhecimentos produzidos por agricultoras/es, indígenas e tantas outras comunidades tradicionais.

Como exposto ao longo dessa seção as formas da humanidade se relacionar com a natureza foram sendo alteradas com a invasão de *Abya Yala*. As *plantations* que foram instaladas nesse processo acabaram por gerar uma mercantilização de humanos e não humanos, resultando num período que denominamos como Plantationoceno. Na seção seguinte discutimos como o Plantationoceno estabelece um processo de redução da biodiversidade por meio de formas de habitação colonial da terra.

---

<sup>5</sup> *Manman* significa mãe em crioulo haitiano.

### 3.1 Plantationoceno e o seu processo de redução da vida e aniquilação da biodiversidade

Ao longo desta seção, faço uma discussão de como após a invasão de *Abya Ayala* e a instalação das *plantation*, foi se constituindo um novo modo de habitar a terra. Saliento também como nas margens da *plantation* vão se estabelecendo formas de resistência a partir de ecologias outras. Por fim, apresento algumas das consequências do Plantationoceno (que alguns autores nomeiam como Antropoceno), que envolve mutações climáticas a nível planetário.

A *plantation* foi uma das bases econômicas do sistema colonial, originando a modernidade/colonialidade (ESCOBAR, 2007). De acordo com Enrique Dussel (2005), a modernidade teve início em 1492 com a invasão de *Abya Yala* — que vem a ser renomeada de América, em homenagem ao colonizador<sup>6</sup> — e essa data marcou o início da constituição do sistema-mundo colonial/moderno (WALLERSTEIN, 1999; QUIJANO, 2005). A partir da expansão portuguesa e espanhola sobre o continente, as relações tornaram-se mundiais e globais. Nessa perspectiva, a Espanha foi a primeira nação a ingressar na modernidade, seguida por Portugal, visto que a América foi o marco inicial da modernidade, já que ela constituiu o primeiro espaço/tempo de poder mundial (QUIJANO, 2005).

O conceito de sistema-mundo moderno foi estabelecido por Immanuel Wallerstein (2001) para explicar como se deu a origem e a formulação das relações sociais, culturais, políticas e econômicas após a invasão de *Abya Yala* e a expansão do capitalismo por meio das expedições marítimas e conquista territorial. A expansão colonial definiu o sistema-mundo como o início do que poderíamos chamar de economia mundial europeia (DUSSEL, 2006; GROSFUGUEL, 2008).

Todo esse processo de colonização criou um modo extremamente violento de habitar a terra, tanto para humanos como para não humanos. Ferdinand (2022, p. 56), denomina essa nova forma de habitar, como “habitação colonial” (Quadro 5). O autor destaca que, embora diversos países europeus tenham sido colonizadores com diferentes culturas, o mecanismo de habitação colonial foi amplamente utilizado por todos eles.

---

<sup>6</sup> Américo Vespúcio foi um navegador e invasor italiano que, financiado pelas coras de Portugal e Espanha, adentrou o “Novo Mundo”.

**Quadro 5 – Características do habitar colonial**

	<b>Princípios</b>	<b>Fundamentos</b>	<b>Formas</b>
Relações com a terra	Dependência geográfica e ontológica	Usurpação da terra	Propriedade privada da terra
Relações com não humanos	Exploração de não humanos	Desbravamento/ desmatamento	<i>plantations</i>
Relações com outros humanos	Altericídio	Massacre de ameríndios e dominação das mulheres	Subjugação e escravidão

Fonte: Ferdinand (2022)

Ainda de acordo com o autor, a habitação colonial é estruturada em três princípios: o primeiro é que essa habitação está sempre subordinada a outro habitante; o segundo é baseado na exploração da terra e da natureza; e o terceiro é o altericídio, que é a rejeição da possibilidade de habitar a terra com o outro. Assim, as principais formas de violência colonial são: o aterramento, que é a apropriação das terras pelos invasores; a clareira, que se constitui no processo de destruição da natureza; o genocídio dos povos indígenas e africanos e a violência infligida sobre as mulheres. Sobre este último aspecto, Karina Ochoa Muñoz (2014) aponta o processo de feminização<sup>7</sup> dos povos indígenas pelos colonizadores como o eixo central para a desumanização de seus corpos. Segundo a autora, a misoginia é um dos elementos de constituição do sistema-mundo colonial.

A *plantation* é pautada no modelo patriarcal e racista. Mesmo com a abolição da escravização, essa forma de agricultura continua sendo perpetuada. Maria Mies e Vandana Shiva (2014) descrevem que a violência contra mulheres se adapta conforme as tradicionais estruturas patriarcais se fundem com o sistema patriarcal capitalista. Para as autoras, esse sistema econômico acaba por desvalorizar todas as atividades relacionadas às mulheres, considerando, por exemplo, a produção para o próprio sustento como “não produção”, o trabalho no espaço doméstico como “não trabalho” e o conhecimento adquirido ao longo da história como “não conhecimento”. Segundo Shiva (1992), gênero e biodiversidade estão interligados, já que a subalternização das mulheres e a destruição da biodiversidade, são transformadas em moeda de troca para o progresso patriarcal.

Segundo Maria de Nazareth Baudel Wanderley (2014), no contexto do Brasil, as margens das *plantations* foram ocupadas por trabalhadoras/es que cultivam

<sup>7</sup> Segundo a autora, os povos indígenas eram tidos como equivalentes às mulheres, seres que precisam de uma tutela permanente, já que não conseguiriam existir por conta própria (MUÑOZ, 2014)

policultivos para o autoconsumo. Nessas áreas, os senhores de terra permitiam apenas o cultivo de hortaliças e não autorizavam o plantio de plantas com raízes mais profundas, pois isso poderia garantir um direito legal e moral sobre a terra. O acesso a essas faixas de terra foi fundamental para a sobrevivência e resistência dessas pessoas (WOLFORD, 2021).

Conforme Judith Carney (2021), nas margens das *plantations* se estabeleceram formas de enfrentamento ante o processo de redução da vida e de aniquilação da biodiversidade. Um dos elementos centrais nesse processo de resistência são as sementes crioulas. A autora chama a atenção para os diversos saberes estabelecidos para a produção de alimentos nessas áreas — que ela nomeia como jardins — inicialmente pelos indígenas e depois pelos africanos escravizados.

Segundo a autora, no século XVII, já se podia notar um aumento na presença de alimentos de origem africana nas colônias, como por exemplo inhame-da-índia, a banana-da-terra, galinha-d'angola, sorgo, painço, feijão-fradinho, lablab, feijão-guando, hibisco, quiabo, nozes de cola, arroz africano, dendê africano e amendoim bambara. Sobre as sementes de arroz, a autora apresenta uma história interessante, de que elas eram trazidas escondidas entre os cabelos das/os africanas/os, para que ao chegarem ao desconhecido, tivessem com o que se alimentar.

Carney (2004, p. 21), relata uma história que ouviu de uma quilombola maranhense sobre como as sementes de arroz chegaram ao Brasil:

Uma mulher africana escravizada, incapaz de impedir a venda de seus filhos como escravos, colocou algumas sementes de arroz em seus cabelos para que pudessem comer quando o navio chegasse ao seu destino. Como o cabelo deles era muito grosso, ela pensou que os grãos passariam despercebidos. No entanto, ao desembarcar do navio negreiro, o fazendeiro que os comprou descobriu os grãos. Ao passar as mãos pelo cabelo de uma criança, ele encontrou as sementes e exigiu saber o que eram. A criança respondeu: 'isso é comida da África'. Foi assim que o arroz chegou ao Brasil, através dos africanos, que escondiam as sementes em seus cabelos. (tradução nossa).

As atuais mutações climáticas estão conectadas ao modo de produção da *plantation*. Essas alterações planetárias foram denominadas por autores, como o químico Paul Crutzen, como Antropoceno, indicando que as ações humanas passaram a interferir geologicamente na Terra. No entanto, Haraway (2019) faz uma crítica à universalização desse conceito, pois, para ela, as mudanças climáticas não são sentidas, percebidas e ocasionadas da mesma forma e intensidade por todas/os.



Para a autora, o problema não está na espécie humana, e sim em uma parcela específica. Sobre esse aspecto, Tsing (2019) descreve o antropoceno que se tornou uma força de destruição geológica como o homem, branco, cristão e heterossexual — ainda acrescentaria, euro-norte centrado e dono dos meios de produção. Haraway (2019) analisa que a universalização do conceito de Antropoceno desvincula os processos históricos ligados às questões ecológicas.

Astrid Ulloa (2017, p. 60), antropóloga colombiana, aponta que na narrativa proposta pela ideia de Antropoceno não se considera os sistemas locais de conhecimentos, que acabam por gerar outros tipos de relação entre humanos e não humanos. Para a autora,

Cada cultura possui formas próprias de conhecer, interpretar, perceber, representar, agir e reagir ao clima e aos fenômenos derivados da variabilidade climática, que estão ligadas a concepções culturais particulares, localizadas historicamente e em lugares específicos. (tradução nossa).

Ela discute ainda que quando pensamos o Antropoceno a partir da América Latina devemos levar em consideração as relações históricas de poder e desigualdade que marcam as transformações ambientais da região. Ressalta também que as discussões sobre o Antropoceno não podem ser realizadas sem analisar as relações estabelecidas com as dinâmicas de exploração, impostas com a invasão e colonização do que viria a se tornar a América. De acordo com a autora, essas dinâmicas deram início aos processos extrativistas, que vêm avançando no século XXI.

Para compreender as mutações climáticas é necessária uma perspectiva de longo prazo. Para isso, são importantes as análises propostas por autoras/es como Arturo Escobar (2007), Héctor Alimonda (2011), Wendy Wolford (2021) e Malcom Ferdinand (2022), que questionam os processos resultantes do colonialismo e da modernidade. Esse período, nos obriga a pensar a *plantation* como um sistema de mercantilização dos corpos e do trabalho forçado de humanos e não humanos, em um sistema que gerou o desterramento de multiespécies (HARAWAY, 2016; HARAWAY et al., 2016; HARAWAY; TSING, 2019; TSING, 2015, 2019; WOLFORD, 2021).

Como aponta Wolford (2021, p. 1624), as *plantations* devem ser entendidas para além de um sistema de produção, pois elas são também um sistema político, econômico e social, que segue operando. Conforme ela explica:

[...] as *plantations* são estruturas sociais inerentemente carregadas de poder encontradas em todo sistema econômico moderno. Elas incorporam tanto a violência quanto a resistência racial, transpondo ou fazendo a ponte entre o rural e o urbano, a agricultura e a indústria, a cidade e o campo, o local e o global (tradução nossa).

Tsing (2019) define as *plantations* como o início da escalabilidade do processo de expansão, por meio do qual se difundia a concepção do progresso. Essa noção está pautada na flecha do tempo da modernidade (STENGERS, 2015), na qual a *plantation* refere-se à “oportunidade” de saída do atraso dos países periféricos para o caminho da civilização. A chegada à “civilização”, no período mais recente, é concebida na imagem do agronegócio, já que afinal ele é “tech, ele é pop, ele é tudo”<sup>8</sup>. O uso dessas nomeações positivas em torno do agronegócio exemplifica o poder político constituído pelo modelo da *plantation*, estabelecendo uma imagem favorável desse sistema (LOPES *et al.*, 2021).

Nessa busca pelo progresso e pelo crescimento econômico, a biodiversidade e a diversidade cultural são tidas como um empecilho, já que a *plantation*, com as suas linhas de cultivo monocultural, estabelece uma concepção de natureza organizada pela racionalidade ocidental, a qual não possibilita espaços para saberes tradicionais que são definidos, nessa ótica, como irracionais (TSING, 2015; WOLFORD, 2021).

Como exposto ao longo desta seção, é importante compreender as mudanças climáticas a partir de uma perspectiva histórica de longo prazo. No caso da América Latina, é fundamental considerar o processo de invasão europeia e a instalação da *plantation* como um sistema de produção baseado na exploração de humanos e não humanos, criando um modo de habitar colonial. A *plantation* deve ser compreendida não apenas como um sistema de produção, mas também um sistema político e social. Além disso, o cultivo de sementes crioulas foi e continua sendo uma forma de resistência à *plantation*. Na próxima seção, apresentarei como podemos entender essas questões do Plantationoceno considerando a Região Sudoeste do Paraná.

### **3.2 Pensar o Plantationoceno no Sudoeste do Paraná**

No decorrer desta seção, aponto como o processo de colonização da Região Sul do país, em especial da Região Sudoeste do Paraná, que ocorreu por meio da

---

<sup>8</sup> Slogan da campanha Agro, “a Indústria Riqueza do Brasil”, promovida pela Rede Globo de televisão.

política de Estado denominada Marcha para Oeste, se deu seguindo um processo de habitação colonial. Apresento também como se deu o processo de enfrentamento a esse modo de habitação, gerando uma revolta armada na região feita por camponeses. Com isso, quero exemplificar nesta seção como o modelo da *plantation* é um sistema econômico, político e social que segue vigente, conforme apresentei na seção anterior, reproduzindo a colonialidade do poder, do saber e do ser.

Ao final do século XIX e início do século XX, o processo de colonização da Região Sul do Brasil foi baseado na política de concessão de terras pelo governo brasileiro aos imigrantes europeus camponeses, que haviam perdido suas terras em razão dos processos de cercamento e do avanço da propriedade privada sobre aquele continente (FEDERICI, 2017). No entanto, esse programa de concessão não se limitava apenas à ocupação dessas áreas para a agricultura, era um projeto de branqueamento da população fomentado pelo Estado brasileiro com base em perspectivas coloniais e racistas (SEYFERTH, 1996, 2012).

Essa ação do Estado demonstra como ocorre a operacionalização do racismo (estrutural, institucional e cotidiano) que negou o acesso à terra aos africanos e afro-brasileiros, que foram escravizados durante mais de 350 anos, atribuindo o acesso apenas aos camponeses brancos. No período pós-abolição, ao incentivar a migração de brancos para a região, o Estado hierarquizava-os como racialmente superiores para o processo de desenvolvimento da agricultura, agora com trabalhadores livres. O Estado distribuiu pequenas áreas de terra para esses colonos por meio do processo de colonização oficial. Ao mesmo tempo, manteve intocada e concentrada a maior parte da estrutura agrária brasileira, que desde o colonialismo é pautada no latifúndio, o qual continua a se expandir.

A instalação dos colonos no Sudoeste do Paraná ocorreu a partir da década de 1940, incentivados pelas políticas estatais da Marcha para Oeste, que tinham como proposta a expansão da fronteira agrícola. Isso levou à migração de pessoas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina para a região. Os colonos vieram principalmente do Rio Grande do Sul, onde a fronteira agrícola já estava esgotada (SANTOS, 2008). O esgotamento da fronteira agrícola nessa região se deu por três motivos: a ocupação de toda a área rural disponível, a inviabilidade econômica das pequenas propriedades em sustentar famílias numerosas e o esgotamento da fertilidade do solo (CORONA, 2003).

Em 1943 é criada, em Francisco Beltrão/PR, a Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), que tinha por objetivo promover a ocupação de terras pelas/os descendentes de imigrantes — principalmente alemães e italianos — que vinham do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (CORONA, 2003). A CANGO, teve papel fundamental na colonização da região, distribuindo terras, criando infraestruturas, oferecendo assistência social e técnica. Sobre essa última, cabe ressaltar a distribuição de sementes para as/os colonas/os, conforme as (Figuras 2 e 3) (CORONA, 2003; SANTOS, 2008; BANDEIRA, 2015).

Figura 2 – Guia de serviços de colonização, relatando distribuição de sementes de hortaliças

Divisão de Terras e Colonização  
Colônia Agrícola Nacional "General Osório"

Autorizo e fornecimento

O Administrador  
*Eduardo de Oliveira e Silva* *R* N.º 18

N.º 18 **GUIA**

Preciso para suprimento desta SERVIÇO DE COLONIZAÇÃO (AUXÍLIO  
AOS COLONOS)  
que o Sr. Armazenista desta Colônia

\_\_\_\_\_ me forneça  
o seguinte: 15-Facotes de sementes hortaliças a Cr\$ 1,00 cada...  
.....Cr\$. 15,00.

Destina-se ao Colono Antenor Rogério dos Santos.

Em 11 de Fevereiro de 1949

O Aux-Escritório  
*Thalino Dantas*

Recebi os objetos constantes da presente guia

Colono  
*Antenor Rogério*

MODELO N.º VII

Fonte: Bandeira (2015)

Figura 3 - Guia de serviço de colonização, relatando a distribuição de sementes de trigo

Divisão de Terras e Colonização  
Colônia Agrícola Nacional "General Ozório"

Autorizo o fornecimento

O Administrador  
Eduardo Luis ...

N.º 132

N.º 132 **GUIA**

Preciso para suprimento desta SERVICO DE COLONIZACÃO (AUXILIO AOS COLONOS)  
que o Sr. Armazemista desta Colônia.

\_\_\_\_\_ me forneça

o seguinte: 1 Saca de Semente de Trigo FRONTANA C/ 60 Kgs. ...  
à EXCXX Cr\$ 2,70 ..... Cr\$ 162,00.

Importa a presente requisição em cento e sessenta e dois cruzeiros.

Destina-se a ao Colono Sebastião Martins

\_\_\_\_\_

Em 5 de Maio de 194 9.

O Aux. de Escritório  
[Assinatura]

Recebi os objetos constantes da presente guia  
Colono.  
Sebastião Martins

MODELO N.º VII

Fonte: Bandeira (2015)

As/os colonas/os, ao chegarem na região tiveram que enfrentar a companhia Clevelândia Industrial e Territorial Ltda (CITLA), ligada a empresa construtora das estradas de ferro, que havia recebido grandes extensões de terra do governo brasileiro no século XIX, e que atuava na região. Essa companhia coagiu as/os colonas/os, para que essas/es assinassem documentos de compra e venda das terras que ocuparam. Em um processo de resistência, as/os colonas/os se organizaram e lutaram em defesa da posse de suas terras, ocasionando, em 1957, o que ficou

conhecido como Revolta dos Posseiros. Vale ressaltar que a CITLA contava com o apoio do governo do Paraná<sup>9</sup> à época (CORONA, 2003; SANTOS, 2008).

Os povos indígenas Guarani e Kaingang, que viviam milenarmente nesta região, sofreram o apagamento de suas histórias. Isso também ocorreu com os coletivos caboclos (SANTOS, 2008). Já os colonos são tidos como heróis locais. Cabe salientar que os povos indígenas enfrentam até hoje a violência da expansão da agropecuária sobre seus territórios, pelo avanço das *commodities*, em especial da soja. Carlos Frederico Branco (2021) descreve esse avanço como um dos principais responsáveis pelas mortes de Kaingang na Terra Indígena de Mangueirinha.

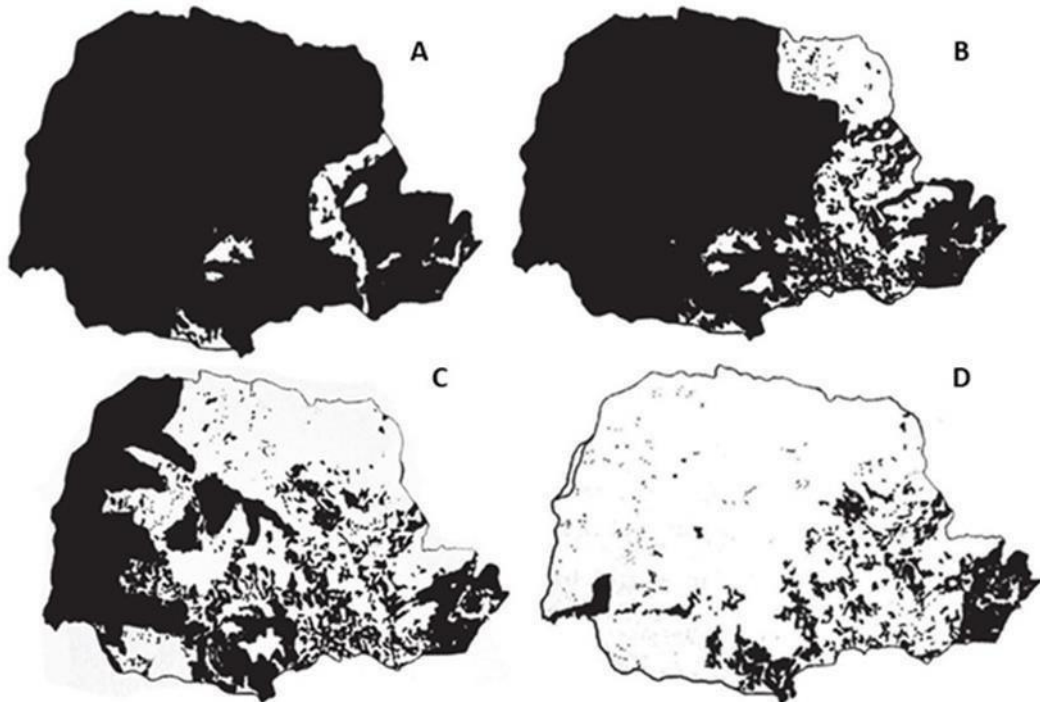
Também as mulheres indígenas, enfrentam violências contra suas formas de vida. Eliana Piaia e Josiane Carine Wedig (2021) observaram que o avanço das monoculturas de soja sobre as florestas de araucárias, que constituem esses territórios, faz com que as mulheres Kaingang precisem percorrer distâncias cada vez maiores em busca de taquaras, que utilizam na confecção de seu artesanato. Além disso, algumas administrações municipais da região proíbem que essas mulheres exponham seus artesanatos em espaços públicos. Essa diminuição das áreas de floresta pode ser associada ao que Ferdinand (2022) caracterizou como um processo de limpeza, que é ligado a instalação do modelo monocultural da *plantation* sobre esses territórios. Como o autor ressalta, a habitação colonial só começa quando as árvores são cortadas e todas as formas de vida da floresta são eliminadas.

Para melhor compreender como ocorreu o desmatamento no estado do Paraná, apresento o mapa (Figura 4) que mostra a diminuição das áreas de florestas ao longo dos últimos 100 anos. Esse mapa possibilita uma análise mais aprofundada do processo de "limpeza" no estado e do avanço das monoculturas. Na Região Sudoeste, é possível notar que esse processo ocorreu com maior intensidade a partir da década de 1930•1940, quando se iniciou a Marcha para o Oeste. Edson Luiz Flores (2000) aponta que, desde o início da chegada de colonos na região até a década de 1970, a industrialização da madeira foi a principal atividade econômica. Foram instaladas serrarias que extraíam, especialmente, as florestas de araucárias, abundantes na região pela propagação milenar que os povos indígenas fizeram delas (BRANCO, 2021).

---

<sup>9</sup> Moysés Lupion, foi governador do estado do Paraná entre 1947-1951 e entre 1956-1961. Ele possuía uma relação com o esquema de grilagem de terras no estado, sendo apontado como um dos sócios da Citla (MEDEIROS, 1989; PEGORARO, 2008).

**Figura 4 – Distribuição florestal do Paraná entre 1890 e 1990**



A imagem A corresponde a 1890 onde área florestal do estado era de 98,32%, B corresponde a 1930 onde a área florestal era 64,00%, C corresponde a 1965 onde a área de floresta era de 39,67% e D corresponde a 1990 onde a área florestal correspondia a 7,59%.

**Fonte: EcoDebate (2013)**

Atualmente, as principais atividades econômicas da região são a produção de monoculturas e *commodities*, como soja e milho, e o setor avícola e leiteiro. Todo esse contexto histórico nos permite entender a atualidade do Plantationoceno (HARAWAY, 2016; HARAWAY *et al.*, 2016; HARAWAY; TSING, 2019). Cabe salientar que, embora a região não tenha sido composta por latifúndios, a lógica hegemônica de sua ocupação colonial foi de extração de florestas, avanço das monoculturas e sobreposição aos territórios dos povos indígenas e caboclos, pautado no branqueamento fomentado pelo Estado e pela propagação de um ideário de progresso e crescimento econômico.

Portanto, a *plantation* atuou e segue atuando como um sistema político, econômico e social no processo de colonização da Região Sudoeste do Paraná. No entanto, mesmo aqueles que se beneficiaram desse processo de colonização, os colonos/posseiros, precisaram se rebelar contra ele quando os interesses de uma poderosa empresa concentradora de terra se sobrepõem ao acesso que lhes foi prometido pelo governo brasileiro. A empresa Citla afirmava ser dona de todo esse

território, e para isso contratou jagunços que ameaçavam os posseiros, com a cumplicidade de representantes do Estado. A Revolta dos Posseiros é um exemplo de como os colonos/posseiros se organizaram e lutaram pela terra.

Na próxima seção, será apresentado como as plantations industriais se apropriam do conhecimento local de agricultoras, comunidades indígenas e tradicionais para a produção de sementes transgênicas e a eliminação das sementes tradicionais desses coletivos.

### **3.3 Agora eles vendem genes: o processo de captura das sementes pelas *plantations* industriais**

Nesta seção, descrevo como os saberes localizados de agricultoras/es, indígenas e comunidades tradicionais sofrem constantes tentativas de captura pela indústria de sementes. Apresento também como a Revolução Verde foi difundida por empresas públicas nacionais, por meio dos pacotes tecnológicos industriais de sementes, fertilizantes, agrotóxicos e grande máquinas agrícolas. E por fim, relato como se deu o processo de industrialização de sementes e a entrada dos transgênicos no Brasil.

As diversas formas de saberes que foram compostas ao longo dos milênios da interação entre plantas, animais, humanos e outros seres no planeta, proporcionaram o desenvolvimento de diversos sistemas locais de conhecimentos e de culturas agrícolas (TSING, 2019). Com a emergência do Holoceno, e o início das agriculturas como modo de vida, esses sistemas locais possibilitaram o desenvolvimento de diversas variedades de sementes. É no período do Holoceno que se intensificam as relações entre humanos e sementes. Sociedades nômades que viviam da caça e coleta de alimentos passam a ser sociedades agrícolas. Esse período é marcado por diversidades biológicas e culturais, que podemos denominar como socioagrobiodiversidade (PACKER, 2009). Esse tipo de interação entre humanos e a biodiversidade, quando ocorre de forma recíproca, caracteriza-se pelo que Tsing (2019) denomina de perturbação controlada. As sementes desenvolvidas dessa forma possuem uma maior resistência às mudanças climáticas e uma maior adaptabilidade aos climas locais.

Porém, esses saberes de agricultoras/es, indígenas e comunidades tradicionais passaram a ser classificados como atrasados por aqueles que difundiram a *plantation* como modelo colonial e monocultural. Com a chegada das *plantations*, as



monoculturas começaram a ser difundidas e as sementes passaram a ser controladas pelos senhores de terra coloniais. Isso representou uma grande mudança no cenário agrícola, em que a diversidade de sementes e culturas foi substituída por uma lógica de produção em larga escala. Com a Revolução Verde, o controle colonial sobre a agricultura se intensificou, acelerando o processo de transformação das sementes em mercadorias industriais. A busca por plantas que eram definidas, de forma hegemônica, como mais produtivas, resistentes a pragas e com maior facilidade de colheita, levou a uma perda irreparável da diversidade das sementes e, conseqüentemente das agriculturas locais e dos conhecimentos a elas associados.

Isso abriu brechas para que a Ciência Moderna, associada ao Estado e à indústria, se apoderasse dos saberes e das sementes das comunidades locais, tomando para si a competência de definição do que é conhecimento válido e do que não é (FERNANDES, 2020). Isabelle Stengers (2017) diferencia a Ciência, com "C" maiúsculo e no singular, das ciências experimentais, com "c" minúsculo e no plural, indicando que aquela está vinculada à ideia de uma racionalidade científica hegemônica, fruto do processo de colonização, e articulada ao Estado e ao mercado global, enquanto estas últimas estão ligadas às práticas e saberes criados por diversos coletivos em diferentes lugares do planeta.

No contexto brasileiro, a Revolução Verde contou com o financiamento público de pesquisa, extensão e crédito. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) foi criada nos anos de 1970 e a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMBRATER) passou a difundir as novas tecnologias produzidas no processo de modernização da agricultura (FRANCO, 2001). Esse modelo, foi estabelecido como aquele pelo qual os países do terceiro mundo deveriam incorporar as tecnologias químicas, biológicas e mecânicas produzidas por indústrias dos países do norte global. O discurso difundido para isso foi o da superação da escassez de alimentos, da fome e da pobreza. No entanto, o avanço da produção e exportação de *commodities* do sul global, acentuou a concentração do capital nos países centrais, reatualizando a engrenagem do sistema mundo moderno colonial. O pacote tecnológico industrial que adentrou o espaço rural, difundiu variedades de sementes híbridas e depois transgênicas, denominadas como VAR, intensivamente dependentes de agrotóxicos, fertilizantes sintéticos, de irrigação intensiva e de mecanização dependente de combustíveis fósseis (SHIVA, 2015).

Esse padrão agrícola avançou sobre as agriculturas tradicionais, provocando a perda de terras pelos coletivos indígenas, quilombolas, camponesas, convertendo grande parte das áreas rurais em estruturas agroindustriais concentradas (PAULA, 2017), estendendo as relações industriais ao campo (MCMICHAEL, 2009) e ampliando ainda mais os latifúndios. Além disso, foi responsável pela "perda de grande parte da diversidade e variabilidade das plantas cultivadas em função da transformação de agroecossistemas em monocultivos de estreita base genética" (PELWING; FRANK; BARROS, 2008, p. 395). Como apontam John Wilkinson e Pierina German Castelli (2000), o processo de modernização da agricultura brasileira favoreceu a articulação da indústria de sementes no país.

De acordo com Wilkinson e Castelli (2000), a produção de sementes, fomentada pelo Ministério da Agricultura, que fazia esse serviço desde o período colonial, foi encerrada na década de 1950, juntamente com as secretarias estaduais de agricultura, com exceção de São Paulo. Com isso, a década de 1960 marca o início da indústria de sementes no país. Anterior a esse processo, os autores relatam que só havia comercialização pelas multinacionais e pela Agroceres<sup>10</sup>. O primeiro programa de produção industrial de sementes no Brasil, ocorreu no Rio Grande do Sul, com a produção de sementes de trigo, conduzido pelo Instituto de Pesquisas Agropecuárias do Sul, na década de 1960 (Ipeas/ MA) (BANDEIRA, 2015; WILKINSON; CASTELLI, 2000).

Já no final do século XX, a biotecnologia e a engenharia genética passaram a ser cada vez mais utilizadas na agricultura, o que levou ao aprofundamento das dependências do mercado global. Isso ocorreu por meio de uma Ciência que muitas vezes desconsiderou os saberes tradicionais de agricultoras/es e focou em atender aos interesses do capital (SHIVA, 2001).

Como aponta Renata Motta (2016), com a entrada do Brasil na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 1994, criou-se um ambiente favorável à liberação de produtos transgênicos. Em 1995, o país aprovou a Lei de Biossegurança, e em 1996, o Congresso discutiu o acordo sobre os Direitos de Propriedade Intelectual (DPI). Em 1997, foi criada a Lei de Proteção de Variedades Vegetais. De acordo com a autora, a década de 1990 foi um período extremamente favorável à difusão da biotecnologia no país, visto que o Brasil, assim como toda a América Latina, estava sob o regime

---

<sup>10</sup> Empresa criada em Viçosa, sendo pioneira no país na comercialização de milho híbrido.

neoliberal, que defendia a ideia da necessidade de melhorar a balança comercial e contava com o incentivo governamental para o avanço da monocultura, estando as sementes transgênicas inseridas nesse contexto.

No caso do Paraná, as sementes de soja transgênicas adentravam via contrabando da Argentina. Na época, o país vizinho tinha uma legislação mais flexível em relação aos transgênicos, o que o tornava um grande produtor desse tipo de grão. A Argentina, junto com Canadá e Estados Unidos, foram os primeiros países a liberarem o cultivo comercial de soja transgênicas em 1996 (BRAVO et al., 2017).

No Brasil, houve embates em relação à aprovação dos transgênicos. O primeiro governador a se opor à produção de transgênicos foi Olívio Dutra, governador do Rio Grande do Sul, que em 1999, sancionou um decreto que tornava obrigatória a notificação ao poder público das áreas onde havia cultivos de transgênicos. Devido a intensas manifestações pró-transgênicos, realizadas pela ala ruralista, em abril de 2000, a Assembleia Legislativa daquele estado derrubou a liminar. Em novembro do mesmo ano, o Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu a lei estadual, alegando que a liberação ou proibição dos transgênicos no país cabia ao Governo Federal (MENASCHE, 2003).

No Paraná, o governador Roberto Requião, chegou a aprovar duas leis contra a circulação de transgênicos no estado: a Lei Paraná Livre de Transgênicos nº 14.162/03, que proibia a entrada de produtos transgênicos pelo Porto de Paranaguá, e a Lei de Rotulagem dos Produtos Transgênicos nº 2.658/2003. Entretanto, as duas leis foram anuladas ainda no ano de 2003 pelo STF, por inconstitucionalidade, afirmando que fugiam do alcance do governo do estado (COSTA, 2020).

O avanço das sementes transgênicas e o domínio das multinacionais do agronegócio estão relacionados ao que Maristela Svampa (2019) denomina como expansão do neoextrativismo. Essa expansão se consolidou a partir do Consenso de Washington, que propunha o avanço das privatizações e o ajuste estrutural do Estado a esse modelo econômico. A autora ressalta que o extrativismo é uma prática que ocorre na América Latina desde a invasão europeia, mas no século XXI se estruturou como neoextrativismo, caracterizado pela intensificação da exploração de recursos naturais e pela dependência econômica em relação aos mercados internacionais.

Svampa (2019), caracteriza o neoextrativismo, como um modelo de desenvolvimento baseado na superexploração da natureza. Fundado, na exportação de bens primários em grande escala (gás, petróleo, metais e minerais) e de produtos

ligados à produção agrícola (soja, dendê e a cana-de-açúcar). Ainda de acordo com a autora o neoextrativismo está relacionado com a expansão da monocultura, em especial a da soja, que, de acordo com ela, reconfigurou o mundo rural sul-americano. Ainda de acordo com Svampa (2019), atualmente, essa lógica avança pelo Consenso das *Commodities* que se baseia na exportação em grande escala de bens primários, visando o crescimento econômico e a expansão do consumo. Para ela, esse modelo de desenvolvimento econômico ocasiona a reprimarização da economia. O Consenso das *Commodities* implementou massivos projetos extrativistas para a exportação. Mesmo os governos progressistas que surgiram na América Latina no início dos anos 2000 adotaram esse modelo, utilizando os lucros desses projetos extrativistas para financiar políticas sociais (SVAMPA, 2019). Um exemplo disso no Brasil foi quando o governo Lula anunciou que a maior parte dos recursos obtidos com o pré-sal seria destinada à saúde e educação.

Ainda que promova recursos para políticas públicas, o neoextrativismo é baseado numa dinâmica territorial que tem como finalidade uma ocupação intensiva do território e a grilagem de terra através das monoculturas e do avanço do sistema de plantation (SVAMPA, 2019).

Como apresentado ao longo desta seção, o processo de controle das sementes teve início com os senhores de terras coloniais e suas produções monoculturais, e foi intensificado com a Revolução Verde, que no Brasil se valeu de empresas públicas para promover seus pacotes tecnológicos. Também foi relatado o processo de entrada dos transgênicos e as resistências criadas por mecanismos jurídicos como as leis estaduais no Paraná e Rio Grande do Sul. No próximo capítulo, apresento como as agricultoras e agricultores estabelecem suas relações cotidianas com as sementes crioulas e os saberes que emergem dessas interações. Apesar de todos os processos coloniais descritos neste capítulo, agricultoras e agricultores continuam resistindo às *plantations* e estabelecendo espaços de refúgios e de vida com as sementes, como veremos a seguir.

## **4 RECEBER, PLANTAR E GUARDAR: AS RELAÇÕES COTIDIANAS COM AS SEMENTES CRIOULAS**

Neste capítulo, apresento como se estabelecem as relações cotidianas entre agricultoras/es e as sementes crioulas, e como a partir disso, vão sendo constituídos diferentes saberes. Ele está estruturado em quatro partes. Na primeira, apresento como se constitui o que é ser uma/um guardiã/ão de sementes crioulas. Na segunda, discuto sobre os saberes localizados envolvidos nos distintos manejos das sementes crioulas. Na terceira seção, dedico-me ao processo de armazenamento das sementes crioulas pelas/os agricultoras/es. E, por fim, trago para o debate as estratégias de resistência que são tecidas diante das ameaças causadas pelos agrotóxicos e pelas sementes transgênicas que ocupam a maior parte das áreas rurais da região.

### **4.1 O que é ser uma/um guardiã/ão de sementes crioulas?**

Até a década de 1980, não havia um termo específico para descrever as relações das/os agricultoras/es com as sementes. Porém, com os processos de industrialização das sementes – primeiro com as variedades híbridas e depois com o surgimento e difusão dos transgênicos – e a erosão genética dela decorrente, colocasse em evidência a necessidade de organização política entre as/os agricultoras/es e as sementes que elas/es vinham cultivando há gerações. O termo “guardiãs/ões de sementes”, surge nessa perspectiva, ainda que de forma difusa e em meio a variações, visando ressaltar a importância que, agricultoras/es, indígenas e outros povos e comunidades tradicionais ocupam na defesa da agrobiodiversidade (OLANDA, 2015; PESCHARD; RANDERIA, 2020).

Mas o que faz alguém ser uma/um guardiã/ão de sementes? É somente o ato de guardar as sementes? As/os agricultoras/es com os quais conversei, me foram apresentadas/os como guardiãs/ões, mas elas/es se consideram dessa forma? Durante a realização das entrevistas, pude perguntar se elas/es se consideravam guardiãs/ões de sementes e o que isso significava. Das/os dez agricultoras/es com os quais realizei as entrevistas, apenas três não se consideravam guardiãs/ões. Ao longo dessa seção, apresentarei o que está associado à definição deste termo, o que leva também a percepções específicas sobre as sementes crioulas.

Na literatura “guardiões” de sementes crioulas pode ser definida da seguinte forma:

Guardiões são agricultores que possuem sementes crioulas de diferentes espécies e que as mantêm por processo de multiplicação através do tempo, com ou sem seleção artificial. O enfoque pode ser não somente conservacionista, mas também de seleção de plantas mais adaptadas aos sistemas de produção da agricultura familiar, fato importante nesse contexto de mudanças climáticas. Entre as características que podem qualificar o guardião de sementes estão o reconhecimento do seu papel pela comunidade ou o reconhecimento por meio da análise de evidências apresentadas e período mínimo de tempo na posse das sementes (BEVILAQUA *et al.*, 2014, p. 104).

O trabalho de campo, as entrevistas e conversas que realizei, porém, apontam também para outros elementos. Dona Lourdes, foi uma das entrevistadas, que se autodenominou uma guardiã de sementes. Ela é uma agricultora, integrante do MST, que há 10 anos vive no Acampamento Terra Livre, no município de Clevelândia/PR. Ela conta que seus pais *tinham seu próprio pedaço de terra*. Ela e o companheiro, se juntaram ao MST, após o casamento. Atualmente na sua propriedade de 7,26 hectares (todas as propriedades do acampamento, possuem o mesmo tamanho) vivem só os dois. Seus filhos, já se casaram, um é seu vizinho e outro não vive mais ali, mas continua trabalhando na agricultura.

Dona Lourdes, relata que começou a guardar sementes após entrar para o movimento e que vem realizando esse trabalho com maior intensidade nos últimos três anos. Ela destaca a atuação do CAPA, Núcleo Verê, através da técnica Jeniane<sup>11</sup> — a quem carinhosamente, chama de Jê — como a maior incentivadora para o trabalho com a produção das sementes crioulas:

*Antes de nós entrarmos no movimento e a Jê começar a fazer esse trabalho conosco, íamos na agropecuária e comprávamos as sementes para plantar, e usávamos produtos químicos depois, e agora não, agora a gente ganhou as sementes do CAPA e daí através daquela semente já foi colhendo e, guardando. Já faz três anos que estou guardando a minha própria semente, não estou mais indo lá comprar sementes. Então para mim a semente crioula é essa que a Jê deu, que a gente planta e colhe, e no próximo ano planta de novo e assim vai (Dona Lourdes, entrevista, agosto de 2022).*

Para Dona Lourdes, as sementes crioulas representam cultivar sem o uso de agrotóxicos, e possuir independência em relação ao mercado convencional de sementes. Durante nossa conversa, ela reforçou várias vezes que não comercializava as suas sementes, pois para ela não há sentido em comercializar algo que ela ganhou,

---

<sup>11</sup> Jeniane Oliveira é engenheira florestal, e filha de assentados da reforma agrária. Veio para o Sudoeste do Paraná há 12, pelo MST, para trabalhar com as famílias acampadas/assentadas da região. Entre 2018-2022, atuou como técnica do CAPA, núcleo Verê, atendendo exclusivamente as famílias ligadas ao movimento.

mesmo tendo tido todo o trabalho de plantar, colher e armazenar. Sobre sua relação com as sementes crioulas, ela conta:

*Nossa, como eu vou explicar, é muito bom ver que a gente produz uma planta e a planta produz, daí a gente vai lá e colhe de novo, é uma satisfação, a gente estar ali, poder colher sua própria semente. Eu gosto bastante de colocar nos litrinhos para ver as sementes. Eu deixo tudo em carreira para ver as sementes é muito bom (Dona Lourdes, entrevista, agosto de 2022).*

Da área total da sua propriedade, uma extensão de 2,42 hectares é dedicada ao cultivo de sementes crioulas de feijão, vagens, abóbora, milho, arroz, entre outras, e hortaliças, as quais são fornecidas para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Parte da renda da família vem da entrega das hortaliças para a merenda escolar. Dona Lourdes é responsável por essa atividade com as sementes crioulas e as hortaliças. A produção também é destinada ao autoconsumo. No restante da área (4,84 hectares), o companheiro de Dona Lourdes realiza a produção de feijão e milho de maneira convencional, fazendo uso de agrotóxicos e sementes industriais. Esta produção é vendida para uma grande cooperativa da cidade.

Dona Lourdes, relata que recebe ajuda do companheiro, em momentos específicos dos manejos com as sementes crioulas: *ele também ajuda, ele ajuda a colher as sementes*. Durante nossa conversa, ela relata como as sementes crioulas, são percebidas pelas pessoas do acampamento onde vive:

*A maioria das famílias daqui produz para o seu consumo. Todas as famílias daqui usam sementes crioulas, porque a gente ganha bastante. Tem projetos de sementes, daí eles trazem. Todas as famílias estão plantando, só não são guardiãs de sementes, porque plantam e comem tudo. Depois vem de novo. Todos eles gostam muito (Dona Lourdes, entrevista, agosto de 2022).*

Ainda no decorrer da conversa com Dona Lourdes, percebi que a concepção dela enquanto guardiã, está relacionada, além do que foi mencionado anteriormente, em levar as sementes para doação em eventos como festas, feiras e jornadas. A possibilidade de compartilhar sementes nesses eventos é uma das dimensões que lhe leva a compreender seu trabalho como guardiã:

*Me acho uma guardiã, porque nós fomos em uma feira lá em Santa Catarina, que não lembro mais o nome<sup>12</sup>, a gente levou muitas sementes, bastante semente para doar. Teve também a Jornada em Curitiba, em que levamos bastante sementes (Dona Lourdes, entrevista, outubro de 2022).*

---

<sup>12</sup> Se referia aqui a Festa do Milho Crioulo em Anchieta, conforme relatou Jeniane.

**Figura 5 - Dona Lourdes e suas sementes na Festa do Milho Crioulo, em Anchieta/SC**



**Fonte: acervo pessoal de Jeniane Oliveira, 2022**

Além de Dona Lourdes, no mesmo Acampamento Terra Livre do MST, no município de Clevelândia/PR, entrevistei Dona Marilu. Ela é agricultora, e há sete anos vive com o companheiro no acampamento. Ela também se declara como uma guardiã de sementes. Ela começou a realizar as atividades com as sementes de forma mais intensiva, há aproximadamente três anos:

*Eu estou me considerando guardiã agora, porque já faz uns três anos que comecei a guardar toda a semente que eu vejo. Se eu vou em alguma propriedade que vejo uma semente diferente, eu já peço, já trago, já guardo, deixo para plantar e vou guardando (Dona Marilu, entrevista, agosto de 2022).*

Para ela ser guardiã de sementes, está relacionado à soberania e à segurança alimentar e nutricional, tanto de sua família, quanto do Acampamento de forma mais ampla:

*Me tornei guardiã depois que entrei no Acampamento. Você tem que produzir alimento, diversidade, vai querendo conhecer mais tipos de sementes, vendo que aquilo ali é um alimento para a família, que você pode passar para as outras famílias (Dona Marilu, entrevista, agosto de 2022).*

Apesar da designação mais recente de “guardiã”, a agricultora identifica que sua relação com as sementes crioulas começou ainda na infância. Ela relata que seu pai já guardava sementes, chegando a nomeá-lo como um guardião: *o meu pai, na verdade sempre foi um guardião de sementes. Porque lembro de quando era menina, que ele sempre tinha sementes guardadas no celeiro, e eu já tinha uma noção sobre*



como guardar as sementes (Dona Marilu, entrevista, agosto de 2022). Ainda sobre a sua relação com as sementes crioulas ela, explica:

*A semente, se for ver, é maravilhosa. Você vê aquela planta, aquela sementinha, você a acompanha crescer, ela germinar ali e vai dar o fruto, o alimento. É o alimento para o sustento da família. Muitas vezes sobra, dá para você vender ou doar para um vizinho. Doar para alguém, isso é muito bom doar o alimento para alguém (Dona Marilu, entrevista, agosto de 2022).*

Pode-se notar pela fala de Dona Marilu, que as características que ela atribui às sementes estão permeadas por memórias e saberes. Segundo Tsing (2015), é essa relação de afeto que diferencia as relações estabelecidas nesses sistemas de cultivos locais, das relações estabelecidas pela *plantation*. Para essas agricultoras, as sementes crioulas possibilitam independência, já que não é preciso comprá-las. Além disso, elas são fontes de saberes, já que se aprende todo o processo, desde o plantio até o armazenamento. Elas possibilitam também relações sociais durante as trocas e intercâmbios. Nas palavras de Dona Marilu:

*Para mim é assim, você pega uma semente, você tem aquela curiosidade de ter aquela semente, você vai guardando ela, produzindo. Geralmente a gente doa, vai passando para os outros plantar, e você sempre vai guardando elas num recipiente que não estrague, para plantar no próximo ano, e vai plantando e todo ano você tem aquela semente. Não precisa você comprar, você tem a semente crioula (Dona Marilu, entrevista, agosto de 2022).*

A propriedade de Dona Marilu possui o mesmo tamanho que a de Dona Lourdes. A sua produção com as sementes crioulas ocorre na horta, e em alguns pedaços da propriedade, como ela aponta. A produção oriunda das sementes crioulas, feijão, arroz, tomate, milho entre outras, é destinada ao autoconsumo e para a entrega de hortaliças para a merenda escolar por meio do PNAE. Assim como na propriedade de Dona Lourdes, em sua propriedade também ocorre a produção convencional de milho e feijão, sendo os companheiros os responsáveis por essas áreas em ambos os casos.

**Figura 6 - Local de cultivo das sementes crioulas de Dona Marilu**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

O trabalho com as sementes crioulas é realizado tanto por Dona Marilu, quanto por seu companheiro, o qual não pude entrevistar pois estava envolvido com outra atividade no dia que estive na propriedade. Ela chega a nomeá-lo também como um guardião: *sim, ele também é guardião, nós dois somos. Como eu te falei, a gente quando vê uma semente diferente vai e traz para plantar. A gente se ajuda* (Dona Marilu, entrevista, agosto de 2022). Como é mencionado em sua fala, a forma como ela consegue suas sementes se dá por diferentes maneiras, através da relação com o CAPA, na participação nas festas e jornadas, e ganhando de pessoas que sabem do seu afeto pelas sementes.

**Figura 7 - Sementes que Dona Marilu conseguiu na 17ª Festa Regional das Sementes de Mangueirinha/PR em 2022**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

Entre as/os agricultoras/es que entrevistei, Dona Neiva e Seu Lori, não se identificam como guardiã/ão. Eles residem em uma propriedade de 13,5 hectares, localizada em um assentamento do Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB), no município de Marmeleiro/PR. Eles são naturais de Aratiba/RS, e tiveram a propriedade atingida pela construção da barragem da usina hidrelétrica de Itá/SC, sendo deslocados e reassentados no Sudoeste do Paraná, desde a década de 1990. Apesar dessa barragem estar localizada em Santa Catarina, ela atingiu diretamente quatro municípios do Rio Grande do Sul, entre eles o município de Aratiba.

Somente Dona Neiva e Seu Lori, residem na propriedade. Entretanto, as suas filhas, a mãe e o irmão de Seu Lori, que é casado com a irmã de Dona Neiva, também residem no Assentamento. Atualmente, a renda da família vem da produção de leite e do arrendamento de parte da propriedade para um vizinho. As sementes crioulas

cultivadas, como feijão milho, tomate, amendoim, melancia, são utilizadas na alimentação da família. Essas sementes, são cultivadas em uma pequena área, próxima à residência do casal, e todo o seu manejo é feito sem o uso de produtos químicos.

**Figura 8 - Local de cultivo das sementes crioulas de Dona Neiva e Seu Lori**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

Seu Lori descreve as sementes crioulas, como sendo aquelas com as quais se realiza uma troca com as/os vizinhas/os, e que parte do processo de melhoramento é fruto do trabalho da natureza e não exclusivamente de interferência humana. A relação com a natureza, segundo o agricultor, também distingue as sementes crioulas daquelas da indústria:

*A semente crioula é aquela que a gente preserva, que a gente vai colher, vai multiplicar, plantar de novo, trocar com os vizinhos e com quem também faz a mesma prática. Uma semente assim que você não passa por um processo, vamos dizer assim de laboratório para mudar alguma coisa delas, porque a natureza também faz suas próprias mudanças. A natureza faz algumas mudanças. A gente já percebeu várias vezes isso, de que a própria natureza faz algumas mudanças (Seu Lori, entrevista, novembro de 2022).*

Para Dona Neiva, as sementes crioulas estão ainda conectadas aos momentos coletivos, envolvem o trabalho na propriedade, mas também ganham vida nas festas e feiras de sementes:

*Produzir as sementes que a gente mesmo colhe, guardar e plantar elas de novo. E nas festas, a gente compartilha com outras pessoas, pega as que a gente não tem e daí leva bastante, faz troca de sementes. (Dona Neiva, entrevista, novembro de 2022).*

Dona Neiva conta que sentiu falta das festas e feiras de sementes crioulas durante a pandemia, quando elas foram suspensas para evitar a aglomeração de pessoas.

Apesar de toda essa relação com as sementes crioulas, o motivo pelo qual Dona Neiva não se considera uma guardiã, está relacionado, ao fato de ela não possuir uma grande quantidade de variedades. Para ela, ser guardiã de sementes está relacionada à uma diversidade de sementes: *Eu acho que tem alguns ali que são guardiões mesmo, que eles guardam tudo para depois compartilhar, e a gente só tem algumas. Mas tem uns ali que é todos os tipos de sementes. Acho que isso é ser considerado um guardião* (Dona Neiva, entrevista, novembro de 2022).

Seu Lori, também não se considera guardião, pelo mesmo motivo:

*Eu acho que eles se dedicam mais a isso do que nós. Mas a gente produz um pouco e repassa para alguém, porque quanto mais gente multiplica melhor, pois até a semente fica melhor. Aqui do nosso lado o vizinho tem, a gente tenta trocar uma semente com ele, que já é um pouco diferente o jeito de cultivar, pode ser que seja diferente. Mas sempre preservando. A gente nunca se preocupou com isso de dizer, ah nós somos guardiões de semente para falar assim, não, mas a gente preserva, cuida, guarda todo ano* (Seu Lori, entrevista, novembro de 2022).

Apesar de não se considerarem guardiões de sementes, Seu Lori e Dona Neiva, são vistos assim pela sua comunidade. Eles promovem trocas de sementes com as/os vizinhas/os e sempre participam das festas de sementes. Nessa perspectiva, o trabalho das/os guardiãs/ões está para além da quantidade de variedades que possuem, é uma relação que envolve conexões com sementes, vizinhas/os, diversidade alimentar, cuidado com a biodiversidade etc.

Seu Francisco, mesmo tendo desenvolvido uma variedade de milho com o seu nome, também não se considera como um guardião de sementes. Ele vive em uma propriedade de 30 hectares — área que compartilha com dois irmãos, a cunhada e o sobrinho — no município do Verê/PR. O milho é a única espécie crioula cultivada na propriedade. Sua propriedade é certificada pela Rede Ecovida, como sendo agroecológica. Seu Francisco produz farinha para polenta com os milhos crioulos, mas só sob encomenda. O leite é a principal fonte de renda de sua família. Ele não se define como um guardião de sementes crioulas, pois, nos últimos anos, vem diminuindo sua produção, devido à sua idade avançada e por se dedicar prioritariamente à produção de leite. Apesar de não se entender como guardião, suas palavras apontam ensinamentos e compreensões sobre as sementes crioulas:

*A gente procura não segurar muitas variedades só para nós, mas disseminamos para outras pessoas ter também a semente e ter a mesma ideia de manter. Manter essas sementes, porque a gente não sabe como vai ser daqui dez, quinze, vinte anos, como que vai ser a situação e, essas variedades, tem umas que são históricas, desde que a gente se conhece por gente que é produzido (Seu Francisco, entrevista, outubro de 2022).*

Na fala de Seu Francisco, percebe-se uma preocupação com a preservação das sementes crioulas no futuro. Essas sementes são carregadas de histórias e precisam ser protegidas para as próximas gerações. Segundo ele, o surgimento das sementes transgênicas tem prejudicado o desenvolvimento dessas variedades históricas, caracterizando um processo de erosão genética. Antes da existência dos transgênicos, ele conseguia produzir bem apenas com adubo, mas hoje, mesmo utilizando outros produtos como o yoorin, fertilizante fosfatado permitido para cultivos orgânicos, a produção não é satisfatória.

Dona Maria Arlete, é agricultora e quilombola do município de Palmas/PR. Para ela, o povo quilombola sempre foi guardião de sementes e sempre teve como base de seus cultivos a *produção orgânica*. Para ela, a semente crioula é *aquela que você mesmo cria. Você planta, tira e já planta*. Em sua compreensão, as sementes, as plantas e os saberes do povo quilombola estão completamente conectados a essas práticas. A título de exemplificação de saberes que entrecortam gerações, ela rememora sua relação com a árvore do Jaracatiá<sup>13</sup>. Essa espécie é utilizada na alimentação, no preparo de alimentos e doces, especialmente devido ao seu gosto de coco. As palavras de Dona Maria Arlete avivam essa memória e colocam no presente a relação estabelecida entre as pessoas e as plantas. Ela narra como se prepara o doce do Jaracatiá e qual a relação dessa árvore com seu povo:

*Você corta e descasca. Dentro ele tem aquele miolo branco você rala. Lava bem e faz o doce. Jaracatiá o nome, essa é uma planta da África que veio para o Brasil. E onde eu vejo um pé de Jaracatiá assim eu digo que morava um negro ali, todos os negros da nossa comunidade tinham os pés em casa (Dona Arlete, entrevista, novembro de 2022).*

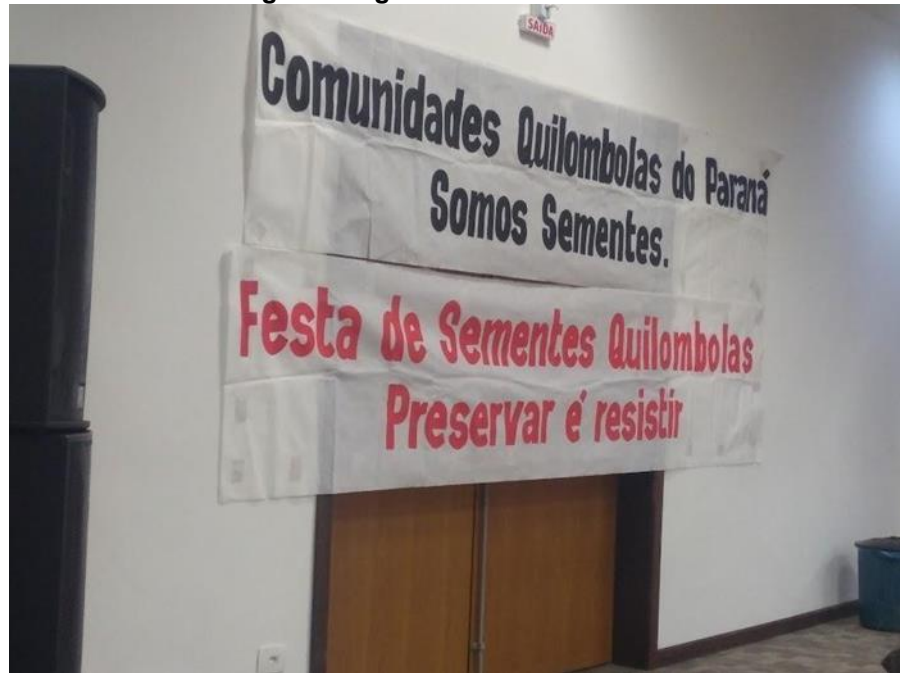
Ao cultivar plantas e sementes crioulas, as comunidades tradicionais se reconectam com suas identidades e seus saberes, já que, como apontado por Antônio Bispo dos Santos (2015) e Grada Kilomba (2019), uma das violências do processo colonial é o apagamento da identidade das pessoas que foram colonizadas. Ao plantar, multiplicar e compartilhar essas sementes, elas rompem o silêncio imposto

---

<sup>13</sup> *Jacaratia spinosa*. O nome Jaracatiá em tupi quer dizer fruta da árvore do talo ou tronco mole.

pela máscara do colonialismo (KILOMBA, 2019) e se tornam sementes, semeando o mundo com suas culturas, saberes e as diversas possibilidades de ser e estar. Isso foi expresso na faixa exposta pelos coletivos quilombolas na 19ª edição da Jornada de Agroecologia realizada em Curitiba/PR:

**Figura 9 - Faixa de divulgação da Festa de Sementes Quilombolas do Paraná, durante 19ª Jornada de Agroecologia do Paraná em Curitiba/PR**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

Para Francisca, guarani Mbyá, do município de Chopinzinho/PR, que mora na Terra Indígena Mangueirinha, as sementes crioulas estão relacionadas à saúde. De acordo com ela, para o povo Guarani, a alimentação é como um remédio, em que o alimento é o responsável por manter a saúde. Dessa forma, manter as sementes crioulas é manter a própria saúde. Para os Guarani, as sementes crioulas envolvem relações cosmológicas. Assim, antes de realizar o plantio, eles realizam a benção<sup>14</sup> das suas sementes, para que tudo ocorra bem durante o período de cultivo.

---

<sup>14</sup> No capítulo seguinte, apresento como ocorrem essas benção das sementes realizada pelo povo guarani.

**Figura 10 - Local de cultivo das sementes crioulas de Francisca**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

Seu Valdemar, mora no município de Verê/PR, e possui uma propriedade de 7,6 hectares. A propriedade é certificada pela Rede Ecovida como uma propriedade agroecológica. Ele se considera um guardião, mas em suas palavras ainda está *engatinhando*, pois acha que lhe falta uma estrutura melhor na sua propriedade para que consiga se dedicar mais ao trabalho com as sementes.

A partir dessas várias narrativas, é possível compreender que a definição do que é ser uma/um guardiã/ão de sementes está relacionada a várias concepções. Para algumas/uns ser guardiã/ão é ter soberania e segurança alimentar e nutricional, e conseguir possibilitar isso para outras pessoas. Para algumas/uns, envolve a participação em festas e feiras de sementes levando as suas próprias sementes para compartilhar. A prática de guardar, plantar e compartilhar sementes, também está relacionada às cosmologias e memórias dos povos que estão intensamente ligados a terra.

O que observei é que mesmo aquelas/es que não se reconhecem como guardiã/ão — devido a pouca disponibilidade de variedades de sementes crioulas e pela diminuição das áreas de cultivo com essas sementes em seus territórios —, são reconhecidas/os por pessoas de seu convívio e por entidades de apoio técnico, como guardiãs/ões. Em todos os casos observados, as relações dessas/es agricultoras/es com as sementes crioulas são cercadas por saberes localizados e afetos. Na seção seguinte, descrevo como são estabelecidos alguns desses saberes.



## **4.2 Os saberes localizados e as relações com as sementes crioulas**

Nesta seção discutirei, a partir de perspectiva dos saberes localizados, como as/os guardiãs/ões estabelecem suas relações com as sementes crioulas, no que diz respeito a escolha do que se tornará semente, formas de plantio, manejo e colheita. Para isso, me vínculo à proposta de Haraway (1995), que define os saberes localizados como importantes para compreender a diversidade de narrativas e perspectivas em uma sociedade e para desafiar o poder hegemônico da Ciência e da tecnologia dominante. Para a autora, não existe uma verdade única e universal, mas sim múltiplas narrativas e perspectivas que são localizadas em contextos históricos, sociais e culturais específicos. Para ela, os saberes localizados são produzidos por seres humanos que estão inseridos em lugares.

Dona Lourdes relatou que o seu modo de plantio é realizado por meio de uma máquina manual – com a qual planta milho, feijão e o arroz – e por meio de enxada – usada para plantar vagens e outros alimentos. Os cultivos realizados por ela, são feitos seguindo as fases da lua, que estão informadas no calendário biodinâmico que é produzido pelas entidades da região como o CAPA e a Assesoar.

Figura 11 – Exemplo de um calendário biodinâmico



Fonte: Assesoar, 2023

O calendário indica o melhor período para plantio de acordo com as fases da lua e de como isso pode influenciar no cultivo. Para realizar as escolhas das variedades de sementes que ela irá plantar, estabelece dois critérios: as que ela mais gosta e aquelas das quais possui mais sementes. O feijão, é a cultura que Dona Lourdes mais gosta, em especial o feijão manteiguinha. Sobre como é realizado o cultivo dos seus feijões ela explica:

*Eu gosto de plantar duas ou três variedades. Eu planto as que eu mais gosto e as que eu tenho as sementes. Planto duas ou três variedades, um pouco em setembro, em outubro mais um pouco e aí em novembro mais um pouco. Planto da mesma semente, pois se a primeira não dá, a segunda dá e a terceira dá. (Dona Lourdes, entrevista, agosto de 2022)*

Referente a colheita, ela também ocorre de forma manual e Dona Lourdes, relata ser um momento de interação da sua família. De acordo com ela, sua nora, que também é sua vizinha, gosta de colher as vagens e sempre quando chega à época da colheita, elas realizam esta atividade juntas: *a minha nora que é a Joce, ela trabalha*

*no movimento [MST], ela é advogada, ela também gosta muito de colher, daí a gente colhe junto. Quando eu planto vagens, ela me ajuda a colher* (Dona Lourdes, entrevista, agosto de 2022). Mesmo que sua nora e seu filho — que lhe ajuda a plantar — se envolvam no manejo das sementes crioulas, ela não os considera guardiões, pois conforme expressa: *eles não são de ficar guardando sementes*.

Dona Lourdes, depois da colheita dos feijões, os coloca sobre um plástico para que sequem. Depois de secos, ela bate neles com um pedaço de madeira, para que as sementes se soltem das vagens com mais facilidade. A separação, entre o que será destinado a alimentação da família e o que se tornará sementes é feita baseada na quantidade disponível. Ela separa um pouco para armazenar para o próximo plantio e o restante é destinado a alimentação.

Na colheita do milho, Dona Lourdes, tira um pouco de espigas verdes para comer e o restante deixa na roça até estarem secas, que é quando ela realiza a colheita total e o posterior armazenamento.

O manejo dos insetos, na área destinada ao cultivo das sementes crioulas, é feito através de caldas, cuja preparação foi ensinada pela equipe do CAPA. De acordo com ela, os seus principais problemas são os pulgões e as vaquinhas<sup>15</sup>. O uso das caldas, ocorre da seguinte maneira:

*A gente aplica bastante produto que a Jê [Jeniane], ensinou nas oficinas. Tem um produto que a gente usa que vai pimenta, alho e o álcool, joga junto na água e passa aí não deixa o inseto vir, é um repelente. A urina de vaca usa bastante, ela é ureia e não deixa o inseto, a mosca, vir.* (Dona Lourdes, entrevista, agosto de 2022)

Dona Francisca, relata que na sua comunidade a separação do que será guardado como semente e do que será destinado a alimentação é feita na hora do plantio, pois áreas diferentes são reservadas para cada um desses objetivos. O plantio e a colheita também são feitos seguindo as fases da lua. Ela relata ter aprendido com seus pais que a mandioca deve ser plantada na lua nova, *pois se plantar na lua nova, vai cozinhar todo o ano*. O milho, é cultivado na lua minguante, *se não plantar o milho na lua minguante ele não fica bom* (Dona Francisca, entrevista, dezembro de 2022). A melancia, deve ser cultivada na lua cheia, já que assim elas ficam maiores. A

---

<sup>15</sup> 15 Os pulgões são insetos pertencentes ao grupo Hemíptera. O nome científico da vaquinha é *Diabrotica speciosa*.

colheita, visando o armazenamento das sementes, deve ser feita na lua minguante, pois, do contrário, as sementes ficam fracas e carunchadas.

Seu Lori, relata que a relação com as sementes e o cultivo de alimentos sempre foi *uma coisa natural* para sua família:

*É uma coisa tão natural para gente ter isso de reproduzir as sementes. Basicamente produzimos aquilo que a gente consome. Aqui carne a gente não compra; fruta compramos uma ou outra diferente, alguma que não produzimos aqui; verduras não compramos. De horta a gente não compra nada, sempre produzindo aqui, sempre tem de sobra, e daí a gente dá para as galinhas ou para os porcos ou para o gado. Alimentamos eles com abóbora, essas coisas assim. Temos esse costume, essa tradição de produzir o básico da alimentação. É uma coisa natural, foi assim de geração em geração. (Seu Lori, entrevista, novembro de 2022)*

Dona Neiva, também relata como as sementes sempre foram presentes na sua vida, tendo aprendido com o seu pai a guardar sementes de milho:

*Foi aí que aprendi, com meu pai. Ele guardava semente de milho, porque os mais antigos não compravam semente, eles guardavam. Ele tirava a parte de cima da cabeça do milho e a parte de baixo e essa parte do meio, que eram os grãos melhores, ele guardava. (Dona Neiva, entrevista, novembro de 2022)*

Sobre o seu manejo com as sementes crioulas, Dona Neiva relata a relação que se estabeleceu entre ela e seus tomates coração de boi. Ela conseguiu as sementes quando seu companheiro, Seu Lori, foi presidente da Assesoar (essa representação ocorreu em dois períodos, entre 1996-2000 e 2008-2010):

*Faz tempo que tenho essas sementes, acho que estávamos na Assesoar ainda, em 1996 ou 1997. Janete e o Sérgio, foram vender tomates e passaram lá na Assesoar. Por sorte eu estava lá, vi aqueles tomates e me encantei, já comprei um pouco deles e já trouxe para casa e já separei as sementes. (Dona Neiva, entrevista, novembro de 2022)*

De acordo com Dona Neiva, foi o seu vizinho quem a ensinou a manejar os pés de tomates, e após a sua morte, cultivar os tomates, continua sendo uma relação entre eles. Nas palavras de dela:

*Nunca mais deixamos de plantar essa semente, nunca mais. E aprendi com um vizinho ali, que ele até já é falecido. Eu plantei as sementes ali na beira da estrada. Eles cresceram e estavam grandes e daí ele me falou que tinha que podar. Eu não sabia disso. E quando eu vou podar sempre lembro dele. Ele já é falecido e ele que me falou que tem que podar os galhinhos que daí produz mais. Nós fazemos o raleio do tomate. (Dona Neiva, entrevista, novembro de 2022)*

Nessas narrativas feitas pelas/os guardiãs/ões, podemos compreender como os saberes localizados operam entre elas/es, na relação com as sementes, com as/os vizinhos e familiares, com a terra, com os astros, entre outros. Por exemplo, na fala de Dona Neide, seus tomates ocupam um papel central no afeto com o vizinho já falecido. Os saberes localizados envolvem memórias e sentimentos que influenciam a maneira como as pessoas percebem e interagem com o mundo. Essas dimensões, segundo Haraway (1995), são cruciais na construção de saberes localizados, pois constituem a forma como as pessoas experimentam e interpretam a sua realidade.

Seu Valdemar também cultivava as sementes crioulas manualmente, utilizando uma máquina que ele chama de *tchaco tchaco*. Quanto à separação entre o que será semente e o que será alimento, ele explica que ele aprendeu que, primeiro, é preciso escolher o que será semente e o que sobrar será usado como alimento. A escolha do que será semente é baseada na aparência, selecionando *as mais bonitas*.

Seu Francisco, relata que no período que conseguia dedicar mais tempo para os seus cultivos de milho, chegou a ter mais de dez variedades diferentes e que com o passar dos anos cultivando uma variedade próxima da outra, ele percebeu que algumas delas começaram a se misturar, o que ele nomeia como *castiçar*. Dessa mistura que foi ocorrendo, acabou surgindo uma nova variedade de milho, que ele nomeou como *milho Chico*. Em suas palavras, esse processo se deu da seguinte forma:

*Você vai plantar um do lado do outro, e isso é complicado. De milho eu tinha, eu acho, que umas doze variedades e daí comecei a plantar um pertinho do outro ou plantava um agora, um daqui mais trinta dias, quarenta dias, mesmo assim ele começa a castiçar. Com isso que eu consegui desenvolver uma variedade que ele pegou a qualidade de um, haste de outro, o tamanho de outro e foi indo, e descobri que aquele pé era meio diferente a espiga. Eu disse, espera aí, vamos tirando por dois, três anos e ele já está praticamente consolidado. (Seu Francisco, entrevista, outubro de 2022)*

Além dessa variedade *Chico*, Seu Francisco ainda cultivava o milho Branco, milho Piolin, milha Asteca e o Palha Roxa. Como a sua produção de milho é destinada a produção de farinha, ele prefere cultivar a variedade Piolin em maiores quantidades, já que, segundo ele, ela é a melhor para esse fim.

O que se observa, é que as sementes crioulas são um elemento central dos saberes localizados. Os saberes sobre as sementes crioulas são resultado de uma interação complexa entre as/os agricultoras/es, as plantas e o ambiente. Estes saberes são transmitidos de geração em geração e aperfeiçoados ao longo do tempo,

o que demonstra a complexidade e relevância desses conhecimentos para as comunidades locais.

### **4.3 Vidros e litros bem fechadinhos: as formas de armazenar sementes**

Após os processos descritos na seção anterior, que incluem a escolha das sementes, as formas de plantio, manejo e colheita, chega-se à etapa de armazenamento, que é considerado crucial na relação entre agricultores/as e sementes crioulas. Armazenar de forma inadequada pode prejudicar o próximo plantio.

Dona Neiva afirma que armazenar as sementes envolve as seguintes etapas: *a gente aprendeu a guardar limpinha, fechadinha para não carunchar, seco para não mofar e em um lugar que não pegue sol, guardar na sombra* (Dona Neiva, entrevista, novembro de 2022).

Sobre o processo de secar as sementes, Seu Lori, explica como realiza a secagem das suas sementes de tomate coração de boi. Como mencionado anteriormente, os tomates possuem uma importância sentimental para ele e Dona Neiva, já que carregam memórias das suas relações com a Assesoar e com o vizinho que faleceu. Ele explica o processo que realiza: *você pega um tomate mais vigoroso, já separa as sementes, coloca elas em cima de um papel para absorver a umidade e depois guarda* (Seu Lori, entrevista, novembro de 2022).

As sementes de Dona Neiva e Seu Lori, são guardadas *em vidros e litros* (garrafas PET) *bem fechadinhos*, e armazenadas no galpão da propriedade. De acordo com Seu Lori, o cuidado maior que eles precisam ter é com ratos, pois eles podem furar as garrafas PET, comprometendo o armazenamento das sementes.

Conforme eles ainda relatam, na comunidade onde vivem não há uma forma de armazenamento coletivo, como casas ou bancos de sementes. Cada família agricultora armazena suas sementes de forma individual. No entanto, isso não impede o compartilhamento de sementes quando alguém precisa. Por exemplo, Dona Neiva relata que no último ano algumas pessoas foram até sua propriedade em busca de mudas de mandioca.

Sobre as mandiocas, Seu Lori destaca o trabalho realizado por Dona Neiva, pois é ela quem lidera grande parte das atividades relacionadas às sementes crioulas.

Algumas das mandiocas que eles possuíam, cozinhavam bem somente durante um período do ano, então Dona Neiva foi em busca de mais variedades:

*Ela foi buscando bastante mudas de mandioca, porque tinha umas lá que só cozinhava uma época do ano. Ela foi pegando nas festas das sementes e foi plantando duas, três mudas só. Mas daí no ano seguinte, ela experimentou e as boas foi reproduzindo, e no fim ela selecionou dois tipos. Elas cozinham o ano todo, são boas de descascar, cozinham rápido. É uma coisa bem prática. (Seu Lori, entrevista, novembro de 2022)*

As variedades de mandioca que Dona Neiva adquiriu nas festas de sementes são a mandioca Amarela e a mandioca Onze Horas. Segundo ela, a Onze Horas tem a casca arroxeadada, raiz branca e cozinha rapidamente. Já a mandioca Amarela, produz ramos altos, sua raiz é amarelada e é boa para frituras.

**Figura 12 - Dona Neiva e Seu Lori e as suas formas de armazenar sementes**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

Todas/os as/os agricultoras/es, com os quais conversei, armazenam as suas sementes da mesma forma que Dona Neiva e Seu Lori, em vidros e garrafas PET.

Dona Lourdes, relata que colocar as sementes nessas embalagens é uma das atividades que mais gosta de realizar: *eu gosto bastante de pôr nos litrinhos, daí deixo tudo em carreira para ver as sementes, é muito bom* (entrevista, agosto de 2022).

**Figura 13 – Dona Lourdes e suas sementes nos litrinhos**



**Fonte: ReSA, 2022**

Dona Marilu, transformou um armário antigo e um *freezer* velho em locais de armazenamento de sementes, apesar disso ela também relata o desejo de um dia ter um local só para guardar suas sementes:

*Eu tenho um armário ali no paiolzinho. Estava até comentando hoje, faz dias que estou pensando em fazer um lugar específico, montar um lugar e dizer 'aqui é só as minhas sementes crioulas', arrumar bem arrumadinho. Nós estamos querendo fazer isso, apesar de eu ter aquele armariozinho que eu coloco lá, e tenho um freezer velho que a gente guarda lá dentro.* (Dona Marilu, entrevista, agosto de 2022)



Figura 14 - Dona Marilu e suas formas de armazenar sementes



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022

Tanto Dona Lourdes, como Dona Marilu, relataram que existe uma vontade do Coletivo de Mulheres do Acampamento, nomeando “Ana Primavesi”, de construir uma casa de sementes, e que isso só não se deu ainda por falta de recursos financeiros:

*O interesse é grande para a gente conseguir fazer essa casinha. Ainda não foi feita por falta de recurso. Eu acho que agora, de repente seja construída, porque todo mundo já está se conscientizando e gostando de guardar a diversidade de sementes. (Marilu, entrevista, agosto de 2022)*

De acordo com Régis de Araujo Pinheiro (2022, p. 54), ao adotarem garrafas PET e vidros como formas de armazenamento, as/os camponesas/es subvertem as ordens impostas por um sistema dominante, estabelecendo novas relações com as sementes:

Ao verificarem que “**não dá caruncho**”, os processos outrora efetuados para armazenar as sementes passam a ser modificados e tudo isso passa a ser armazenado na memória desses atores e passa a construir seus conhecimentos, sabedorias. (grifos do autor)

Seu Francisco, além de armazenar suas sementes de milho em garrafas de plástico PET, também utiliza bombonas que recebeu do CAPA. Antes de armazenar as sementes, ele as deixa secar sobre plásticos azuis, pois considera serem melhores que os mais escuros, que podem esquentar muito e danificar as sementes. Depois de secas e armazenadas nas garrafas e bombonas, as sementes são guardadas em seu moinho.

**Figura 15 - Seu Francisco e suas formas de armazenar sementes**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

Seu Valdemar, usa o antigo espaço onde sua família armazenava a produção de fumo, para secar as suas sementes. A sua forma de guardar muda de acordo com a quantidade de sementes que possui:

*Mas olha, é de tudo um pouco, é colocado nos litros, colocado nas barricas, em bolsa, tudo depende como é que é a quantidade da semente. Talvez em um pacotinho, talvez seja só um punhadinho. Talvez seja dentro de um tubetezinho, se tem dez, onze sementes. (Valdemar entrevista, outubro de 2022)*

**Figura 16 - Seu Valdemar e suas formas de armazenar sementes**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

O processo de armazenar sementes, como é apresentado pelas/os agricultoras/es representa tanto o acúmulo de um saber transmitido de geração em geração quanto uma estratégia para garantir a perpetuação das sementes crioulas. Armazenar é a forma de recomeçar, de dar tempo e vida às sementes e a todas as possibilidades que elas oferecem. Na seção seguinte, descrevo como as/os agricultoras/es estão lidando com seus cultivos de sementes crioulas diante das ameaças dos transgênicos e agrotóxicos.

#### **4.4 Transgênicos, agrotóxicos e as ameaças às sementes crioulas**

Nesta seção, analiso as dificuldades encontradas pelas/os agricultoras/es no Sudoeste do Paraná em sua relação com as sementes crioulas. Também abordo as estratégias de resistência estabelecidas por elas/es diante das ameaças dos agrotóxicos e das sementes transgênicas.

Em todas as propriedades que visitei, o cultivo de sementes crioulas era feito sem o uso de agrotóxicos, mesmo que tais produtos fossem utilizados para os cultivos convencionais que eram também realizados em alguns desses locais. Dessa forma,

há uma oposição entre sementes crioulas e o uso de agrotóxicos. Na entrevista que realizei com Elisângela, agrônoma da Assesoar, ela descreveu as sementes crioulas como sendo um *instrumento político*:

*[...] quando tu defines qual a semente tu vais usar, tu estás definindo qual modelo de produção você quer, qual modelo de sociedade você quer. Vamos dizer assim, a semente crioula é o embrião dessa luta pela agroecologia, pela biodiversidade, pelo direito de você plantar o que você quer, então, ela é um instrumento político, de trabalho, além dessa questão tecnológica. Ela é um instrumento político de fazer o debate da geração da autonomia, de uma cidade diferente, igualitária. (Elisângela, entrevista, novembro de 2022).*

Dona Lourdes, relata que na parte de sua propriedade destinada ao cultivo de sementes crioulas ela plantou cana-de-açúcar em volta, como estratégia para criar uma barreira e, assim, tentar diminuir a contaminação por derivas dos agrotóxicos usados pelos seus vizinhos. A propriedade dela está no limite do Acampamento, fazendo divisa em três lados com produtores de soja que não possuem relação com MST. Durante nossa conversa ela relata preocupações sobre a contaminação das suas variedades de milho por transgenias: *eu nunca fiz testes nas sementes, mas acho que é muito difícil eu conseguir uma semente sem estar contaminada* (Dona Lourdes, entrevista, agosto de 2022).

Ela relata que seu companheiro já chegou a ter as suas lavouras de milho e feijão atingidas por agrotóxicos utilizados nas propriedades dos vizinhos, além de terem perdido caixas de abelha. Apesar de seu companheiro também fazer o uso de agrotóxicos nas suas produções de milho e feijão, como os vizinhos aplicam grandes quantidades e não se preocupam com a deriva dos produtos, as plantas mais próximas da divisa com o vizinho chegam a ficar queimadas. Segundo Dona Lourdes, os agrotóxicos utilizados são tão fortes que animais começaram a aparecer mortos na sua propriedade:

*Ele [companheiro] perdeu 11 caixas de abelhas [ele possuía certa de 40]. Passaram produtos muito forte e matou. [...] Foi por causa de um produto que o governo liberou, e o vizinho passou. Era proibido no Brasil, é um produto muito forte. Até os jacus, se eles comerem as sementes, eles morrem. Tatu tinha um monte de tatu, mas os vizinhos passavam o veneno e a gente encontrava os tatus mortos nas estradas. Era uma tristeza ver os bichos mortos. (Dona Lourdes, entrevista, agosto de 2022)*

A fala de Dona Lourdes pode ser associado ao que Rachel Carson denuncia

em seu livro “Primavera Silenciosa” (1969). A autora descreve como o uso de agrotóxicos, nos Estados Unidos, levou ao aumento do número de animais mortos, como cavalos, vacas, porcos, peixes e abelhas em diferentes regiões do país.

De maneira semelhante, Ferdinand (2022, p. 129), define a "[...] difusão global de substâncias persistentes usadas como tecnologias de controle da natureza" como consequências do Plantationoceno. O autor também cita a contaminação das Ilhas Martinica e Guadalupe (territórios colonizados pelos franceses) pela clordecona (CLD), uma molécula da mesma família do agrotóxico DDT. Ele relata que o uso de CLD nas plantações de bananas resultou em contaminação dos solos agricultáveis. Enfatiza ainda, que essa forma de violência ocorre de maneira lenta e multidimensional contra humanos e não humanos, reforçando o modo de habitação colonial.

Dona Lourdes, aponta para a dificuldade de acessar produtos destinados ao cultivo de orgânicos, pois segundo ela, são pouco os que chegam até eles e quando chegam o preço não é acessível. Outro ponto levantado, é a falta de maquinário para o cultivo em pequenos espaços. Segundo ela, seus braços já estão cansados, e realizar todo o trabalho de forma manual, acaba sendo muito penoso. Ela também ressalta a preocupação da relação dos jovens com as sementes crioulas em sua comunidade, pois ela nomeia o Acampamento em que vive como *dos velhos*, já que não há muitos jovens vivendo lá.

**Figura 17 - Espaço onde Dona Lourdes, cultiva suas sementes crioulas e a barreira feita com cana**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

Dona Marilu, também relata o uso de agrotóxicos por seus vizinhos, que não são moradores do Assentamento e integrantes do MST:

*Eles [vizinhos] aplicam muito veneno, muito veneno forte, coisa forte. Com isso tatu, lebre estão morrendo por causa dos produtos que eles passam. Têm tardes aqui, que a gente sente o cheiro dos agrotóxicos. Estamos com as barreiras ali, e é preocupante que se vêm produtos muito fortes, podem matar elas. O dia em que passam bastante, por exemplo, ontem, estava um cheiro muito forte aqui, parecia que estava na água que vinha aqui para casa, de tão forte que era. Mas não era na água porque a gente cheirava, parecia que tudo estava cheirando. (Dona Marilu, entrevista, agosto de 2022)*

Referente às dificuldades relacionadas ao trabalho com as sementes crioulas de arroz, feijão, tomates, abóboras entre outras, Dona Marilu, relata que a necessidade de fazer todo o trabalho de forma manual, do plantio ao armazenamento, acaba sendo um empecilho, pois é preciso muito tempo, além de causar um maior desgaste físico.

Seu Lori também relata o uso de agrotóxicos como um problema enfrentado:

*Teve um ano que o vizinho aqui, estava colhendo pêssego no final da tarde e um homem pulverizando a lavoura lá do outro lado, uns quilômetros longe lá. Ficou tudo embaçado o vidro da deriva aquele veneno lá de longe. Então isso a gente não está livre aqui dessas contaminações. Quem sabe até por pólen das plantas, pode ser que dê alguma coisa desses cruzamentos que a gente percebe diferente, seja em função disso. (Seu Lori, entrevista, novembro, 2022).*

Dona Neiva, descreve como a intensificação do uso dos agrotóxicos pelos vizinhos, aumentou o número de cigarrinhas nas suas plantações de milho pipoca:

*No ano passado, a gente plantou pipoca, em umas três momentos diferentes, e não foi produzido nada, nada, nada. A cigarrinha tomou conta de tudo. Não colhemos nada ano passado de pipoca e olha que a gente colhia pipoca todos os anos, mas ano passado não teve jeito. (Dona Neiva, entrevista, novembro, 2022)*

Como destacado anteriormente, Seu Valdemar tem a sua propriedade certificada como agroecológica pela Rede Ecovida e evitar a contaminação da sua produção por agrotóxicos ou transgênicos é parte fundamental do seu trabalho. Sobre as questões envolvendo agrotóxicos, os desafios dele são bem menores, já que seu vizinho também se dedica à produção agroecológica. O que necessita sua atenção, porém, é a contaminação de seu milho por variedades transgênicas.

As sementes de milho Pipoca são as que o Seu Valdemar mais gosta de cultivar. E para não correr o risco de ter sua produção contaminada pelos milhos transgênicos de um outro vizinho ele acaba atrasando em até 60 dias o início da semeadura de suas sementes. Ele relata que adotou essa medida devido à implementação de barreiras não ter sido efetiva para evitar a contaminação por transgênicos, já que o pólen do milho pode chegar a viajar quilômetros de distância, pelo vento ou por insetos, do local onde foi semeado. Nas palavras do agricultor:

*Para o milho não adianta a instalação de barreiras, a abelha leva, a mosca leva. Porque daí ela senta no transgênico e senta no convencional, e ela leva o pólen no pezinho, na boca, no peito dela. A abelha cata o pólen. Quando floresce uma lavoura de milho é a maior festa das abelhas, os mirins é tudo. E ele não sabe se é transgênico ou não. O bicho não sabe, ele vai buscar. Se ele pousou, por exemplo, numa lavoura transgênica e veio numa outra lavoura, já leva na patinha dele. Por isso que eu já espero. (Seu Valdemar, entrevista, outubro de 2022)*

Sobre esse processo de contaminação, através do pólen do milho transgênico, Fernandes *et al.* (2022), relatam que estudos no Uruguai, encontraram pólen de milho transgênicos a 330 metros da origem. E na Venezuela, foram encontrados pólen de variedades transgênicas que não são liberadas no país. A técnica de atrasar a semeadura tem funcionado para o Seu Valdemar, pois ele já realizou alguns testes para verificar a contaminação e todos deram negativo.

No que diz respeito às dificuldades relacionadas ao cultivo das sementes crioulas, Seu Valdemar aponta para uma falta de estruturação da sua propriedade. Segundo ele, *tu tinhas que ter uma coisa maior para poder mexer*. Ele e o irmão, realizam todas as atividades envolvendo a manutenção da propriedade.

Seu Francisco, também é certificado pela Rede Ecovida e aponta a contaminação por transgênicos como a principal ameaça para o cultivo das sementes crioulas. De acordo com ele, a Rede Ecovida recomenda a instalação de barreiras, mas como já foi mencionado anteriormente, isso pode não ocasionar grandes resultados devido a dispersão do pólen do milho transgênico. Para evitar problemas com a contaminação por meio dos milhos dos seus vizinhos, ele atrasou o cultivo dos seus milhos em 40 dias, o que acabou diminuindo a sua capacidade de produção. Ainda de acordo com Seu Francisco, sua produção não chegou a 10% do que poderia ter produzido, já que as suas plantações de milho pegaram boa parte das secas do começo do ano:



*Teve espiga lá, que deu mais ou menos a espiga desse tamanho com quatro, cinco grãos que não conseguiu se desenvolver. Teve dias que eu fui olhar o milho ali embaixo e quase chorei. O sol era tão forte que queimava a espiga, no caso, o grão ainda não formado, e a espiga por fora com toda a palha queimada, como se fosse jogado água quente ou queimado com maçarico. Isso é uma dificuldade grande, principalmente a gente que está rodeado de transgênicos (Seu Francisco, entrevista, outubro de 2022)*

Para resistir aos processos de contaminação por agrotóxicos e transgênicos as/os agricultoras/es que salvaguardam sementes crioulas acabam por estabelecer novos saberes ou adaptar os usuais. Esse processo de enfrentamento ao agrotóxicos e transgênicos pode ser entendido a partir do que Tsing (2019, p. 87) define como o ato de ocupar as ruínas, que é a intenção de se dedicar ao trabalho de viver juntos, mesmo quando não há um ambiente favorável para isso. Ocupar as ruínas para autora “é recusar — e também se recuperar”. É enfrentar os desertos monoculturais e as sepulturas da agricultura industrial.

Os desafios enfrentados pelas/os agricultoras/es na relação com as sementes crioulas são variados. Além da luta contra a contaminação por transgênicos e agrotóxicos, elas/es também enfrentam dificuldades como a falta de maquinários para cultivo em pequenas áreas, o que requer trabalho manual e é fisicamente desgastante, especialmente para pessoas mais velhas. Também mencionam a ausência de jovens envolvidas/os na preservação das sementes crioulas, o que pode causar o desaparecimento de um conjunto de saberes e de práticas de cultivo que foram repassadas entre gerações. Por isso, eventos como festas, feiras e jornadas de agroecologia são importantes para divulgar e promover as ações relacionadas às sementes crioulas. No próximo capítulo apresentarei como essas relações acontecem em diferentes eventos de promoção das sementes crioulas.

## 5 LUTAR, COMPARTILHAR E FESTEJAR COM AS SEMENTES

Neste capítulo, apresento como se estabelecem as relações das/os agricultoras/es com as sementes crioulas nos espaços das jornadas, festas e feiras de sementes. A principal forma de circulação das sementes crioulas pelo estado do Paraná é por meio desses eventos. O capítulo está estruturado em cinco partes. Na primeira, apresento um histórico da Jornada de Agroecologia e como as discussões em torno das sementes ocorrem em seus espaços, além de relatar como ocorreu a 19ª edição na qual realizei observação participante. Na segunda parte, apresento um histórico das Festas Regionais das Sementes da Região Sudoeste do Paraná, destacando minha participação na 17ª edição. Na terceira parte, apresento um histórico da Feira Regional das Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade do Centro-Sul do Paraná e descrevo como ocorreu a 18ª edição. Na quarta parte, relato a minha participação no *Ara Pyau*, a celebração do tempo novo Guarani, e como as sementes são ali percebidas. Por fim, apresento as relações das/os agricultoras/es com o Programa Emergencial de Conservação da Agrobiodiversidade, organizado pela ReSA em parceria com o Ministério Público do Trabalho do Paraná no período da Pandemia de Covid-19.

### 5.1 As/os agricultoras/es e as sementes na Jornada de Agroecologia

A Jornada de Agroecologia é um evento muito especial para mim. Foi sobre ela que escrevi o meu trabalho de conclusão de curso<sup>16</sup> em Agronomia. Foi participando deste espaço que tive a certeza de que era com a agroecologia que gostaria de continuar caminhando. Kauê Pessoa e Alfio Brandenburg (2022, p. 63), descrevem a Jornada como “[...] projeto agroecológico fomentado no estado do Paraná em resistência e como alternativa à agricultura capitalista, que se apresenta atualmente sob a dinâmica do projeto do agronegócio”. Criada em 2001, a Jornada é resultado de um amplo processo de mobilização e articulação dos movimentos sociais e organizações coletivas atuantes nos espaços rurais e urbanos, que se uniram com o objetivo de promover a agroecologia como alternativa de desenvolvimento e de lutar por uma reforma agrária popular e soberana (COSTA, 2020).

---

<sup>16</sup> O TCC intitulado “Jornadas de Agroecologia: práticas, saberes e organização coletiva camponesa”, pode ser acessado aqui: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/27210>

A primeira edição do evento, ocorreu em 2002<sup>17</sup>, na cidade de Ponta Grossa/PR. Ela se caracteriza como um evento itinerante e ao longo das 19 edições, oito cidades já o sediaram. A escolha da cidade sede tem um propósito político, com o objetivo de dar visibilidade às lutas regionais e as intensificá-las.

**Quadro 6 - Edições da Jornada de Agroecologia do Paraná**

Cidade Sede	Edição	Ano
Ponta Grossa	1 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> e 3 <sup>a</sup>	2002, 2003 e 2004
Cascavel	4 <sup>a</sup> , 5 <sup>a</sup> , 6 <sup>a</sup> e 7 <sup>a</sup>	2005, 2006, 2007, 2008
Francisco Beltrão	8 <sup>a</sup> e 9 <sup>a</sup>	2009 e 2010
Londrina	10 <sup>a</sup> e 11 <sup>a</sup>	2011 e 2012
Maringá	12 <sup>a</sup> e 13 <sup>a</sup>	2013 e 2014
Irati	14 <sup>a</sup>	2015
Lapa	15 <sup>a</sup> e 16 <sup>a</sup>	2016 e 2017
Curitiba	17 <sup>a</sup> , 18 <sup>a</sup> e 19 <sup>a</sup>	2018, 2019 e 2022

Fonte: elaborado pelo autor, 2022

Por exemplo, a escolha de Ponta Grossa/PR e Cascavel/PR como sedes do evento se deu principalmente por estarem localizadas em regiões com forte presença do agronegócio. Em Ponta Grossa, está localizada a União Democrática Ruralista (UDR), uma das principais organizações ligadas ao setor latifundiário brasileiro. Durante a 2<sup>a</sup> edição, ocorreu um protesto contra a medida do governo que liberava a comercialização da soja transgênica, em que um grupo de manifestantes ocupou um centro ilegal de produção de sementes transgênicas da Monsanto (COSTA, 2020).

Nesse espaço, foi inaugurado o Centro Chico Mendes de Agroecologia, que tinha por objetivo produzir sementes crioulas, adubos verdes e plantas medicinais para os acampamentos e assentamentos do MST, além de ser um espaço de formação política para os jovens rurais. No entanto, após 18 meses de ocupação e funcionamento do espaço, as/os agricultoras/es foram retiradas/os da área por ordem judicial, e as atividades foram encerradas. A Monsanto foi condenada a pagar R \$1,5 milhão à União devido à atividade ilícita (COSTA, 2020).

Cascavel é a cidade onde o MST foi fundado. Esse movimento é o principal organizador da Jornada de Agroecologia. As edições do evento realizadas em Cascavel/PR incluíram temas como contaminação genética e mercantilização de sementes (COSTA, 2020; PESSOA; BRANDENBURG, 2022).

<sup>17</sup> A primeira edição da Jornada, ocorreu de 17 a 20 de abril de 2002. A escolha da data tinha por objetivo homenagear as vítimas do massacre de Eldorado dos Carajás, ocorrido em 17 de abril de 1996. Na referida data, 21 camponeses, ligados ao MST, que realizavam uma manifestação para a desapropriação de uma fazenda, foram brutalmente assassinados pela Polícia Militar (BARBOSA, 2020; PESSOA; BRANDENBURG, 2022).

Durante a 7ª edição da Jornada, ocorreu outra ação contra a produção de transgênicos, os participantes ocuparam a sede da Syngenta, que não estava cumprindo a legislação ambiental associada à distância do cultivo de transgênicos das reservas ambientais. A empresa foi multada em 1 milhão de reais pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e o seu campo experimental, em Santa Tereza do Oeste/PR, foi desapropriado. A área, de 123 hectares, foi repassada ao Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR), atual Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR) (COSTA, 2020).

Observamos que os temas da Jornada, desde a sua primeira edição, são permeados pelas sementes. Seu lema principal é: “Terra livre de transgênicos e sem agrotóxicos”. Conforme apontam Pessoa e Brandenburg (2022), o lema visa questionar as tecnologias propagadas pela agricultura industrial e retomar o saberes e práticas das agriculturas tradicionais, que estão relacionados ao acesso à terra e à reforma agrária popular.

A escolha de Francisco Beltrão/PR deu-se com o objetivo de ampliar as ações em agroecologia em um território marcado pela luta ao acesso a terra e com importantes iniciativas agroecológicas locais, em especial as voltadas ao resgate das sementes crioulas. Pessoa e Brandenburg (2022) chamam a atenção para a importância da atuação da Assesoar na região.

As edições de Londrina/PR e Maringá/PR se caracterizaram por levar as discussões dos espaços da Jornada para os ambientes acadêmicos, uma vez que ambas as cidades possuem importantes universidades estaduais, promovendo assim o projeto pedagógico popular da agroecologia. Já a edição de Irati/PR voltou a dar destaque às sementes crioulas.

Nesse evento, a questão das sementes crioulas se revelou como central, seja mediante o discurso proferido nas conferências e seminários temáticos para o público do evento, seja na feira de alimentos e nas trocas de sementes crioulas, em que participaram diversos produtores de sementes locais e de outras regiões. A semente, entendida como princípio da vida, como proferida pelo conferencista, é central para a produção agroecológica. (PESSOA; BRANDENBURG, 2022, p. 95)

A 14ª Jornada de Agroecologia foi uma oportunidade para que as lideranças de organizações e movimentos sociais debatessem a criminalização de agricultores e outras pessoas que participavam do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). O evento serviu como uma plataforma para que os participantes discutissem as

consequências da operação Agro Fantasma<sup>18</sup>, que prendeu agricultores por supostas fraudes no PAA. Três dirigentes da Associação de Agricultura Ecológica São Francisco de Assis (ASSIS), localizada em Irati/PR, foram presos durante a operação. É importante destacar que após quase sete anos de investigação, todos os acusados foram absolvidos e as investigações encerradas, pois nenhuma irregularidade foi encontrada (MOREIRA *et al.*, 2017; BIANCHINI, 2020; COSTA, 2020).

Sobre as consequências causadas pela Agro Fantasma no PAA, Elisângela, agrônoma da Assesoar, relata:

*E essa é uma das questões, quando começa a não ser tão pequeno assim. A gente [movimentos sociais e organizações coletivas] começa a incomodar. Então uma das questões por exemplo, numa política pública que vinha dando muito certo, que era o PAA Sementes com uma compra de sementes dos movimentos sociais, do MST, do MPA [Movimento dos Pequenos Agricultores], e a doação para outras comunidades. Ela é uma política que estava ajudando a estruturar diversas áreas, diversos agricultores familiares, e que quando ela tomou proporção um pouco maior, começou a ter uma visibilidade maior e um volume maior, isso começou a incomodar as empresas. Então, não é à toa que surge a Operação Agro Fantasma. O juiz baixou para as regiões atrás dos milhões e milhões e milhões que os movimentos estariam embolsando. Na verdade, não estavam embolsando nada, só estavam fazendo chegar à semente em outras famílias. E os milhões que eles consideravam, era baseado no preço de mercado, que eles estavam estipulando nas multinacionais porque para nós não eram milhões, eram projetos de 30, 40, 50 mil, não era um projeto de milhões. Tanto que como ele [juiz] não achou os milhões, saiu da Agro fantasma e foi para a Petrobras. Então, para eles estava incomodando porque era um volume para nós ainda muito pequeno, mas que eles viram que um saquinho de milho que ia apropriar, que era comercializado por poucos reais, na época uma das multinacionais já estava comercializando a 500, 600 reais [os sacos de sementes]. Então, para eles eram 100 milhões, porque o preço que eles consideravam era outro. Então, a gente já teve boas experiências com políticas públicas, mas essa descontinuidade prejudica, essa questão de ser um programa e não uma definição de política pública, no caso do PAA. Diferente do PNAE que é uma é uma lei. A Operação Agrofantasma destruiu uma política importante. (Elisângela, entrevista novembro de 2022)*

A fala de Elisângela, se relaciona com o que Paulo Nierdele *et al.* (2019), apontam, demonstrando que a compra de sementes crioulas, por meio por meio do PAA, fortaleceu os bancos comunitários, geridos pelas/os pequenas/os agricultoras/es. Ao atacar o PAA, o Estado brasileiro reforça o seu compromisso em atender as exigências do agronegócio e dos setores agroindustriais associados.

---

<sup>18</sup> Para mais informações sobre a operação acesse: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/20/agricultores-do-parana-sao-absolvidos-pela-justica-e-acusam-perseguido-de-moro>

As edições que ocorreram na Lapa/PR tiveram como objetivo promover uma valorização do campesinato paranaense, já que a região conta com a presença de diversas comunidades tradicionais e é uma referência na produção agroecológica. Na Lapa, está o Assentamento do Contestado, onde está localizada a Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA), centro de referência na produção de conhecimentos associados à agroecologia (COSTA, 2020).

As edições de Curitiba/PR, tiveram por objetivo levar as discussões da Jornada para os espaços urbanos, proporcionando um diálogo mais próximo com as/os consumidoras/es. Devido a isso, as feiras de comercialização de alimentos que aconteceram durante a Jornada, tiveram um maior destaque. A 17ª e 18ª edições, ocorreram no centro da cidade, na Praça Santos Andrade, próximo a um dos prédios da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e do Teatro Guaíra. A realização desse evento em um espaço público da capital do estado cria uma visibilidade maior das ações de luta de movimentos sociais camponeses por alimentos agroecológicos, livres de transgênicos e agrotóxicos. Na seção seguinte, descrevo como ocorreu a 19ª edição da Jornada de Agroecologia, e como as questões envolvendo as sementes foram ali debatidas.

#### 5.1.1 A 19ª Jornada de Agroecologia

*Pela produção agroecológica, sem transgênicos e agrotóxicos.  
Pela diversidade. Pela ciência e pelo respeito aos conhecimentos tradicionais.  
(Carta da 19ª Jornada de Agroecologia, Curitiba, 2022)*

A 19ª edição da Jornada de Agroecologia ocorreu entre os dias 22 e 26 de junho de 2022, em Curitiba/PR. Este foi o primeiro grande evento em que participei desde o início da pandemia. A Jornada foi realizada no campus da UFPR, e a estrutura do evento foi menor do que a da 18ª edição, que também ocorreu em Curitiba, em 2019, e da qual participei. De acordo com relatos colhidos durante o trabalho de campo, soube que a prefeitura impediu a realização na Praça Santos Andrade, local onde ocorreu a 18ª edição, alegando que outro evento ocorreria na cidade no mesmo período. No entanto, é possível compreender que a decisão de não liberar o local foi também política, impedindo que movimentos sociais do campo, como o MST, ocupassem um lugar de grande visibilidade e circulação de pessoas, especialmente em um ano eleitoral.

No campus da UFPR, havia diversas barracas coloridas formando corredores. Na Feira da Agrobiodiversidade foram vendidos alimentos produzidos pelas cooperativas do MST, como frutas, cereais, verduras, pães, sucos, café, chocolate, doce de leite. Além disso, também foram comercializados livros, artesanato, camisetas e bonés do MST. Na área denominada *medicina popular*, plantas medicinais, pomadas e óleos eram comercializados, e também ocorreram oficinas sobre plantas medicinais.

**Figura 18 - Feira da Agrobiodiversidade durante a 19ª edição da Jornada de Agroecologia**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

Outro espaço importante na Jornada de Agroecologia é a Feira de Sementes Crioulas. Essas sementes são percebidas ali como ferramenta política por meio da qual a agroecologia pode ser alcançada. *Sem sementes crioulas, não há agroecologia* era uma expressão comumente utilizada nas discussões que acompanhei. Na edição deste ano, havia poucas bancas, e alguns espaços estavam vazios.

Seu Isac era o único agricultor guardião de sementes do Sudoeste do Paraná que participou da feira comercializando suas sementes. Visitei sua banca e permaneci dialogando com ele durante um tempo. Eu havia conhecido Seu Isac e Dona Vilma na edição anterior da Jornada de Agroecologia. Eles são um casal de agricultores guardiões de sementes respeitados e admirados por outras/os agricultoras/es guardiãs/ões de sementes. Eles residem no município de Dois Vizinhos/PR. Nossas interações foram breves e sempre ocorreram durante as festas e feiras de sementes. Não foi possível visitar o quintal deles durante a pesquisa de campo.

Dona Vilma não esteve presente nesta edição da Jornada, mas na edição anterior eu tive a oportunidade de entrevistá-la para o meu TCC. Seu Isac explicou que não era viável ambos participarem da Jornada por cinco dias, pois possuem animais que precisam de atenção, com isso, um deles deveria permanecer em casa enquanto o outro viajava. Ele disse que é mais difícil para os dois saírem, pois precisariam contratar alguém para cuidar dos animais, o que seria caro. Durante nossa conversa, perguntei como foi para eles ficar sem participar de festas e feiras durante a pandemia. Financeiramente, segundo ele, não houve muita diferença, já que os dois são aposentados e a venda de sementes crioulas é um complemento de renda. No entanto, quanto à questão da sociabilidade, ele relatou que foi complicado, pois eles estão acostumados a *sair para todos os lugares*.

Durante nossa conversa, uma mulher se aproximou da banca de Seu Isac e perguntou se ele tinha sementes de uma determinada variedade de feijão. Ela mencionou que costumava comer muito deste feijão na sua infância, mas que agora não conseguia mais encontrá-lo. Seu Isac respondeu que havia vendido todos os pacotinhos, mas que ainda tinha uma vagem na mala. Ele entregou-a para ela. A mulher ficou visivelmente emocionada e perguntou sobre o valor, ao que ele respondeu que era de graça. A mulher agradeceu e, em troca, comprou vários pacotinhos de outras sementes que ele estava vendendo. Essa interação demonstra que, mesmo em um espaço de comercialização de sementes crioulas, elas não se resumem a uma simples mercadoria, mas a trocas de afetos e memórias.

**Figura 19 - Feira das Sementes crioulas durante a 19ª edição da Jornada de Agroecologia**





Fonte: acervo pessoal do autor, 2022

Figura 20 - Banca de Seu Isac na Feira de Sementes da 19ª edição da Jornada de Agroecologia



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022

Durante toda a Jornada, ocorrem espaços de denúncias dos transgênicos e agrotóxicos. Um desses espaços, foi a oficina intitulada *Transgênicos: como se livrar dessa praga?* A denúncia dos transgênicos é realizada em conjunto com a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e pela Vida<sup>19</sup>, visto que os oligopólios que produzem transgênicos também fabricam agrotóxicos. Com o avanço das monoculturas e da aplicação de agrotóxicos sobre as lavouras, ocorre a mutação de plantas e insetos, considerados super pragas, o que aumenta o uso de aplicação desses produtos. No debate desta temática, as/os agricultoras/es, assim como técnicas/os agrícolas, agrônomas/os, entre outros ativistas, têm denunciado a contaminação das sementes crioulas pelos transgênicos, utilizados em grandes lavouras próximas às comunidades camponesas. Isso fez com que, em algumas associações, as famílias agricultoras que possuem sementes crioulas precisem fazer testes de transgenia, para que, nas festas e feiras de sementes crioulas, não compartilhem sementes contaminadas.

---

<sup>19</sup> Formada por diferentes organizações, a campanha tem o objetivo de promover denúncias relacionadas ao uso de agrotóxicos e de defender a agroecologia como um meio para enfrentar essa questão. Para maiores informações acesse: <https://contraosagrototoxicos.org>

**Figura 21 - Cartazes expostos na oficina sobre sementes crioulas e de denúncia dos transgênicos na 19ª edição da Jornada de Agroecologia**



Fonte: Josiane Carine Wedig, 2022

Durante a Jornada ocorreu também a realização de testes de contaminação de milho crioulo por transgênicos. Esses testes foram realizados na tenda da ReSA, e as/os participantes foram orientadas/os a levar cerca de um quilo de sementes para testar. As sementes eram trituradas e colocadas em um recipiente com água. Em seguida, os testes eram realizados com as fitas dispostas correspondentes a cada proteína do milho transgênico. Se duas linhas aparecessem, significaria que o milho estava contaminado com aquelas proteínas. De acordo com Fernandes *et. al* (2022), os testes imunocromatográficos por fitas têm um papel educativo, pois tornam o problema da contaminação mais tangível.

**Figura 22 - Realização dos testes de contaminação por transgênicos durante a 19ª edição da Jornada de Agroecologia**



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022

As sementes crioulas, nos espaços da Jornada, são aliadas dos movimentos sociais do campo na contraposição e denúncia dos transgênicos. Elas estão na base da construção da agroecologia e da luta pela retomada da terra e pela reforma agrária popular.

## 5.2 As festas regionais das Sementes no Sudoeste do Paraná

Durante a caminhada com sementes as crioulas e as/os agricultoras/es que salvaguardam essas sementes, a Festa Regional de Sementes foi o meu segundo momento de lutar, compartilhar e celebrar. Embora more na região do Sudoeste há

algum tempo, nunca havia participado deste evento antes. A Festa vem ocorrendo desde 2004, depois que organizações camponesas da região<sup>20</sup> participaram do III Fórum Social Mundial<sup>21</sup> em Porto Alegre, em 2003. Durante o Fórum, a *Via Campesina*<sup>22</sup> lançou a campanha "Sementes Patrimônio do Povo a Serviço da Humanidade". Segundo Horacio Martins de Carvalho (2003), essa ação visava defender os direitos das agricultoras/es familiares, camponesas/es e povos originários de produzir, guardar e trocar sementes.

A Festa, foi inspirada na Festa do Milho Crioulo, que ocorre no município de Anchieta/SC, desde o ano 2000. Na conversa que tive com Elisângela, agrônoma da Assesoar, ela relatou o processo de criação da Festa Regional das Sementes:

*Em 2003, a Assesoar percebeu a necessidade de promover espaços de troca de sementes. Então, nesse debate junto com o Fórum [Fórum Social Mundial], a Assesoar, vai buscar um pouco da experiência que estava acontecendo em Anchieta, Santa Catarina, onde eles faziam a troca dos milhos. Tinha a Festa do Milho e lá trocavam sementes. Então a Assesoar, vai para lá e conhece a experiência. Volta de lá e começa a promover trocas de sementes. Trocas de sementes que aconteceram aqui na estrutura da Assesoar, com várias famílias e isso foi ampliado. Isso foi ampliado até o momento em que essa Festa vai para dentro do debate do Fórum Regional das Organizações e Movimentos Sociais Populares do Campo e da Cidade do Sudoeste do Paraná para ela ser maior (...) Então, em 2003 e 2004, isso foi muito, muito forte, muito presente e vai estruturando as Festas das Sementes. (Elisângela, entrevista novembro de 2022)*

As duas primeiras edições da Festa ocorreram em Francisco Beltrão/PR e, como menciona Elisângela, foram realizadas dentro das estruturas da Assesoar. A 1ª Festa das Sementes foi descrita como um espaço de produção e compartilhamento de conhecimentos, onde “agricultoras e agricultores chegaram trazendo feixes de sementes e saberes e voltaram com feixes bem maiores. Todas e todos tinham o que dar e o que receber” (ASSESOAR, 2004, p. 10).

Após as duas primeiras edições em Francisco Beltrão/PR, a Festa tornou-se itinerante. De acordo com Elisângela, este processo faz parte da prática de educação

---

<sup>20</sup> Essa informação foi passada verbalmente por Janete Rosane Fabro, agrônoma que atua na Assesoar, em 21 de setembro de 2021, em que realizei uma conversa com ela, na qual apresentei a proposta de pesquisa desta dissertação.

<sup>21</sup> O Fórum Social Mundial, é um evento que teve sua primeira edição na cidade de Porto Alegre, em 2001. Ele busca ser um espaço de contraponto ao Fórum Econômico Mundial, que ocorre em Davos, Suíça, desde 1971 (FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, 2022).

<sup>22</sup> A *Via Campesina*, é um movimento internacional, que coordena organizações que atuam com camponesas/es na América, África, Ásia e Europa. Uma das principais ações políticas da *Via Campesina*, é a busca por soberania alimentar (TERRA DE DIREITOS, 2008).

popular adotada pela Assesoar, visando a geração de autonomia nos municípios da região para que possam construir esses processos em seus territórios. No quadro abaixo, apresentamos a distribuição das edições por município e o tema que conduziu cada edição. A definição das temáticas pode ser compreendida como parte das reivindicações e demandas das comunidades camponesas e orienta as discussões realizadas durante a Festa (HENN; GRIGOLO, 2014).

**Quadro 7 - Percurso da Festa Regional das Sementes pelo Sudoeste do Paraná**

	Cidade	Edição	Ano	Tema
Francisco Beltrão	1ª		2004	Garantir a reprodução da vida
Francisco Beltrão	2ª		2005	Pela liberdade das sementes: sem monopólio, sem monoculturas, sem agrotóxicos, sem transgênico
Marmeleiro	3ª		2006	Sementes: autonomia x dependência
Francisco Beltrão*	4ª		2007	_____
Ampére	5ª		2008	Sementes na mão, alimentos para a nação
Francisco Beltrão**	6ª		2009	_____
Dois Vizinhos	7ª		2010	Proteger a semente é proteger a vida. Sua escolha faz a diferença!
Realeza	8ª		2011	Sementes crioulas: passado, presente e futuro
Coronel Vivida	9ª		2012	Agroecologia vida e agrotóxicos morte
Salgado Filho	10ª		2013	Sementes: este patrimônio é nosso!
São Jorge D'Oeste	11ª		2014	Sementes crioulas: produzir, multiplicar e partilhar
Capanema	12ª		2015	Sementes livres: socialização da riqueza e controle popular
Francisco Beltrão	13ª		2016	Sementes da resistência: construindo o projeto popular
Verê	14ª		2017	Semeando biodiversidade, colhendo comida saudável para o campo e a cidade
Planalto	15ª		2018	Sementes da resistência: compromisso das gerações
Boa Esperança do Iguaçu	16ª		2019	Partilhar sementes, plantar resistência e cultivar o projeto popular
Mangueirinha	17ª		2022	Sementes crioulas: resistindo, partilhando e preservando

\*4ª edição ocorreu juntamente com a 22ª Romaria da Terra do Paraná

\*\*6ª edição ocorreu juntamente com a 8ª Jornada de Agroecologia

**Fonte: elaborado pelo autor, a partir de documentos disponibilizados pela Assesoar, 2023**

A discussão sobre qual município sediará a próxima Festa ocorre no Fórum Regional de Organizações da região. Ao final de cada Festa, antes da partilha, os representantes dos municípios interessados em sediar a próxima edição sobem ao palco e apresentam seus argumentos, justificando por que seu município deve ser escolhido. Para receber a Festa, o município deve atender a certos critérios. Durante a minha conversa com Talita, coordenadora do CAPA Núcleo Verê, ela me informou quais são:

*Um município que tenha relação com famílias que são guardiãs. Então não adianta ser um município que não tenha nenhuma relação e que também tenha outras organizações no município que consigam mobilizar famílias. Um município que tenha condições no sentido de ter um espaço legal para receber, que se comprometa com a própria Festa. Não necessariamente que seja um município histórico. Pode ser um município que nunca teve, que nunca participou da Festa, ele pode participar da Festa. E não pode ser no último município. (Talita, entrevista, dezembro de 2022)*

Outro critério considerado, segundo Elisângela, é que a Festa deve percorrer as microrregiões. O Fórum Regional é dividido em micro fóruns: Micro Fronteira (região de Capanema), Micro Pinhais (região de Pato Branco), Micro Iguaçu (região de Dois Vizinhos) e Micro Marrecas (região de Francisco Beltrão). A ideia é que assim a festa esteja mais perto das agricultoras/es. A escolha do município que vai recebê-la está também relacionada ao fortalecimento das lutas locais. De acordo com Sirinei César Grígolo (2016), as festas das sementes são um instrumento da luta simbólica contra a hegemonia. A escolha de Capanema, segundo Elisângela, se deu devido às discussões relacionadas à Hidrelétrica do Baixo Iguaçu<sup>23</sup>. Já a escolha de Mangueirinha<sup>24</sup> se deu devido ao debate do marco temporal dos territórios indígenas e ao fato de ressaltar a importância desses povos na defesa da biodiversidade.

As festas regionais do Sudoeste são caracterizadas por serem um espaço de partilha, sem fins comerciais, onde sementes e alimentos são compartilhados. A organização da festa é feita pelo Fórum Regional e pelo município anfitrião. O público é composto por famílias agricultoras, estudantes de escolas do campo, agrônomas/os e técnicas/os de entidades locais. Segundo o relato do pai de uma amiga, que frequentemente participa da festa, os participantes são os *colonos* e é uma festa dos *pequenos*. Depois de vivenciar a festa, pude compreender a importância que essa participação representa para as famílias camponesas, que se sentem pertencentes e valorizadas pelo conhecimento que produzem.

### 5.2.1 A 17ª Festa Regional das Sementes: resistindo, partilhando e preservando

*Todos somos sementes, portanto há sementes em tudo que fazemos!*  
(Carta da 17ª Festa Regional das Sementes Crioulas, Mangueirinha, 2022)

<sup>23</sup> O MAB, denuncia que cerca de 800 famílias, 3000 mil pessoas foram atingidas pela construção da usina. Ainda de acordo com o movimento, 11 famílias, sofreram intimidações por funcionários da Odebrecht, empresa responsável pela construção da usina (RABELO, 2016).

<sup>24</sup> Mangueirinha, é um dos municípios onde está localizada a Terra Indígena (TI) Mangueirinha, na qual vivem os povos Kaingang e Guarani.

Para participar de parte da organização da 17ª Festa Regional das Sementes realizada em Mangueirinha, entrei em contato com a Janete, agrônoma da Assesoar, para saber se havia a possibilidade de colaborar como voluntário na organização. Ela prontamente respondeu e encaminhou minha solicitação para a comissão organizadora, que aprovou minha participação. Dois dias antes da festa, ajudei na decoração do espaço junto com Elisângela e outros cinco membros da Assesoar. A equipe da Assesoar foi auxiliada por membros do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Dois Vizinhos e da Cooperativa Central de Leite da Agricultura Familiar com Integração Solidária (SISCLAF).

Ao chegarmos ao local da Festa com o objetivo de ajudar na decoração do espaço, descobrimos que a prefeitura havia contratado uma empresa para realizar esse trabalho. Devido a ser um ano eleitoral a organização do evento já havia recebido instruções da prefeitura para não incluir bandeiras de movimentos sociais ou outros símbolos políticos na decoração. A organização solicitou à empresa contratada pela prefeitura que realizasse uma decoração simples com elementos cotidianos das/os agricultoras/es.

Nós organizamos as cadeiras formando dois grandes grupos separados por um corredor, colocamos alguns tecidos de chita na frente do palco e penduramos algumas bandeiras coloridas da Articulação Nacional da Agroecologia (ANA). No dia seguinte, algumas pessoas voltaram ao local para organizar o espaço onde ocorreria a troca de sementes. Discutimos a necessidade de delimitar a área para que aqueles que iriam organizar as sementes pudessem entrar antes dos demais participantes. Elisângela explicou que isso era necessário para melhor organizar o momento da troca, pois centenas de pessoas participariam da festa.

**Figura 23 - Organização do espaço da 17ª Festa Regional das Sementes em Mangueirinha/PR**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

No dia da Festa, além de mim, vários colegas de Pato Branco/PR se mobilizaram para participar. Fomos juntos para a atividade. Ao chegarmos ao local do evento, o café da manhã coletivo estava sendo servido e perto do ponto de credenciamento havia uma coleta de alimentos não perecíveis que seriam distribuídos à famílias empobrecidas economicamente de Mangueirinha/PR. Segundo Geani Paula (2022), mais de três toneladas de alimentos foram arrecadadas e distribuídas a mais de 100 famílias. Algumas/uns agricultoras/es que chegaram em caravanas deixaram na cozinha sacos de bergamotas e outros alimentos que fariam parte do almoço coletivo. Cada caravana era responsável por algum alimento a ser partilhado.

Após o café da manhã, ocorreu a abertura do evento com a apresentação da mística pelas crianças de uma escola rural do município. Durante a apresentação, as crianças jogaram sementes para o alto com peneiras, simbolizando uma chuva de bênçãos, como explicado pela professora que as acompanhou. Em seguida, foram realizados discursos das autoridades locais, incluindo o secretário de agricultura e meio ambiente, Walter Machado e do prefeito Elídio de Moraes e da presidenta da Assesoar, Cristiane Katzer<sup>25</sup>. Na parte da manhã, também ocorreu um seminário sobre o resgate e conservação das sementes crioulas, ministrado pelo Professor Leonardo Melgarejo<sup>26</sup>.

<sup>25</sup> A presidenta da Assesoar também ocupa a presidência do Fórum Regional das Organizações e Movimentos Sociais Populares do Campo e da Cidade do Sudoeste do Paraná.

<sup>26</sup> Engenheiro Agrônomo, fez parte da coordenação do Fórum Gaúcho de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos. É colaborador da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e pela Vida.



Durante esse período, ajudei a organizar o espaço e as sementes para a partilha. Cada caravana trazia as sementes seguindo algumas orientações previamente estabelecidas: as sementes de cereais deveriam ser embaladas em garrafas PET ou pacotes de papel, e as ramas de mandioca precisariam estar divididas em porções pequenas. Todas as sementes deveriam ser identificadas com o nome da variedade, o município e o nome da/o agricultora/or que as doou. Como algumas sementes não estavam divididas em porções adequadas, como havia sido solicitado pela organização, ajudei a dividi-las para que mais pessoas pudessem ter acesso.

**Figura 24 - Distribuindo as sementes para a partilha**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

Enquanto reorganizávamos a distribuição das sementes, algumas/uns agricultoras/es se reuniam ao redor das grades que cercavam o espaço e nos perguntavam se havia alguma variedade específica que estavam procurando. Outras/os nos pediam para verificar quais sementes estavam disponíveis para poderem localizá-las mais facilmente na hora da partilha. Algumas/uns eram mais diretas/os e nos pediam se não poderíamos entregar as sementes antes da partilha. Esse momento mostrou a importância da partilha das sementes e o que representa o direito de acesso à biodiversidade. Todas/os que participam da Festa desejam levar um pouco dessa diversidade consigo.

Antes da partilha, ocorreu o almoço coletivo, no qual foi servido um risoto de frango, cucas, saladas de repolho e tomate, e bergamotas. A partilha de alimentos, através do café da manhã e do almoço coletivo, pode ser compreendida como uma forma de resistência dessas/es agricultoras/es contra os impérios agroalimentares,

que se sustentam sobre monoculturas, concentração fundiária e a indústria de sementes e alimentos.

Trata-se de como enfrentar a forma de pensar, imposta pelas empresas multinacionais das sementes, e dos alimentos, que tende a uma dieta alimentar construída a partir de apenas alguns produtos básicos que favoreçam os seus interesses econômicos monopolistas. Vive-se um risco real de sermos dominados pelo que tem sido chamado de “ditadura do paladar”, todos tendo vontade de comer as mesmas coisas, com sabores produzidos artificialmente. (ASSESOAR, 2009, p. 28)

Após o almoço, foi realizada a apresentação dos representantes dos municípios interessados em sediar a próxima edição da Festa. Durante as apresentações, o público reagia com entusiasmo. Receber a Festa das Sementes é uma oportunidade para as/os agricultoras/es reforçarem o compromisso de seu município e de das/os agricultoras/es com a conservação e diversificação da biodiversidade. Na cidade de Mangueirinha, cinco municípios se apresentaram como candidatos: Pérola D’Oeste, Sulina, Nova Esperança do Sudoeste, Flor da Serra do Sul e Coronel Domingos Soares.

**Figura 25 - Candidatura dos municípios para receber a próxima edição da Festa Regional das Sementes**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

Antes da partilha das sementes, houve um momento simbólico em que Dona Vilma e Seu Isac, uma família guardiã de sementes há muitos anos, trocaram uma cesta de sementes com Dona Floripa, uma guardiã iniciante em Mangueirinha/PR. De acordo com Grígolo (2016, p. 196), esse gesto pode ser compreendido como um compromisso que todas/os as/os participantes da partilha assumem para garantir que

as sementes continuem a circular pelos espaços “o comprometimento assumido não é com aquele que lhe doou as sementes, mas com todas as pessoas presentes, um compromisso de cuidar das sementes. A troca é um compromisso”.

**Figura 26 - Troca de sementes entre Dona Vilma e Seu Isac com Dona Floripa**



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022

Em seguida, foi realizada a leitura da carta-manifesto daquela edição. Os coletivos presentes expressaram preocupações relacionadas à destruição ambiental e ao desmonte de políticas públicas destinadas à agricultura familiar camponesa.

Vivenciamos um quadro de devastação, de exploração e de cerceamento do direito de acesso a terra, a água e a biodiversidade, fruto da exploração capitalista do modo de produção que baseia-se nos lucros em detrimento do bem-estar da população[...]. Denunciamos o uso abusivo de agrotóxicos que contaminam pessoas, matam a vida de insetos e animais. Denunciamos a contaminação biológica que restringe nossa biodiversidade e causa insegurança alimentar. Denunciamos a extinção massiva de plantas, insetos e animais que vem ocorrendo de forma acelerada, como o caso das abelhas. Denunciamos o monopólio da tecnologia e seu foco na produção em escala inviabilizando o desenvolvimento de máquinas e outras tantas tecnologias sociais. [...] faz-se necessário uma convergência de diálogos e de unificação das lutas, trazendo novamente o protagonismo dos povos nos diversos processos de organização e fortalecimento do Projeto Popular para o Brasil, especialmente neste ano de eleições gerais (Carta 17ª Festa Regional das Sementes).

Neste documento, escrito coletivamente por membros dos movimentos sociais presentes no encontro, é possível identificar como agricultoras/es defendem agriculturas e ecologias que se opõem ao modelo da agricultura de *plantation* vigente e que é identificada na carta pelas formas de destruição, exploração e limitação dos direitos à terra, à água e à biodiversidade.

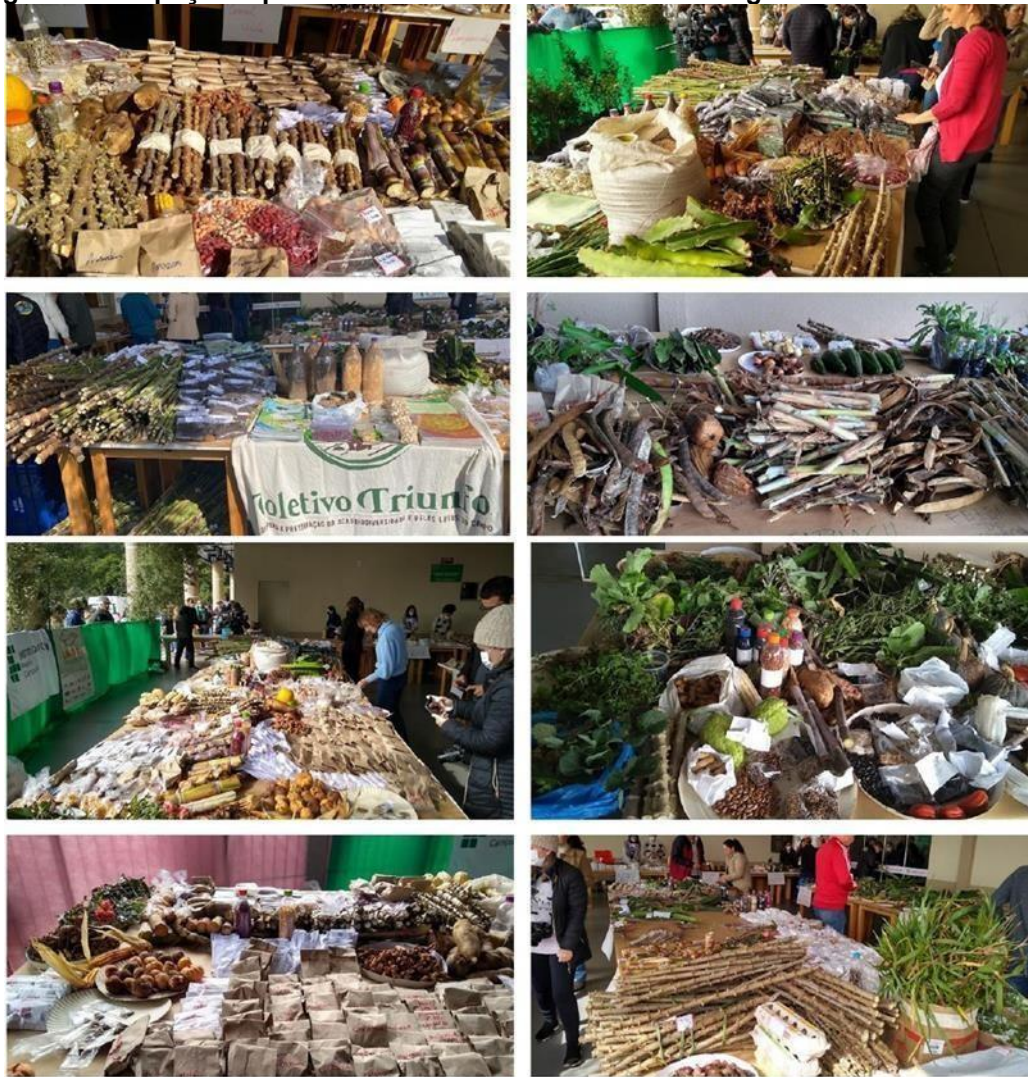
**Figura 27 - Leitura da carta-manifesto da 17ª Festa Regional das Sementes**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

A bênção das sementes foi realizada por três padres, que também abençoaram os alimentos que seriam doados para pessoas em situação de vulnerabilidade nas periferias dos municípios da região. De acordo com Grígolo (2016), esse momento de bênção, além de expressar a religiosidade das/os agricultoras/es, também destaca a influência da Igreja Católica na sociabilidade dos espaços rurais. Após esse momento, o espaço da partilha das sementes foi liberado. As pessoas percorrem as grandes mesas. Ali as sementes não possuem dono ou valor monetário. Agricultoras/es que entregaram sementes às/aos organizadoras/es das caravanas receberam uma fita roxa, permitindo-lhes entrar antes do público geral. Elas/es poderiam ficar lá por cerca de 10 minutos antes que o espaço fosse aberto a todos. A razão para isso era recompensar aqueles que trouxeram sementes para a festa e incentivar mais pessoas a fazerem o mesmo nas próximas edições da festa. Assim que o espaço foi aberto ao público, uma imensa fila se formou. Muito rapidamente as mesas que antes estavam cheias de cores com as mais diversas variedades de sementes, ramos de mandioca e ovos, estavam quase vazias.

**Figura 28 - Espaço da partilha das sementes na 17ª Festa Regional das Sementes**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

No momento da partilha, podia-se ver a alegria nos rostos daquelas/es que conseguiram as sementes que desejavam. A Festa, é apontada pelas/os agricultoras/es, como o principal espaço para conseguir uma maior diversidade de sementes. Para a Assesoar (2009, p. 33), partilhar as sementes “fortalece a lógica do cuidado, da autonomia e da liberdade para que elas possam permanecer nas mãos dos milhões de seres humanos que as cultivam, em todo o mundo”.

**Figura 29 - Momento da partilha das sementes na 17ª Festa Regional das Sementes**



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022

### **5.3 Feira Regional das Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade do Centro-Sul do Paraná**

A origem da Feira Regional das Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade do Centro-Sul do Paraná remonta a 1999. Embora ocorra em uma região distinta daquela em que eu realizei a pesquisa, os guardiões do Sudoeste do Paraná também participam desta feira, e por isso ela é incluída como parte da análise desta dissertação. De acordo com Grígolo (2016), a Feira é resultado de uma iniciativa promovida pelas mulheres do município de União da Vitória/PR. Elas começaram a organizar encontros para trocarem sementes, com o apoio dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais da região e da AS-PTA, uma Organização Não Governamental que atua ali desde 1993. Em 2000, a iniciativa deste grupo de mulheres se expandiu, tornando-se uma Feira Municipal de Sementes. Com a experiência de União da Vitória, outros municípios da região Centro-sul começaram a organizar suas próprias feiras de sementes, resultando na primeira Feira Regional, que aconteceu em 2003 (AS-PTA, 2021).

Conforme apontado por Grígolo (2016), as feiras municipais da região eram organizadas por diferentes organizações. A partir de 2010, essas organizações passaram a se articular através do Coletivo Triunfo. A ideia de criar o Coletivo Triunfo surgiu após a participação de agricultores em uma visita ao município de Lages, em

Santa Catarina, com o objetivo de conhecer como as agricultoras e agricultores da região organizavam suas produções e vendas para o PAA. Ao retornarem ao Centro-Sul do Paraná, os agricultores criaram um fórum para discutir a atuação dessas organizações, resultando na criação do Coletivo (COLETIVO TRIUNFO, 2019).

Com isso, foram criadas cooperativas na região para comercializar a produção de agricultoras/es e agroindústrias, a fim de produzir derivados do milho crioulo e da erva-mate orgânica. O nome Coletivo Triunfo refere-se à ideia de que pessoas, por meio da organização coletiva, conseguiram triunfar em algo, como é o caso da conservação das sementes crioulas. O Coletivo entende que essas sementes são um patrimônio genético que se encontra nas mãos de agricultoras/es e devem continuar assim. A Feira Regional das Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade é hoje considerada a maior feira de sementes crioulas do Brasil (COLETIVO TRIUNFO, 2019). A AS•PTA (2021b) descreve essas feiras como dispositivos de ação coletiva que fortalecem as redes locais, destacando o protagonismo de mulheres e jovens. Além disso, a Feira é uma estratégia para enfrentar a agricultura industrial e seus pacotes tecnológicos.

### 5.3.1 A 18ª Feira Regional das Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade

A 18ª Feira Regional de Sementes Crioulas e Agrobiodiversidade estava programada para ocorrer no município de Fernandes Pinheiro, Paraná, entre os dias 5 e 7 de agosto de 2022, mas teve que ser adiada devido a divergências com as autoridades locais. Posteriormente, a cidade de Irati, no Paraná, sediou o evento, que aconteceu nos dias 16 e 17 de setembro do mesmo ano. Essas divergências também se manifestaram na organização da 19ª Jornada de Agroecologia e da 17ª Festa Regional de Sementes, evidenciando a força política desses eventos e o desconforto que eles geram em setores vinculados ao agronegócio dos municípios.

Para participar da Feira, viajei de ônibus até Irati e fiquei hospedado na casa da Renata Kempf, uma colega do grupo de pesquisa Artemis. A feira aconteceu em um Centro de Tradições Gaúchas (CTG) chamado "Centro de Tradições Willy Laars". O espaço contava com grandes mesas com toalhas coloridas que dividiam os diferentes setores. Na banca do CAPA, encontrei Talita, Dona Francisca — guardiã

de Chopinzinho/PR — e o casal de guardiões Dona Fátima e Seu Darci<sup>27</sup>, de Verê/PR. Talita explicou que a escolha dessas famílias para participarem da Feira, apoiados pelo CAPA, foi motivada pelo fato de elas possuírem um grande estoque de sementes para a comercialização, que é um dos objetivos da feira.

De acordo com a AS-PTA (2021b), nas primeiras edições das feiras, a comercialização não era permitida. No entanto, com o aumento do número de eventos e participantes, algumas regras foram alteradas, passando a incluir a venda de artesanatos e sementes, bem como a realização de seminários e oficinas. Durante nossa conversa, Elisângela destacou as diferenças entre a Festa Regional do Sudoeste e a Feira Regional do Centro-Sul. Segundo ela, a Festa é voltada para a celebração da biodiversidade, enquanto a feira tem um caráter mais formativo para as/os guardiãs/ões. Assim, a comercialização é uma forma de incentivar o trabalho desses guardiões e guardiãs, sem limitar suas relações apenas a questões monetárias.

Conforme Grígolo (2016), na feira também acontecem trocas de sementes e é possível negociar os valores. Eu mesmo presenciei um desses momentos de troca, em que uma guardiã demonstrou interesse em uma das plantas medicinais de Dona Fátima e sugeriu uma troca por uma pequena abóbora de casca branca. A oferta foi aceita e a troca foi realizada.

---

<sup>27</sup> Dona Fátima e Seu Darci, estavam entre as guardiãs/ões que eu também entrevistaria. Porém, Seu Darci, teve um problema de saúde, precisando ficar um período no hospital. Felizmente, ele já se encontra bem e em casa com sua família. Mesmo nosso contato sendo rápido, conhecer o trabalho que ele e Dona Fátima, realizam foi extremamente enriquecedor.



**Figura 30 - Agricultoras/es do Sudoeste do Paraná na 18ª Feira Regional das Sementes Crioulas do Centro-Sul do Paraná**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

O público da Feira era bastante diverso. Além da grande presença de agricultoras/es e guardiãs/ões que chegavam em diversos ônibus e ocupavam o estacionamento do CTG, havia também uma grande presença de quilombolas, indígenas, estudantes do ensino médio e universitários. O campus de Irati da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR) tinham suas próprias bancadas.

Além das/os guardiãs/ões acompanhadas/os pelo CAPA, havia mais três guardiãs e um guardião do Sudoeste participando da Feira. Dona Neusa e Dona Catarina são guardiãs de plantas medicinais de Francisco Beltrão/PR e foram acompanhadas pela equipe da Assesoar. Eu já conhecia o trabalho delas por meio da Pamela, uma colega do PPGDR e integrante do grupo de pesquisa Ariadne, mas ainda não as conhecia pessoalmente. Fui até a banca delas, me apresentei e falei da relação que possuía com a Pamela e do conhecimento que tinha sobre trabalho que elas realizam. Dona Neusa, logo foi me mostrando as etiquetas que elas, junto com a Pamela, fizeram para colocar nos vasos. Sentei-me em um banco próximo a elas, e começamos a conversar. Dona Catarina, foi me explicando os usos de cada planta medicinal que elas tinham. Dona Neusa, me mostrou a *sua lavanda de antigamente*, com flores amarelas e um aroma agradável. Ela, havia comprado essa planta de uma outra guardiã.

**Figura 31 - Dona Neusa e Dona Catarina e suas plantas na 18ª Feira Regional de Sementes Crioulas do Centro-Sul do Paraná**



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022

**Figura 32 - Lavanda de antigamente de Dona Neusa**



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022

Dona Vilma e Seu Isac, guardiões do Sudoeste, também estavam na feira. Ele relatou estar conseguindo vender bem, o que era visível pois sua banca estava sempre cheia, com pessoal pedindo informações sobre as sementes. Observei Dona Vilma, visitando outras bancas, a procura de novas variedades de flores.

**Figura 33 - Seu Isac e Dona Vilma na 18ª Feira Regional de Sementes Crioulas do Centro-Sul do Paraná**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

Além das sementes, também eram comercializados artesanatos dos mais diferentes tipos, produzidos por comunidades quilombolas e indígenas, bem como comidas como cocadas, bolachas, geleias, palmitos e diversos tipos de frutas. Francisca, guardiã que estava na Feira com o CAPA, é uma Guarani Mbyá, e comercializou os artesanatos produzidos por sua comunidade. Dona Fátima e Seu Darci, comercializavam plantas medicinais, sementes de coentro, milho da variedade Sol da Manhã e feijões vermelhos e preto. Seu Darci, comentou comigo que as sementes de feijão Preto ele havia conseguido durante uma festa de sementes crioulas que participou, e que as possuía há mais de dez anos. Essa era a segunda vez que ele participava de uma feira, pois já havia participado de uma feira da Rede Ecovida, no Rio Grande do Sul.

**Figura 34 - Artesanatos comercializados por Francisca na 18ª Feira Regional das Sementes Crioulas do Centro-Sul do Paraná**



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022

**Figura 35 - Produtos comercializados por Dona Fátima e Seu Darci na 18ª Feira Regional das Sementes Crioulas do Centro-Sul do Paraná**



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022

Concomitante à Feira, ocorriam oficinas sobre os mais diferentes assuntos e um seminário sobre alimentação saudável. A banda Filhos da Mãe Terra foi a responsável pela música do evento, com canções que reforçavam os processos de resistência das/os guardiãs/ões de sementes. Foi interessante presenciar a participação de organizações de outros estados na feira, como a Articulação no Semiárido Brasileiro<sup>28</sup> (ASA), que atua na Região do Semiárido e mobiliza mais de 3

<sup>28</sup> Para mais informações sobre a ASA acesse: <https://www.asabrasil.org.br>

mil organizações em defesa das sementes crioulas e dos recursos hídricos na região. De acordo com Fernandes (2017), os espaços das festas e feiras de sementes vão além do caráter festivo, são espaços de intercâmbio de conhecimentos e recursos genéticos, o que inspira diferentes formas de envolvimento e participação.

**Figura 36 - Espaço da 18ª Feira Regional do Centro-Sul do Paraná**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

A participação de uma organização que vivência outras realidades na proteção das sementes crioulas e possui processos distintos de articulação pode ser vista como uma contribuição à feira a partir de novas referências, uma combinação de

saberes locais compartilhados. A ReSA, importante articuladora em defesa das sementes crioulas, tinha sua própria banca na feira onde realizava a doação de sementes através do Projeto Emergencial de Conservação e Multiplicação da Agrobiodiversidade (PECMAP).

**Figura 37 - Sementes da Paixão na Festa Regional das Sementes Crioulas do Centro-Sul do Paraná**



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022

**Figura 38 - Banca da ReSA, na Feira Regional**



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022

A consagração ou benção das sementes, é um momento que sempre ocorre nas festas e feiras. Entretanto, nessa Feira Regional, ela ocorreu de modo diferente daquela da Festa Regional. Além de ter ocupado um espaço maior da programação

do evento, as sementes não foram consagradas por padres ou pastores cristãos. Quem realizou a cerimônia, foram a Francisca, indígena Guarani e Dona Eva, “Evinha”, benzedeira de Irati/PR.

De acordo com um dos organizadores da Feira, a ação de benzer é para curar a terra contaminada por agrotóxicos, o que ocorreu devido ao avanço do agronegócio sobre os territórios das comunidades indígenas, quilombolas e da agricultura de base familiar e camponesa. A bênção ocorreu em volta da grande mandala de sementes, que se encontrava em frente ao palco. Após a bênção, no final da tarde, ocorreu a partilha das sementes, na qual aquelas/es que quisessem poderiam pegar as sementes que se encontravam na mandala.

**Figura 39 - Mandala de sementes utilizada na bênção das sementes durante a 18ª Feira Regional das Sementes Crioulas do Centro-Sul do Paraná**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

Após o momento da partilha houve o encerramento da Feira. Ter participado desse evento possibilitou-me acompanhar como as/os guardiãs/ões se relacionam em diferentes espaços, onde ocorre a partilha das sementes e onde a venda das sementes crioulas é permitida. Na seção seguinte apresentamos como as sementes são compreendidas em espaços religiosos, para isso acompanhamos uma celebração realizada pelas/os Guarani Mbyá.

#### **5.4 Ara Pyau: o “tempo novo” Guarani**

*Ara Pyau*, em guarani, significa “tempo novo”. De acordo com Geraldo Moreira e Wanderley Cardoso Moreira (2015), o *Ara Pyau*, marca o início de um novo ciclo de

vida na terra. O calendário Guarani é dividido em duas estações: O *Ara Pyau*, que corresponde à primavera/verão, e o *Ara Ymã*, que significa tempo velho, e corresponde ao outono/inverno. Para as/os Guarani, durante o *Ara Pyau*, ocorre uma renovação do corpo físico e espiritual, o que possibilita a abertura para novos conhecimentos. O mesmo ocorre com as plantas em relação aos nutrientes da terra, chuva e o vento. É durante esse período que *Nhanderu Kuery* fica jovem e tudo se renova (ARA PYAU, 2016).

O *Ara Pyau* exemplifica uma outra forma de concepção de tempo-espaço. O tempo para as/os Guarani Mbyá está relacionado às mudanças cíclicas da natureza, e às mudanças espirituais e físicas (CAMPOS; GOMES; GODOY, 2020). Durante o *Ara Pyau*, são realizadas algumas cerimônias, como o *Nhemogarai*, que é a consagração das sementes e das frutas, e o *Ka'a'i*, que é a consagração da erva mate. Ambas as cerimônias ocorreram no mesmo dia, 22 de setembro de 2022, data que marcou o início da primavera. A Talita, coordenadora do CAPA Núcleo Verê, intermediou minha participação nas cerimônias. Elas ocorreram na Aldeia Palmeirinha, localizada no município de Chopinzinho/PR, pertencente à TI Manguieirinha.

Francisca, que eu havia conhecido na Feira Regional de Irati/PR, era uma das responsáveis pela organização do encontro. Coletivos Guarani de outras cidades do Paraná e do estado de São Paulo também estavam presentes. Além de mim, os outros não indígenas eram Jeniane e Talita (técnicas do CAPA), Marilu, Lourdes e Fátima (agricultoras acompanhadas pelo CAPA), Sandra (ONG Outro Olhar) e um representante da FUNAI.



**Figura 40 - A casa de reza, Opy'i**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

A casa de reza é um lugar sagrado para o povo Guaraní e é utilizada para celebração e bênças dos alimentos, da erva-mate e outras cerimônias. Ela é construída apontando para o nascer do sol e não possui janelas para que a energia fique dentro da casa (DELANE, 2021). Quando entramos, a casa já estava cheia, mas havia um banco vazio que parecia ter sido reservado para nós. A casa era escura e a pouca iluminação vinha de uma lâmpada incandescente e dos feixes de luz do sol que atravessavam as paredes de madeira cobertas por folhas. O teto baixo e a grande quantidade de pessoas, cerca de 30, deixavam o espaço quente e um pouco abafado.

No canto próximo à porta havia um monte de brasas usado para secar ramos de erva-mate pendurados no teto por uma corda. Havia sempre uma senhora mexendo nas brasas para que não se apagassem. Depois de nos sentarmos, o pai de Francisca, um senhor, foi até o espaço onde as sementes e as frutas que seriam consagradas estavam e começou a dizer frases em guaraní. Após essa introdução, foi solicitado que nós, não indígenas, nos apresentássemos. Cada pessoa se levantou e disse seu nome e de onde era, e as pessoas indígenas responderam com palavras em guaraní.

**Figura 41 – Erva-mate sendo defumada**



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022

Após o momento de apresentação, Francisca veio até nós e explicou como as cerimônias iriam ocorrer. Primeiro, eles iriam realizar o *Nhemogarai* e algumas pessoas poderiam participar. Talita, Jeniane, Dona Lourdes e Dona Marilu decidiram participar da cerimônia. Como o espaço era pequeno, eu optei por apenas observar. Para realizar a cerimônia, cada pessoa se dirigiu ao lugar onde as sementes e as frutas estavam e pegou um pouco delas.

**Figura 42 - Disposição das sementes e frutas para a celebração**



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022

Após isso, um círculo foi formado e todas/os começaram a caminhar seguindo o ritmo do violão. O homem que tocava o violão ia na frente puxando um canto que todas/os acompanhavam. Durante esse momento, algumas pessoas fumavam um cachimbo chamado de *pentynguá*. A fumaça do cachimbo, *tatachina*, é considerada sagrada, pois, segundo a tradição, *Nhanderu* criou o universo através dela (CAMPOS; GOMES; GODOY, 2020).

Cabe ressaltar que o milho Guarani, chamado *Avaxí eteí*, que significa “milho verdadeiro”, não estava junto com as demais sementes, mas em um canto separado. Após o encerramento da cerimônia, as pessoas devolveram as sementes e as frutas onde as pegaram. No final do dia, essas sementes seriam dívidas entre as/os participantes.

**Figura 43 - Momento da consagração das sementes e das frutas**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

Após a consagração das sementes e das frutas, ocorreu a cerimônia de consagração da erva mate. Nós não pudemos participar dessa parte, como Francisca nos explicou que era somente para as/os Guarani, mas poderíamos assistir à cerimônia. Por respeito a esse momento, optei por não fotografar ou fazer qualquer uso do celular.

A *Ka'a'i* é uma cerimônia que ocorre durante alguns dias, e o momento que acompanhamos correspondeu ao segundo dia da celebração. Nesse momento de consagração, somente as mulheres participam. A cerimônia foi parecida com a consagração das sementes e das frutas, onde mulheres de várias idades carregavam cuias cheias de erva mate. Ao invés do violão, o ritmo dos passos era marcado por uma senhora mais velha que andava e batia um bastão de madeira contra o chão. Após a cerimônia, foi servido o almoço. As frutas que haviam sido consagradas anteriormente foram partilhadas, primeiro com as crianças e depois com os demais participantes.

**Figura 44 - Partilha das frutas**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

Ter acompanhado essas cerimônias foi essencial para compreender algumas das relações que as comunidades indígenas estabelecem com as sementes, que vão além da troca, venda ou partilha. Nessas cerimônias, as sementes são sagradas, permitindo uma conexão direta com as divindades e outros seres que compõem a Terra.

### **5.5 Projeto Emergencial de Conservação e Multiplicação da Agrobiodiversidade: a pandemia e a relação com as sementes**

Um dos resultados da criação da ReSA foi o aumento na quantidade de feiras e festas das sementes na região, o que levou as/os agricultoras/es, guardiãs/ões a intensificar processos de manejo de sementes crioulas. Para o ano de 2020, mais de 30 feiras estavam programadas para acontecer no Sul do país e cerca de 100 agricultoras/es, guardiãs/ões do Paraná planejavam participar dos eventos. Entretanto, com a pandemia e as restrições sociais adotadas para o controle da transmissão do Covid-19, os eventos foram suspensos (AS-PTA, 2020). Nesse contexto, surgiram alguns problemas. O primeiro é a impossibilidade de comercialização dessa produção, o que poderia afetar financeiramente a realidade das famílias. O segundo é a interrupção do fluxo das sementes entre os guardiãs/ões. Como já mencionado, a principal forma de circulação das sementes pelo Paraná é através das feiras e festas.

Buscando manter viva essa cultura da troca de sementes, fundamental para a preservação da agrobiodiversidade, e amenizar as questões financeiras impostas às famílias, a ReSA estabeleceu uma parceria com o Ministério Público do Trabalho no Paraná (MPT-PR). Surge daí o Projeto Emergencial de Conservação e Multiplicação da Agrobiodiversidade (PECMAP), que consiste na compra de sementes de guardiãs/ões ligados a entidades que compõem a ReSA e na distribuição dessas sementes para famílias que já são guardiãs ou que desejam se tornar guardiãs (AS-PTA, 2020).

Entretanto, todas as demais instituições que compõem a ReSA, se envolveram na organização do projeto. Renato Kovalski Ribeiro<sup>29</sup>, integrante do Coletivo Triunfo, comenta que durante a execução do projeto, a ReSA teve um processo de agregação de organizações, tendo conseguido mobilizar um maior número de pessoas, o que foi um ponto positivo do projeto. O CAPA, distribuiu as sementes do PECMAP para cerca de 14 municípios no Sudoeste, totalizando 200

---

<sup>29</sup> A informação citada acima, foi repassada durante o evento “Encontro de celebração e colheita: Plantô, Brotô!”. O evento foi organizado pela ReSA, e se pode acompanhá-lo aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=4yHgjjy9SSc&t=1325s>. O evento tinha como propósito, divulgar os resultados da primeira edição do PECMAP, que foram organizados na publicação “Plantô, brotô! Produção de alimentos e conservação de sementes crioulas. A publicação está disponível aqui: <https://resaagroecologia.com.br/publicacoes/>

famílias. Talita, relata a experiência em participar do projeto, e como se deu a distribuição das sementes às famílias:

*Esse foi um projeto bem bacana que aconteceu. Ele veio através da ReSA, que é a Rede de Sementes da Agroecologia, da qual o CAPA faz parte também. Então, foi um projeto junto com o Ministério Público do Trabalho, que financiou esse projeto e a organização que, digamos que administrou todo esse recurso foi a AS-PTA. Mas todas as organizações da ReSA e outras parceiras também se envolveram. Então, durante a pandemia, a nossa mobilização foi muito grande na distribuição de sementes. Não só na distribuição, como também na mobilização de famílias guardiãs que comercializaram no projeto. Então, a gente contabilizou, na nossa última conta, foram em torno de 200 famílias que participaram desse processo que a gente conseguiu levar sementes para diversos municípios aqui da região. Entre eles, as próprias famílias indígenas. Olha, a gente buscou distribuir o máximo que conseguiu. Dentro daquele volume que o projeto realmente tinha. (Talita, entrevista, dezembro de 2022)*

Corroborando, com a fala da Talita, Elisângela, relata como o projeto foi uma importante estratégia no âmbito da geração de renda das famílias envolvidas:

*Foi um processo que a gente aprendeu muito e que foi o que nós tínhamos para aquele momento. Nós tínhamos que agir de alguma forma para que as famílias também não tivessem prejuízos, tanto as famílias que produzem, como também as que receberiam. (Elisângela entrevista, novembro de 2022)*

No PECMAP, em sua primeira edição 2020/2021, foram beneficiadas cerca de 5 mil famílias, em 70 municípios do Paraná, incluindo cerca de 60% das comunidades faxinalenses, 70% das comunidades indígenas e 78% das comunidades quilombolas. Dona Maria Arlete, guardiã de sementes do quilombo Rocío São Sebastião, em Palmas/PR, foi uma das beneficiárias do projeto. Ela recebeu sementes de milho, feijão, alface roxa, mandioca, entre outras espécies, que ela carinhosamente chama de as *sementes do pacotinho*. Dona Maria Arlete compartilhou comigo a alegria de ter estabelecido laços de amizade através das sementes. Ela destacou sua produção de alface roxa com as sementes recebidas.

*[...] queria que você visse o canteiro que dava de alface roxa, eu mandava fotografia para elas lá, cada canteiro, cada planta que dava, eu enviava a foto para eles. Tanto depois do milho, do feijão, da mandioca, mando a foto para elas. (Dona Maria Arlete, entrevista, novembro de 2022)*

Dona Lourdes, guardiã de sementes em Clevelândia/PR, recebeu uma proposta para comercializar sua produção no projeto, porém ela havia doado as sementes pouco tempo antes. Já Seu Valdemar, guardião em Verê/PR, comercializou mais de 100 quilos de sementes de arroz. Dona Lourdes e Dona Maria Arlete foram

responsáveis por receber os pedidos de sementes de suas comunidades e repassá-los para as instituições mediadoras. Dona Maria Arlete possui um grupo no *WhatsApp* com cerca de 21 pessoas de sua comunidade e, por meio deste, fazia uma lista com todos os pedidos de sementes e depois repassava para a Assesoar ou o MST.

Na primeira edição do projeto, foram distribuídos 32.360,5 quilos de sementes de milho, feijão e arroz, 27.075 mudas de oito variedades de mandioca e 50 mil mudas de batata salsa. Além disso, foram distribuídos 35.080 pacotes contendo 62 espécies, com 204 variedades de sementes de hortaliças e Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC). E, por fim, foram distribuídos 6.491 quilos de plantas para adubação verde, como aveia branca, trigo mourisco, centeio, ervilhaca, tremoço e nabo forrageiro (ReSA, 2021).

**Figura 45 - Bolsas das sementes crioulas distribuídas no PECMAP**



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2022

**Figura 46 - As sementes do pacotinho**



**Fonte: acervo pessoal do autor, 2022**

Na segunda edição do PECMAP, que ocorreu no período de 2021/2022, 107 famílias guardiãs forneceram sementes e mudas de 27 municípios do Paraná. Foram distribuídos 30.500 quilos de sementes de grãos, contendo 35 variedades de milho, 35 de feijão e 8 de arroz, 1.000 quilos de sementes de adubação verde (ervilhaca) e 1.300 quilos de batata inglesa. Em relação às mudas, foram distribuídas 31.000 mudas de batata salsa, 3.500 mudas de batata doce, 1.700 mudas de batata yacon, 24 mil mudas de duas variedades de mandioca, 260 quilos de cará e 4.000 mudas de cana. É importante ressaltar que 52% das mudas e sementes foram adquiridas de produções lideradas por mulheres (RESA, 2022).

Com base nos números das sementes distribuídas pelo PECMAP, podemos ter uma ideia da agrobiodiversidade que circula no estado do Paraná. Vale ressaltar a importância das sementes de hortaliças, já que, nas conversas que tive com Talita e Elisângela, ambas relataram dificuldades em encontrar essas variedades. O apoio das instituições públicas foi fundamental para que as ações da sociedade civil pudessem ser realizadas, pois sem o recurso do MPT-PR, grande parte dessas sementes poderia ter sido perdidas durante o período de pandemia.

O projeto emergencial consegue exemplificar a importância dos movimentos populares para a promoção de ações públicas e da conservação da agrobiodiversidade. Ao mesmo tempo, abre debates da importância do apoio do Estado às práticas e conhecimentos das/os agricultoras/es de base familiar. As sementes, além de serem fundamentais para segurança alimentar e nutricional das famílias agricultoras e camponesas constituem laços sociais e culturais. Trocar



sementes é trocar afeto, dividir conhecimento e esperanças, sobretudo, durante o período da pandemia e do isolamento social. Dimensão que explicita o porquê do lema do projeto “semente é vida!”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresento aqui uma síntese dos principais resultados da pesquisa realizada e elementos que podem ser desdobrados em pesquisas futuras. Esta pesquisa buscou analisar como são construídos e compartilhados saberes associados às sementes crioulas entre agricultoras/es da região Sudoeste do Paraná. A condução do trabalho de campo promoveu minha imersão no mundo das sementes crioulas, seja por meio das visitas às propriedades de agricultoras/es ou pela participação em diferentes eventos que tinham como centralidade as sementes.

Analisar a agricultura hegemônica a partir do conceito de Plantationoceno, permitiu compreender como a colonialidade segue operante e se estende sobre o controle das sementes por multinacionais do agronegócio. Também permitiu perceber os enfrentamentos que as famílias agricultoras camponesas, indígenas e quilombolas realizam frente a contaminação por transgênicos e a intensificação do uso de agrotóxicos na região. Pensar essas transformações ambientais a partir do processo de invasão de *Abya Yala* e das instalações das *plantations* é fundamental, especialmente, quando o lugar de pesquisa envolve os territórios de povos que vivem na e da terra. Com as *plantations* se estabeleceu um modo de habitar colonial, baseado na exploração de humanos e não humanos, e que perduram até os dias atuais, basta pensar quais são as pessoas mais atingidas pelas injustiças sociais ou ecológicas no Brasil. As *plantations* devem ser compreendidas como um sistema político, econômico e social, sendo o processo de colonização da região Sudoeste do Paraná parte deste processo histórico.

Também foi possível entender o papel fundamental que as sementes crioulas ocupam no processo de resistência de povos tradicionais, comunidades camponesas e demais povos tradicionais frente às *plantations*. Se de um lado, o Estado brasileiro apoiou a entrada e permanência das sementes industriais, de outro, isso não ocorreu sem a resistência dos movimentos sociais e demais setores da sociedade civil. No que se refere à resistência contra os transgênicos, vale destacar a criação de leis estaduais no Paraná e no Rio Grande do Sul no anos 1990 como estratégia de frear a entrada delas no país.

A pesquisa nos possibilitou compreender que ser uma guardiã/ão de sementes crioulas está relacionado a várias dimensões. Para algumas/alguns, refere-se ao processo de ter soberania e segurança alimentar para sua família e comunidade.

Para outras/os a compreensão de ser uma/um guardiã/ão de sementes está relacionado com a participação nas festas, feiras e jornadas, levando suas próprias sementes para troca, partilha ou comercialização. E nos casos daquelas/es que são considerados como guardiãs/ões por suas comunidades e pelas entidades que prestam apoio técnico, mas não se autoreconhecem como sendo guardiãs/ões, esse fato está relacionado a não possuírem muitas variedades de sementes ou por terem diminuído as áreas destinadas ao cultivo com essas sementes em suas propriedades. Notou-se também que as atividades envolvendo as sementes são praticadas por pessoas mais velhas e que existe um número menor de jovens neste processo.

Outros aprendizados desta pesquisa nos mostram que as relações entre as/os agricultoras/es e as sementes crioulas não se limitam à produção ou a comercialização, são tecidas por meio de afetos, memórias e, inclusive, pelo medo de que as sementes sejam contaminadas por variedades transgênicas. Assim, é na trama entre humanos e não-humanos que essa relação se estabelece.

Sobre a relação das/os agricultoras/es e as sementes crioulas pode-se compreender que há longos processos em cursos, em que os saberes são transmitidos ao longo de gerações, e que acabam se aperfeiçoando com o passar dos tempos, ressaltando a importância desses conhecimentos para as comunidades locais. Dessa forma conseguiu-se observar que as sementes crioulas são um elemento central dos saberes localizados e são uma expressão da interação entre as agricultoras/es e suas realidades. O processo de armazenamento das sementes é resultado do acúmulo desses saberes.

As sementes crioulas são compreendidas como aquelas que estão inseridas nas relações de trocas e partilhas com vizinhas/os, familiares, entidades de apoio etc. Existe ainda uma correlação direta entre as sementes crioulas e o não uso de agrotóxicos, não sendo presenciada o uso desses produtos nesses cultivos.

O processo de contaminação por transgênicos e agrotóxicos, está entre os desafios enfrentados pelas/os agricultoras/es na relação com as sementes crioulas. Outro desafio enfrentado pelas/os agricultores que participaram desta pesquisa refere-se à falta de maquinários adaptados ao cultivo em pequenas áreas, o que requer o trabalho manual, tornando-o fisicamente desgastante, especialmente para pessoas mais velhas.

O principal meio pelo qual ocorre o intercâmbio de sementes crioulas entre as/os agricultoras/es são as feiras e festas das sementes e as jornadas de

agroecologia. Esses eventos são a principal forma pelo qual as/os agricultoras/es têm acesso a uma maior variedade de sementes e são importantes espaços de resistência.

Ao finalizar essa pesquisa, percebo que há temas relacionadas às interações entre agricultoras/es e sementes que poderiam ser investigados futuramente. Uma dessas temáticas é a maior inserção das gerações mais jovens no cultivo das sementes crioulas. Compreender as relações entre jovens agricultoras/es e as sementes crioulas é fundamental, uma vez que eles são os responsáveis por continuar ou não essa atividade, da qual depende, em parte, a manutenção da biodiversidade do planeta.

## REFERÊNCIAS

ALIMONDA, Hector. La colonialidad de la naturaleza: una aproximación a la ecología política latinoamericana. In: ALIMONDA, Hector (org.). **La naturaleza colonizada: ecología política y minería en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2011. p. 21–58.

ARA PYAU. São Paulo: UFMT, 2016. Disponível em: [https://ufmt.br/povosdobrasil/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=155:ara-pyau](https://ufmt.br/povosdobrasil/index.php?option=com_k2&view=item&id=155:ara-pyau). Acesso em: 24 nov. 2022.

AS•PTA. **Rio das Feiras: sementes crioulas, memórias e lutas**. Paraná: AS•PTA, 2021. Acesso em: 25 nov. 2022.

ASSESOAR. Festas das Sementes e Encontro Regional de Agroecologia. **Revista Cambota**, Francisco Beltrão, v. 30, n. 255, p. 09–11, 2004.

ASSESOAR. Quem controla a semente controla o mundo. **Cadernos Assesoar**, Francisco Beltrão, n. 07, p. 15–34, 2009.

ASSESOAR. Rede Ecovida: creditação e certificação participativa. Francisco Beltrão, v. 38, n. 251, p. 26–30, 2002.

BANDEIRA, João Luciano. **A geografia econômica das sementes: dos grandes monopólios ao Sudoeste do Paraná**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2015. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/1145>. Acesso em: 23 fev. 2021.

BARBOSA, Catarina. Massacre de Eldorado do Carajás completa 24 anos: “Um dia para não esquecer”. 2020. **Brasil de Fato**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/17/massacre-de-eldorado-do-carajas-completa-24-anos-um-dia-para-nao-esquecer>. Acesso em: 7 jan. 2023.

BEVILAQUA, Gilberto Antônio Peripolli; ANTUNES, Irajá Ferreira; BARBIERI, Rosa Lia; SCHWENGBER, José Ernani; SILVA, Sergio Delmar Anjos e; LEITE, Daniela Lopes; CARDOSO, Joel Henrique. Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99–118, 2014.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68–80, 2005.

BONNEUIL, Christophe; DEMEULENAERE, Elise; THOMAS, Frédéric; JOLY, Pierre-Benoît; ALLAIRE, Gilles; GOLDRINGER, Isabelle. Outra forma de inovar? a pesquisa ante o surgimento de um novo regime de produção e regulamentação do conhecimento em genética vegetal. In: ZANONI, Magda; FERMENT, Gilles (orgs.). **Transgênicos para quem? agricultura ciência sociedade**. Brasília: MDA, 2011. p. 172–224.

BRANCO, Carlos Frederico. **As araucárias na terra indígena de Mangueirinha: territórios, existências e resistência Kaingang**. 2021. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2021.

Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br:8080/jspui/handle/1/27717>. Acesso em: 14 fev. 2023.

BRAVO, Elizabeth; CÁRCAMO, María Isabel; MANZUR, María Isabel; BRAVO, Elizabeth; CÁRCAMO, María Isabel; MANZUR, María Isabel. Creando redes por una América Latina libre de transgênicos. **Letras Verdes, Revista Latinoamericana de Estudios Socioambientales**, [s.l.], n. 22, p. 166–181, 2017.

BUENO, Juliana Castilho; QUEIROZ, Deise Regina Elias. Técnicas cartográficas aplicáveis ao estudo de emancipações municipais: um enfoque ao Sudoeste do Paraná. **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína, v. 08, n. 16, p. 115–127, 2019.

CAMPOS, Alzira lobo de Arruda; GOMES, Álvaro Cardoso; GODOY, Marília Gomes Ghizzi. OS guarani mbya nos rituais Ara Pyau (Ano Novo): a festa da erva mate. **Humanidades & Inovação**, [s.l.], v. 7, n. 15, p. 418–440, 14 set. 2020.

CARNEY, Judith. Subsistence in the Plantationocene: dooryard gardens, agrobiodiversity, and the subaltern economies of slavery. **The Journal of Peasant Studies**, [s.l.], v. 48, n. 5, p. 1075–1099, 2021.  
<https://doi.org/10.1080/03066150.2020.1725488>.

CARNEY, Judith. ‘With grains in her hair’: rice in colonial Brazil. **Slavery & Abolition**, v. 25, n. 1, p. 1–27, 1 abr. 2004. <https://doi.org/10.1080/0144039042000220900>.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1969. Acesso em: 17 dez. 2022.

CARVALHO, Horacio Martins de. Introdução. In: CARVALHO, Horacio Martins de (org.). **Sementes: patrimônio do povo a serviço da humanidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2003. p. 07–14.

CORONA, Hieda Maria Pagliosa. As estratégias dos agricultores familiares do Sudoeste do paraná frente   moderniza o no campo. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2003. Campinas: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2003. p. 01–26. Acesso em: 23 abr. 2021.

COSTA, Brendo Henrique da Silva Costa. **Jornadas de agroecologia: práticas, saberes e organiza o coletiva camponesa**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Agronomia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2020. Disponível em:  
<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/27210>. Acesso em: 1 jun. 2022.

DEMETRIO, Milena. **Agroindústrias familiares ecológicas e a agrega o de valor alimentar: trajetória de mulheres rurais no desenvolvimento regional**. 2022. (mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2022. Disponível em:  
<http://repositorio.utfpr.edu.br:8080/jspui/handle/1/29893>. Acesso em: 16 fev. 2023.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 34, 2016. Acesso em: 25 ago. 2021.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 25–34.

DUSSEL, Enrique. Sistema mundo y transmodernidad. In: LANDER, Edgardo (org.). **Modernidades coloniales: otros pasados, histórias presentes**. Mexico: El Colegio de México, Centro de Estudios de Asia y África, 2006. p. 201–226.

ECODEBATE. **A destruição das florestas do Paraná e a extinção das onças do Parque do Iguaçu**. 2013. EcoDebate. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2013/10/23/a-destruicao-das-florestas-do-parana-e-a-extincao-das-oncas-do-parque-do-iguacu-por-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

ESCOBAR, Arturo. Worlds and Knowledges Otherwise. **Cultural Studies**, [s.l.], v. 21, n. 2–3, p. 179–210, 2007. <https://doi.org/10.1080/09502380601162506>.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017. Acesso em: 22 ago. 2021.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022. Acesso em: 23 ago. 2022.

FERNANDES, Gabriel Bianconi. **Pesquisa em agroecologia: reflexões a partir do estudo de sistemas locais de conservação e uso de sementes crioulas**. 2020. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: [http://www.hcte.ufrj.br/docs/teses/2020/gabriel\\_bianconi\\_fernandes.pdf](http://www.hcte.ufrj.br/docs/teses/2020/gabriel_bianconi_fernandes.pdf). Acesso em: 18 abr. 2021.

FERNANDES, Gabriel Bianconi. Sementes crioulas, variedades e orgânicas para a agricultura familiar: da exceção legal à política. In: SAMBUICHI, Regina Helena Rosa; MOURA, Iracema Ferreira de; MATTOS, Luciano Mansor de; AVILA, Mario Lucio de; SPINOLA, Paulo Asafe Campos; SILVA, Ana Paula Moreira da (orgs.). **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: Ipea, 2017. p. 327–357.

FERNANDES, Gabriel Bianconi; SILVA, Ana Cláudia de Lima; MARONHAS, Maitê Edite Sousa; SANTOS, Amaury da Silva dos; LIMA, Paola Hernandez Cortez. Transgene Flow: challenges to the on-farm conservation of maize landraces in the brazilian semi-arid region. **Plants**, [s.l.], v. 11, n. 603, p. 1–24, 2022.

FLORES, Edson Luíz. Natureza e industrialização no sudoeste do Paraná. **Revista Faz Ciência**, Francisco Beltrão, v. 11, n. 13, p. n.p, 2000.

FOLHA DE SÃO PAULO. MP intensifica comércio de sementes transgênicas. 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u75317.shtml>. Acesso em: 17 ago. 2022.

FRANCO, José Benjamin Severino. O papel da Embrapa nas transformações do Cerrado. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 31–40, 2001.

GRÍGOLO, Serinei César. **A renovação das estratégias de luta na agricultura: o caso das festas das sementes crioulas no Sul do Brasil**. 2016. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/11267>. Acesso em: 4 jun. 2022.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 80, p. 115–147, 1 mar. 2008. <https://doi.org/10.4000/rccs.697>.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica**, Campinas, v. 3, n. 5, p. 139–146, 2016.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. Acesso em: 28 abr. 2022.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies te encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022. Acesso em: 28 ago. 2022.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p. 07–41, 1995.

HARAWAY, Donna; ISHIKAWA, Noboru; GILBERT, Scott F.; OLWIG, Kenneth; TSING, Anna; BUBANDT, Nils. Anthropologists Are Talking – About the **Anthropocene**. **Ethnos**, v. 81, n. 3, p. 535–564, 26 maio 2016. <https://doi.org/10.1080/00141844.2015.1105838>.

HARAWAY, Donna; TSING, Anna. **Donna Haraway and Anna Tsing Reflect on the Plantationocene**. Madison: [s. n.], 2019.

HENN, Iara Aquino; GRIGOLO, Serinei Cesar. As festas das sementes crioulas: espaço de circulação de conhecimentos e produção de movimentos sociais. **Revista Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento**, n. 10, p. 39–52, 1 dez. 2014. <https://doi.org/10.18542/raf.v0i10.4429>.

IBGE. **Censo Agropecuário 2017**. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censoagropecuario/censo-agropecuario-2017>.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. Acesso em: 27 ago 2022.

KIRKSEY, Eben; HELMREICH, Stefan. A emergência da etnografia multiespécie. **Revista de Antropologia da UFSCar**, São Carlos, v. 12, n. 12, p. 273–207, 2020

LOPES, Helena Rodrigues; ROMANO, Jorge; PETERSEN, Paulo; BITTENCOURT, Thaís. Agro, um mau negócio - Le Monde Diplomatique Brasil • Edição 166 2021. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/agroummaunegocio/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

LOPES, Helena Rodrigues; SCHMITT, Claudia Job; VASCONCELOS, José Maria. Ordens, práticas e fluxos na constituição das sementes crioulas: apontamentos a partir do tecido mundo da Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS) na região de



Sobral-CE. **Desenvolvimento Rural Interdisciplinar**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 143–175, 31 ago. 2019.

LUZZI, Nilsa. O debate agroecológico brasileiro: uma discussão a partir dos EBAAS e da experiência do PTA/ FASE. In: 32° ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2008. Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2008. p. 1–29. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/papers/32/encontro/gt/27/gt41/2/2730/nilzaluzzi/o/debate/file>. Acesso em: 25 jun. 2022.

MCMICHAEL, Philip. A food regime genealogy. **The Journal of Peasant Studies**, v. 36, n. 1, p. 139–169, 2009.

MEDEIROS, Leonildes Servolo de. **História dos Movimentos Sociais no Campo**. Rio de Janeiro: FASE, 1989. Acesso em: 20 out. 2018.

MENASCHE, Renata. **Os grãos da discórdia e o risco à mesa: um estudo antropológico das representações sociais sobre cultivos e alimentos transgênicos no Rio Grande do Sul**. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/3647>. Acesso em: 13 out. 2022.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Barcelona: Icaria Antracyt, 2014. Acesso em: 5 jan. 2022.

MOREIRA, Geraldo; MOREIRA, Wanderley Cardoso. **Calendário cosmológico: os símbolos e as principais constelações na visão guarani**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Universidade Federal do Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: [https://licenciaturaindigena.ufsc.br/files/2015/04/Geraldo•Moreira•e•Wanderlei•Cardoso•Moreira.pdf](https://licenciaturaindigena.ufsc.br/files/2015/04/Geraldo%20Moreira%20e%20Wanderlei%20Cardoso%20Moreira.pdf). Acesso em: 17 dez. 2022.

MOTTA, Renata. Capitalismo global y Estado nacional en las luchas de los cultivos transgênicos en Brasil. **Estudios Críticos del Desarrollo**, [S.l.], v. 6, n. 11, p. 65–83, 2016.

NIEDERLE, Paulo André; SABOURIN, Eric Pierre; SCHMITT, Claudia Job; ÁVILA, Mario Lúcio de; PETERSEN, Paulo F.; ASSIS, William Santos de. A trajetória brasileira de construção de políticas públicas para a agroecologia. **Redes**, Santa Cruz, v. 24, n. 1, p. 270–291, 3 jan. 2019. <https://doi.org/10.17058/redes.v24i1.13035>.

OCHOA MUÑOZ, Karina. El debate sobre las y los amerindios: entre el discurso de la bestialización, la feminización y la racialización. **El Cotidiano**, México, D. F., n. 184, p. 13–22, 2014.

OLANDA, Rosemeri Berguenmaier de. **Famílias guardiãs de sementes crioulas: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade**. 2015. Tese (Doutorado em Sistemas de Produção Agrícola Familiar) – Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3038>. Acesso em: 30 nov. 2022.

- PACKER, Larissa Ambrosano. **Da monocultura da lei às ecologias dos direitos: pluralismo jurídico comunitário-participativo para afirmação da vida camponesa**. 2009. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/23764>. Acesso em: 23 maio 2022.
- PANTALEÃO, Michelle Jorge; SOBRINHO, José Daniel de Freitas. Sementes da vida: camponeses resgatando as sementes crioulas em Goiás. **Agriculturas**, [s.l.], v. 4, n. 3, p. 10–12, 2007.
- PAULA, Nilson Maciel de. **Evolução do sistema agroalimentar mundial**. Curitiba: CRV, 2017. Acesso em: 25 maio 2021.
- PEGORARO, Éverly. Revolta dos posseiros de 1957: consensos e desacordos de algumas interpretações. **Revista IDEAS**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 109–133, 2008.
- PELWING, Andréia Becker; FRANK, Lúcia Brandão; BARROS, Ingrid I. Bergman de. Sementes crioulas: o estado da arte no Rio Grande do Sul. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Piracicaba, v. 46, n. 2, p. 391–420, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0103-20032008000200005>.
- PESCHARD, Karine; RANDERIA, Shalini. ‘Keeping seeds in our hands’: the rise of seed activism. **The Journal of Peasant Studies**, [S.l.], v. 47, n. 4, p. 613–647, 2020. <https://doi.org/10.1080/03066150.2020.1753705>.
- PESSOA, Kaauê; BRANDENBURG, Alfio. Jornada de Agroecologia: a formação e a trajetória de um projeto agroecológico no estado do Paraná. In: BRANDENBURG, Alfio (org.). **Agroecologia e reforma agrária popular: um projeto ecológico das Jornadas de Agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2022. p. 63–112.
- PIAIA, Eliana; WEDIG, Josiane Carine. Mulheres Kaingang e seu saber-fazer artesanal: a interrelação entre cosmologia e conhecimento. **Tellus**, Campo Grande, v. 21, n. 45, p. 171–191, 2021.
- PINHEIRO, Régis de Araujo. **Tecendo olhares aos processos coevolutivos estabelecidos pelas famílias agricultoras guardiãs de sementes e o sistema solo**. 2022. Tese (Doutorado em Sistemas de Produção Agrícola Familiar) – Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/8393>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- PORTO•GONÇALVES, Carlos Walter. Entre América e Abya Yala – tensões de territorialidades. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 20, n. 0, 2009. DOI 10.5380/dma.v20i0.16231. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/16231>. Acesso em: 28 ago. 2022.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117–142.
- RABELO, Amaro Korb. Usina Baixo Iguaçu: uma história de descaso. **Revista Cambota**, Francisco Beltrão, v. 42, n. 272, p. 18–21, 2016.

RESA. **Sementes da agroecologia - sementes da vida: conheça a Rede Sementes da Agroecologia (ReSA) e seja você também uma guardiã ou um guardião de sementes e mudas.** [S.l.]: Rede Sementes da Agroecologia, [s.d.]. Disponível em: <https://br.boell.org/sites/default/files/2021-10/Carilha%20-%20sementes%20da%20agroecologia.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações.** Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, 2015. Acesso em: 22 ago. 2022.

SANTOS, Roseli Alves dos. **O processo de modernização da agricultura no Sudoeste do Paraná.** 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista “Julia de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/105021>. Acesso em: 5 fev. 2022.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). **Raça, Ciência e Sociedade.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996. p. 41–58.

SEYFERTH, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. **MÉTIS: História & Cultura**, Caxias do Sul, v. 11, n. 22, p. 13–39, 2012.

SHIVA, Vandana. **A violência da revolução verde: agricultura, ecologia e política do terceiro mundo.** Lisboa: Mahatma, 2015. Acesso em: 25 jun. 2021.

SHIVA, Vandana. **Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento.** Petrópolis: Editora Vozes, 2001. Acesso em: 14 fev. 2022.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia.** São Paulo: Gaia, 2003. Acesso em: 25 abr. 2022.

SHIVA, Vandana. Women’s indigenous knowledge and biodiversity conservation. **India International Centre Quarterly**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 205–214, 1992.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos CEBRAP**, [s.l.], n. 79, p. 71–94, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>.

STENGERS, Isabelle. **No Tempo das Catástrofes.** São Paulo: Cosac & Naify, 2015. Acesso em: 28 jul. 2022.

SVAMPA, Maristella. **Las fronteras del neoextractivismo en América Latina: conflictos socioambientales, giro ecoterritorial y nuevas dependencias.** Mexico: CALAS, 2019. Acesso em: 1 maio 2022.

TERRA DE DIREITOS, Terra de. Entenda quem é a Via Campesina. 2008. **Terra de Direitos.** Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/entenda-quem-e-a-via-campesina/1040>. Acesso em: 19 jan. 2023.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 17, n. 1, p. 177–201, 25 nov. 2015. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n1p177>.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019. Acesso em: 25 jul. 2022.

ULLOA, Astrid. Dinámicas ambientales y extractivas en el siglo XXI: ¿es la época del Antropoceno o del Capitaloceno en Latinoamérica? **Desacatos**, Ciudad de México, n. 54, p. 58–73, ago. 2017.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2001. Acesso em: 24 jul. 2021.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Impensar las ciencias sociales: Límites de los paradigmas decimonónicos**. 2. ed. México, D. F: Siglo veintiuno editores, 1999. Acesso em: 23 maio 2022.

WANDERLEY, Maria Nazareth. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Piracicaba, v. 52, n. 1, p. 25–44, 2014.

WILKINSON, John; CASTELLI, Pierina German. **A transnacionalização da indústria de sementes no Brasil: biotecnologias, patentes e biodiversidade**. Rio de Janeiro: Action Aid Brasil, 2000. Acesso em: 12 jan. 2022.

WOLFORD, Wendy. The Plantationocene: A Lusotropical Contribution to the Theory. **Annals of the American Association of Geographers**, [s.l.], v. 111, n. 6, p. 1622–1639, 2021. <https://doi.org/10.1080/24694452.2020.1850231>.

## **APÊNDICE A - Roteiro da entrevista**

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

### **Histórico da família com a agricultura**

1. Como começou a sua relação com a agricultura? Quantas pessoas moram na propriedade e qual a idade delas?
2. Para você o que são sementes crioulas?
3. Você se considera uma/ um guardiã/ão?
4. Qual a relação das sementes com a sua família?

### **Conhecimentos**

1. Quais espécies você cultiva? Por que cultiva essas? A quanto tempo cultiva essas espécies?
2. Vocês fazem uso na alimentação ou como medicinal? Quais as espécies vocês mais gostam para esses usos?
3. Com quem (de onde) você conseguiu as sementes que cultiva?
4. Quais técnicas você utiliza para cultivá-las? Como é feita a colheita?
5. De onde provêm seus conhecimentos de sementes crioulas?
6. Quais as principais dificuldades (ameaças) para a conservação dessas variedades?
7. Como você armazena as suas sementes? Existe alguma forma de armazenamento coletivo na sua comunidade?
8. Quais características são consideradas na hora da seleção para o armazenamento?
9. Você considera que as sementes crioulas auxiliam a agricultura camponesa/familiar? De que maneira?
10. Você já teve problema com contaminação de transgênicos?
11. Você percebe alguma ameaça às sementes crioulas? Que tipo de ameaça e como as/os guardiãs/ões enfrentam essas ameaças?

### **Relação Social**

1. Como as sementes crioulas são percebidas por outras agricultoras/agricultores de sua comunidade?
2. Em sua comunidade rural ou em seu município, há outros(as) guardiãs/guardiões de sementes crioulas?

3. Você compartilha seus conhecimentos sobre sementes crioulas com outras agricultoras/es? De que modo e em quais lugares?
4. Você conhece outras/os guardiãs/ões de sementes? Qual a sua relação com elas/es?
5. Você participa de alguma organização camponesa/da agricultura familiar/ de trabalhadoras/es rurais, como associação, sindicato etc., ou de algum movimento social do campo? Qual?
6. Qual o papel das organizações camponesas/da agricultura familiar/de trabalhadoras/es rurais na proteção e difusão das sementes crioulas?
7. Você participa das feiras e festas das sementes? De quais você participou? Como é sua participação nesses eventos? Você as acha importantes?

### **Renda e Comercialização**

1. Você comercializa as sementes crioulas/ grãos? Em quais lugares? Elas são parte significativa da renda familiar?
2. Vocês produzem grãos para comercialização? Eles são transgênicos ou híbridos? Você planta eles perto de onde planta as sementes crioulas? Você faz uso de algum produto químico (fertilizante, herbicida, fungicida ou inseticida) nessa produção ou na sua propriedade?
3. Você comercializa os ovos ou o mel que é produzido das espécies que você guarda?
4. Você comercializou as suas sementes para o programa emergencial de agrobiodiversidade do MPT-PR? Foi significativo financeiramente? O que você mudaria no projeto? Voltaria a participar dele?
5. Você participaria de uma feira na região para poder comercializar as suas sementes/ ovos/ mel?
6. Você teria interesse em tornar a sua produção de sementes como uma forma mais significativa de renda para sua família?